A JORDÂNIA E O SEU REI EM FOCO NO SUPLEMENTO «EXCLUSIVO»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 167 ANO 50.º PREÇO 1$50

UM BIMILIONÁRIO E UM MILIONÁRIO NO CONCURSO DO totoBOLA

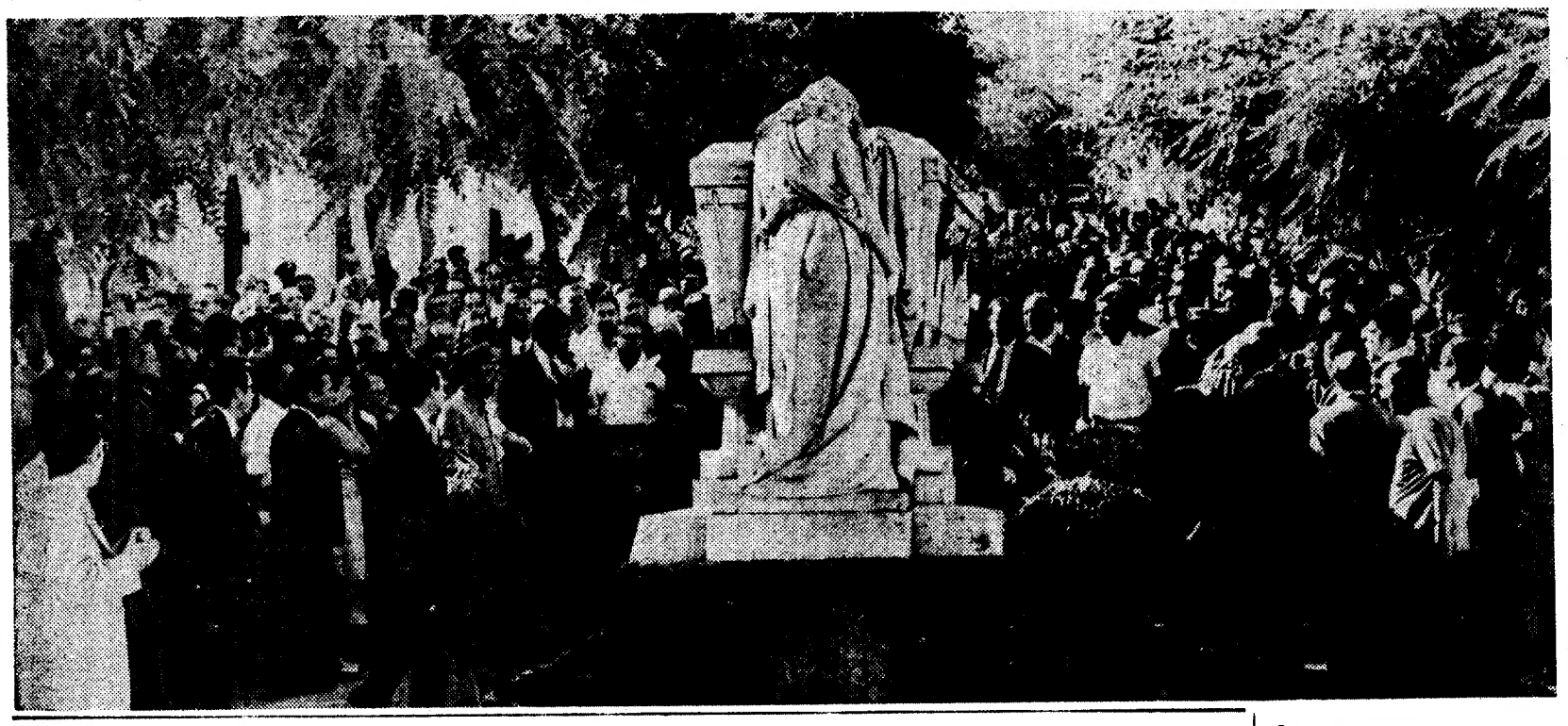
(Ler na última página)

El Sadat —provável sucessor de Nasser

Anwar El Sadat foi escolhido pelo partido único egípcio, a União Socialista Árabe, para suceder ao presidente Nasser. Esta escolha terá de ser confirmada pela Assembleia Nacional e por um plebiscito popular no próximo dia 15. (Ler na pág. 18)

O PAÍS COMEMOROU O 5 DE OUTUBRO

Confraternização republicana



A passagem do 60.º aniversário da Proclamação da Republica foi assinalada em todo o País com diversas cerimónias evocativas, promovidas pelos Centros Escolares Republicanos.

Em Lisboa, a primeira cerimónia — romagem ao tumulo dos fundadores do Movimento no cemitério do Alto de S. João — foi presidida pelo titular da pasta da Marinha, almirante Pereira Crespo, que depôs um ramo de flores no tumulo do vice-almirante Machado Santos, um dos fundadores da Republica.

Aquele membro do Governo foi ali aguardado pelos srs. general Edmundo da Luz Cunha, almirante António Tierno Bagulho e general Norton Brandão, representantes, respectivamente, do Exército, da Marinha e da Força Aérea. Após breve troca de cumprimentos os quatro oficiais-generais dirigiram-se para junto do tumulo do vice-almirante Machado Santos.

Ali encontrava-se formada a guarda de honra constituí-

(Continua na 21.ª página)

Aspecto de uma ras romagens ao cemitério do Alto de São João

O ESTADO E A C. P. DECIDEM O FUTURO DOS CAMINHOS-DE-FERRO

O futuro do transporte ferroviário em Portugal (80 % de passageiros e 20 % de mercadorias) dependerá de negociações em curso actualmente entre o Estado e a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C.P.), segundo anunciou hoje o dr. Mário Murteira, administrador desta empresa, na abertura da reunião do Comité de Estudos Económicos da U. I. C.

Aquele administrador **apresentou uma exposição subordinada ao tema «Perspectivas económicas dos caminhos-de-ferro portugueses» na abertura da reunião que se prolongará até sexta-feira próxima.**

Começou por formular algumas perguntas essenciais:

— *De que forma temos evoluído e qual é a nossa posição presente quanto á integração dos caminhos-de-ferro na economia portuguesa? Quais as possibilidades oferecidas ao transporte ferroviário em Portugal? Quais as condições indispensáveis para que os nossos caminhos-de-ferro estejam em situação de desempenharem cabalmente o seu papel económico social, a médio e a longo prazo?*

Depois de informar que «*o transporte de passageiros representa quase 80% do tráfego total da C. P. (e mais de 60% das receitas), proporção anormalmente elevada que traduz a fraca amplitude do transporte ferroviário de mercadorias*», o dr. Mário Murteira informou:

— *A produtividade da mão-de-obra (unidades de tráfego por milhar de horas de trabalho do pessoal) é da ordem dos 53,6, número que traduz, por um lado, a subutilização da rede ferroviária e, por outro, a necessidade urgente de racionalizar a exploração.*

Prosseguindo, o administrador da C. P. disse:

— *Há que enfrentar a questão de base: o caminho-de-ferro é útil, ou, pelo contrário, produz um serviço que já não interessa á clientela, pelo menos nas condições em que lhe é actualmente oferecido?*

E respondeu:

— *O caminho-de-ferro não detém um monopólio, todos o sabemos hoje. Está enquadrado num mercado cada vez*

(Continua na 22.ª página)

A ACTRIZ INGLESA SUE LLOYD, com um ousado maxi-vestido, quando entrava num cinema londrino onde assistiu á «première» de «Darling Lili».

HOJE 36 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

VÃO SER ALTERADAS AS LEIS SOBRE LIBERDADE RELIGIOSA

A Presidência do Conselho enviou á Câmara Corporativa um projecto de proposta da lei sobre «Liberdade Religiosa». No preâmbulo, após referências á Lei de Separação do Estado das Igrejas, de 1911, a diplomas posteriores e á Concordata, diz-se que «não voltou a tentar-se, depois daquela lei, uma reformulação sistemática das normas fundamentais relativas á liberdade religiosa que a variedade dos diplomas que actualmente regulam a matéria torna conveniente. Por outro lado, o próprio regime fixado para a Igreja católica, hoje constitucionalmente reconhecida como religião da Nação Portuguesa, fez avultar as deficiências do tratamento conferido ás outras confissões». E acentua-se:

«Na prática, estas deficiências fazem-se sentir sobretudo no domínio do direito de Associação. As Confissões religiosas não católicas têm vivido uma situação de mero facto, com prejuízo para elas e para o próprio Estado».

Na Base I do projecto de proposta de lei o Estado «reconhece e garante a liberdade religiosa de nacionais e estrangeiros em todo o território nacional».

A liberdade religiosa, segundo o projecto do novo diploma compreende: O direito de professar ou não uma religião; o direito de não responder a perguntas acerca da religião que professa ou sobre se se professa alguma, a não ser, com carácter confidencial, em inquérito estatístico ordenado por lei; o direito de exprimir convicções pessoais em matéria religiosa; o direito de praticar os actos de culto próprios de qualquer confissão religiosa e de divulgar a respectiva doutrina; o direito á assistência religiosa por ministros da religião professada; o direito a receber sepultura de harmonia com os ritos da confissão que se professa, segundo as disposições tomadas pelo próprio ou pelos seus familiares; o direito de os pais, ou quem suas vezes fizer, decidirem sobre a educação religiosa dos filhos menores de 16 anos; o direito de instalar templos ou outros locais destinados á prática do culto; o direito de reunião para a prática comunitária do culto ou para outros fins específicos das confissões religiosas; o direito de organização das confissões religiosas e de constituição de associações para assegurar o exercício do culto; e a não discriminação por motivo de convicções religiosas, não podendo ninguém, por causa delas, ser perseguido, privado de um direito ou isento de qualquer obrigação ou dever cívico.

Não pode ser imposta a assistência a actos religiosos

Entre as restrições referidas no projecto figuram as seguintes:

Os direitos de expressão, de prática, de educação e de ensino, de reunião e associação em matéria religiosa não são reconhecidos ás confissões cuja doutrina ou os actos de culto sejam incompatíveis com a vida e a integridade da pessoa humana, os bons costumes, os direitos e interesses da soberania portuguesa ou os princípios fundamentais da ordem constitucional. Não são consideradas religiosas as actividades que consistam na produção, no estudo ou na divulgação ou interpretação dos fenómenos metapsíquicos ou parapsíquicos.

Por outro lado, acentua-se no projecto do diploma: o Estado não tem religião própria, as suas relações com as organizações correspondentes ás diversas confissões religiosas assentam no regime de separação; os maiores de 16 anos têm direito a escolher a sua religião e a inscrever-se livremente nos cursos de religião moral; o ensino da religião e moral nas escolas públicas só será ministrado aos menores de 16 anos cujos pais ou quem suas vezes fizer expressamente o desejarem; a inscrição em estabelecimento de ensino mantidos por organismos ou associações com carácter religioso implica a presunção da aceitação do ensino da religião e moral dessa confissão, salvo declaração pública em contrário dos respectivos dirigentes.

A assistência a actos de culto religioso, incluindo os celebrados em unidades militares ou em estabelecimentos públicos, é livre, não podendo ser imposta a militares ou civis. Poderão, todavia, os actos de culto religioso estar previstos em internatos educativos ou de formação, com carácter obrigatório para menores de 16 anos cujos pais ou encarregados de educação não houverem pedido isenção.

Na parte final do projecto de diploma, prevê-se que o ministro do Interior possa determinar que cessem as actividades da confissão cuja organização actue por forma ilícita ou se dedique a actividades estranhas aos fins próprios das confissões religiosas.

É reconhecido o direito de sigilo aos ministros de qualquer confissão religiosa.

INAUGURADA EM LUANDA A FEIRA INTERNACIONAL

• PARTICIPAM 590 EXPOSITORES

LUANDA, 6 — (A. N. I.) — A Feira Internacional de Luanda («Filda») — o maior certame do género do Ultramar português — foi ontem inaugurada, pelo ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, que foi recebido, á entrada, pelo eng. António Garcia Castilho, presidente da direcção da Associação Industrial de Angola.

A «Filda» integra ainda um «Salão de Inventores», organizado em colaboração com a Associação Portuguesa de Inventores.

O Consulado Geral dos Estados Unidos expõe uma cópia do módulo lunar.

Angola tem 220 expositores, Moçambique 40, a Metrópole 52, a Alemanha 53, a Inglaterra 45, os Estados Unidos 37, a Itália 34, a França 30, o Japão 18 e a Africa do Sul 15.

A Rodésia — único país representado com um pavilhão oficial — regista ainda a presença de 46 expositores particulares.

Começou o I Congresso de Povoamento e Promoção Social

«Continuaremos simultaneamente a estimular a fixação de novos elementos populacionais, aproveitando as lições da nossa longa experiência, com que já se revelaram inadequados ou demasiados dispendiosos» — afirmou o ministro do Ultramar, prof. Silva Cunha, ao inaugurar, ontem, o Congresso de Povoamento e Promoção Social, em Luanda.

O ministro do Ultramar, ao presidir á abertura solene do Congresso que, a partir de hoje permitirá a vários especialistas o estudo e discussão de mais de 50 teses, fez algumas considerações «com o objectivo de esclarecer conceitos e orientações sobre as actividades que tem por fim povoar e fazer promoção social».

Dr. Luciano Barata

Mantém-se estacionário o estado de saude do sr Dr. Luciano Barata, figura de relevo como jurisconsulto e democrata, que permanece na sua casa Casal de Santo António (Sintra).

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

A Taluda do Outono
61459 - 9.000 CONTOS
Foi vendida pelo
CAMPIÃO
Na próxima 6.ª-Feira
6.000 CONTOS POR 400$00
600 CONTOS POR 40$00
JOGUE NO
CAMPIÃO
A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO MUNDO

MARIA DA FÉ
a partir de 6.ª-feira, no
«LUSO»
com um grande elenco
21.30 — 24.00
espectáculo de folclore
das 0.30 às 3.30
o fado no seu ambiente
Trav. da Queimada, 10
Telefs. 362889-328503
Cozinha portuguesa — internacional

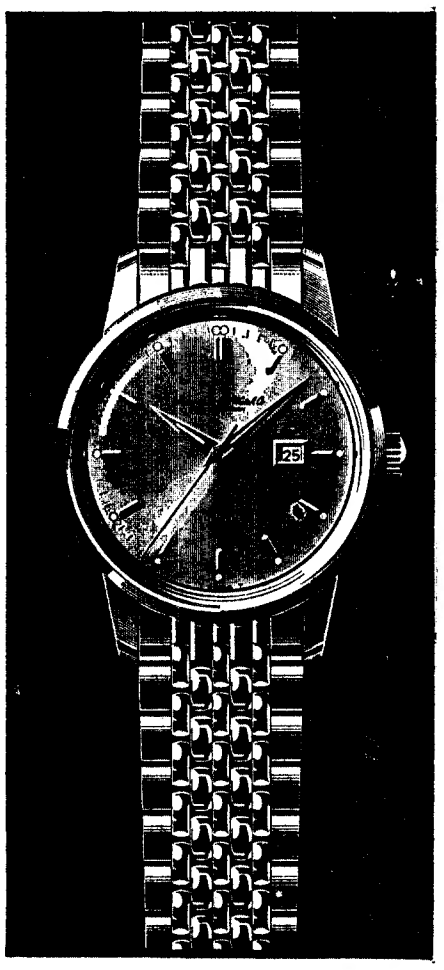
30 AGENTES DA KELVINATOR EM MADRID

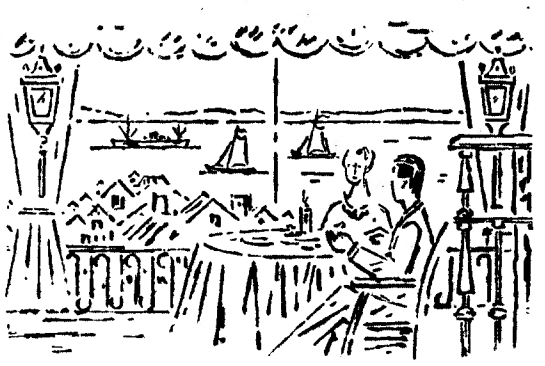
Trinta agentes da Kelvinator partiram ontem para Madrid num avião da TWA e a convite da Sequel — Sociedade de Equipamentos Eléctrica, SARL —, representante em Portugal daquela marca. Durante a sua permanência em Espanha terão oportunidade de visitar as instalações das fábricas Kelvinator, em Getafe, e as linhas de montagem de frigoríficos, máquinas de lavar roupa e louça e da vasta gama de material de refrigeração daquela empresa. O regresso a Lisboa está previsto para o próximo sábado.

ATIROU-SE AO TEJO E DESAPARECEU

Em frente do edifício da Capitania do Porto de Lisboa, um homem despojou-se de parte do vestuário e atirou-se ao Tejo, em cujas águas desapareceu para não mais ser visto.

Não se sabe ainda a respectiva identidade e a Polícia Marítima procede a pesquisas para encontrar o corpo.

IWC Ingénieur
Anti-magnético.
Mantém toda a precisão IWC mesmo em campos magnéticos de 80.000 ampères/metro.
Automático estanque até uma profundidade de 120 metros (12 atm.).
Puxando a coroa, consegue-se parar o ponteiro dos segundos o que facilita o acerto exacto por um sinal horário.
O relógio recomendado para os físicos nucleares, os pilotos, os técnicos e os desportistas.

IWC
International Watch Co.
Schaffhausen/Switzerland
Em ouro de 18 quilates Ref.ª 866 AD com correia de crocodilo=12.700$00. O mesmo modelo em aço Ref.ª 866 AD com pulseira de aço=5.120$00
A VENDA NAS MELHORES OURIVESARIAS E RELOJOARIAS DO PAIS

Varanda do Chanceler

SALA RESERVADA AO JANTAR
PARA A AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
"Atlantica"

UM ESTILO NOVO NA GUERRA RACIAL

CHICAGO — A violência racial nas cidades americanas está a entrar numa fase nova e mais dolorosa: uma guerra de guerrilhas entre os jovens negros e a polícia branca, em que ambas as partes se mostram impiedosas.

«O que parece estar a acontecer», declara um observador, **«é uma guerra, um conflito e... nenhum dos lados parece disposto a negociar».** Os negros sentem-se cada vez mais inclinados a considerar a polícia como um exército de ocupação e estão dispostos a tornar-se mártires na batalha que travam contra ela.

Robert C. Maynard, um repórter negro do «Washington Post», viajou este Verão através da América a fim de tomar pessoalmente contacto com o estado de espírito dos revolucionários negros. As conclusões a que chegou não deixam antever para breve uma trégua na nova guerra racial da América.

Por ROBERT C. MAYNARD
(Exclusivo «The Washington Post» — «D. L.»)

Mais um verão se passou sem que a América fosse de novo teatro de incêndios em grande escala dos *ghettos*, à semelhança do que acontecera em anos anteriores. Todavia, os meses de Estio deste ano serviram para demonstrar que a tensão racial que há muito aflige as cidades do país está a assumir um aspecto novo e mais violento: guerra de guerrilhas entre jovens negros e a polícia.

Ao contrário do que aconteceu durante os tumultos generalizados dos anos 60, os motins ocorrem actualmente em zonas limitadas, tais como, por exemplo, perto de uma esquadra de polícia ou do escritório de uma organização negra. Os resultados são agora, porém, muito mais trágicos, pois existe presentemente um ódio recíproco e ambas as partes estão mais do que nunca dispostas a servir-se de armas de fogo.

Em Chicago, dois polícias brancos cuja missão era estabelecerem relações amistosas com jovens pretos, atravessavam um campo de «baseball», quando se ouviram dois tiros de carabina. Os polícias caíram por terra, mortalmente feridos, e quando os seus camaradas chegaram para os socorrer foram igualmente recebidos a tiro.

Num dos bairros pobres mais turbulentos de Houston, o «leader» de um grupo organizado à maneira dos «panteras negras» ia atravessar uma rua vigiada por cinco polícias brancos, entricheirados no telhado de uma igreja, os quais estavam encarregados de descobrir possíveis atiradores. Os agentes dispararam dois tiros e o negro caiu mortalmente atingido, enquanto que o seu companheiro ficou ferido.

«*O que parece estar a acontecer é uma guerra, um conflito entre a polícia branca e os membros da comunidade negra*», declarou o dr. John P. Spiegel, do Centro Lember para o estudo da violência. «*Nenhuma das partes parace estar disposta a negociar*».

«*Estes jovens têm de seguir o seu caminho, pois a minha geração tentou e nós fracassámos*», afirma Timothy Holland, um sociólogo negro de Nova Bedford, Massachussetts. A sua filha, de 15 anos de idade, foi ferida quando, no decurso de uma desordem nessa cidade, foi disparado um tiro do interior de um carro ocupado por brancos, tendo morrido um jovem negro. (Quatro jovens brancos foram acusados de assassínio).

«*Dissémos que podíamos fazer com que o sistema resultasse e afinal ele não resultou nem para nós nem para os nossos filhos*», afirma ainda Holland. «*Por isso, eles estão agora a fazer as coisas à sua maneira.*»

O «sistema» do racismo como uma instituição continua, na opinião de muitos jovens negros, a negar-lhes as coisas a que aspiram: educação, empregos, casa, justiça imparcial, uma identidade negra. Por isso opuseram-se às tentativas dos pais no sentido de operar uma alteração a partir de dentro.

A polícia está preparada. Depois de um agente ter sido morto em Filadélfia, tendo a sua morte sido atribuída a «revolucionários negros», o comissário Frank Rizzo desafiou os negros nestes termos:

«*Se tiverem um pouco de coragem virão ter comigo para combinarmos um ajuste de contas. Até lhes daremos alguma vantagem. Enviaremos menos homens do que aqueles com que eles podem contar e com menos armas.*»

Os negros estão preparados. Após a morte do «leader» negro em Houston, venderam-se cartazes com a sua fotografia. Um dos jovens declarou, no seu «centro de informações», que «*cada dia que passa mais pessoas aderem á nossa causa e eles não podem impedir-nos de conseguir isso, apesar de todos os seus esforços*».

Das visitas efectuadas a diversas

(Continua na 18.ª página)

NOTA do dia

OS DEDOS E ANÉIS

OS OITO MIL PORTUGUESES que o ministro dos Negócios Estrangeiros referiu estarem actualmente fixados no Luxemburgo são uma amostra do problema. No pequeno grão-ducado, com uma população de trezentos e tal mil habitantes, a participação dos nossos emigrantes é, desse modo, qualquer coisa como 2,5 por cento, o que manifestamente é um peso. Sem se dispor, no momento de escrever, de informação específica, estabelece-se a suposição de que na sua maior parte os nossos oito mil são trabalhadores agrícolas, alguns na esperança de poderem transitar para o sector industrial onde o pequeno país, pela concentração dos meios, faz figura de grande potência.

Quando se diz «grande potência», naturalmente isto faz sorrir se é do Luxemburgo que se está a falar. O certo é que só faz sorrir quem não relacione o que é o valor das suas instalações siderúrgicas, cuja capacidade de produção anual vai a perto de setenta milhões de toneladas. Sede da C. E. C. A. (Comunidade Europeia do Carvão e do Aço), parceiro do Mercado Comum com o qual Portugal pediu para encetar negociações com vista a um «modus vivendi» especial, que não seja o da adesão, o pequeno Luxemburgo é, do ponto de vista económico, um país com dimensão bastante para absorver aqueles milhares dos nossos emigrantes.

O mercado europeu do trabalho foi aquele a que primeiro aderimos, aliás sem protocolo. A França, a Bélgica, a própria Suíça, agora a amostra do Luxemburgo, fora o resto, são pontos de atracção e fixação de gente nossa, gente que trabalha e faz dinheiro, que aprende coisas úteis que não sabia, que alcança uma experiência diferente, que se valoriza em relação a si própria. Tudo isto está dito, todos os seus reflexos estão pensados, pesados e medidos, toda a gente sabe falar dos «invisíveis» cuja entrada é hoje um dos canais de segurança da nossa balança de pagamentos. O emigrante manda o seu dinheirito à família, que por cá ficou, ao fim da época vem à terra, traz o seu automóvel, vem botar figura.

Mas por quanto tempo? Não estamos a perguntar por quanto tempo durará esta corrente migratória de saída, que quem nos dera ter condições de estancar, seria bem bom sinal mas não se vê. No que estamos a pensar é no condicionalismo actual da nossa emigração, de que na maior parte dos casos, ao menos por enquanto, vai o homem e fica o resto. Por quanto tempo? Por quanto tempo é que se poderão ter como certas essas raízes que nos prendem? Por quanto tempo é que o nosso emigrante estará a trabalhar lá longe e a juntar os seus tostões para os trazer para a terra e com eles comprar pequena propriedade de lavoura ou mandar fazer casa nova onde possa instalar-se com mais cómodos e segurança?

O quadro pode mudar de um momento para outro. Basta que o emigrante dê conta de que as condições locais lhe podem oferecer sugestões novas. Nalgumas regiões francesas, grupos de emigrantes portugueses estão a associar-se na tentativa de fazerem aí mesmo a aplicação das suas economias, comprando terrenos para revenda ou procurando outros aspectos de passar a uma segunda fase, que não é já a de ganhar dinheiro com o seu trabalho, mas a de ganhar mais dinheiro com o seu dinheiro. E aí não custa ver que a atitude passa a ser diferente. Esses chamam as famílias, passam a ter lá longe a sede dos seus interesses, as novas raízes, e o «cá em baixo», que somos nós, passa a ser uma recordação cada vez mais remota que se mata cada vez mais distraidamente.

Estão aqui muitos aspectos para que é preciso olhar ao mesmo tempo. Isto encerra a ameaça de se estancar ou pelo menos de se atenuar o afluxo benéfico de divisas que tem estado a ser drenado do exterior para a nossa circulação interna. E é grave, como se entende, mas de uma gravidade transitória. Do ponto de vista nacional talvez mais grave seja esse despaisamento, esse quebrar de laços sentimentais, esse afastamento que pode ser definitivo de tantos braços úteis e decididos que procuram a sua felicidade na sua aplicação ousada e empreendedora e que com isso se realizam seja onde for e seja como for. Até aqui, iam-se-nos os dedos mas ficavam os anéis. E agora se nos vão também os anéis?

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Limpeza e Restauro de Carpetes
Consulte os serviços especializados da FABRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: Rua Conde Redondo 64, 2.º, Dir — Telef 59288.
Orçamentos grátis

Novo produto para DEIXAR de fumar
Recomendadas por distintos médicos portugueses, as drageias «FUMANO» eliminam eficazmente a necessidade de fumar e são inofensivas. Preço a pronto 375$00, ou em 2 mensalidades de 200$00 cada. Pedir o produto á cobrança ou folhetos elucidativos grátis aos unicos distribuidores: Zemig Departamento Distribuidor.
Estabelecimento: Rua de S. Dinis, 594 — Porto — Telef. 67272.

MARIA AMÉLIA (Visagista)
e sua colaboradora
NATÁLIA
ISABEL (Cabeleireira)
BÈLINDA e FÁTIMA
MARIA JOSÉ (Manicure)
Ex-colaboradora da casa
NOGUEIRA
ODETTE (Loura)
Ex-colaboradores da casa
BRUNA
participam que estão ao seu dispor no Novo Instituto
Rua Dr. António Cândido, 2-1.º
LISBOA
a S. Sebastião da Pedreira

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, na gare do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

TIVOLI CONCERTOS DA EMISSORA NACIONAL 1970/71

6 de Outubro de 1970	17 de Outubro de 1970	24 de Outubro de 1970	31 de Outubro de 1970	7 de Novembro de 1970
EFREM KURTZ maestro **NELLA MAISSA** pianista	**ALVARO CASSUTO** maestro **MARGARET TYNES** soprano	**SILVA PEREIRA** maestro **ALDO CICCOLINI** pianista	**PIERO BELLUGI** maestro	**PIERO BELLUGI** maestro **KATHARINA HEINZ** pianista
Egmont (abertura) BEETHOVEN 4.º Concerto BEETHOVEN 5.ª Sinfonia BEETHOVEN	Wozzeck (suite) ALBAN BERG 4.ª Sinfonia MAHLER	2 Retratos BARTOK 2.º Concerto PROKOFIEFF Viagens na minha Terra (1.ª audição mundial) LOPES GRAÇA Bolero RAVEL	Orfeu (1.ª audição) STRAVINSKY 6.ª Sinfonia BEETHOVEN	Manfredo SCHUMANN 2.º Concerto BRAHMS
14 de Novembro de 1970	**21 de Novembro de 1970**	**28 de Novembro de 1970**	**5 de Dezembro de 1970**	**16 de Dezembro de 1970**
PIERO BELLUGI maestro **SYLVIA MARCOVICI** violinista	**PIERO BELLUGI** maestro **ROBERTO SZIDON** pianista	**PIERO BELLUGI** maestro **CORO GULBENKIAN** **Jennifer Smith** soprano **Carmélia Ambar** contralto	**FREDERICO DE FREITAS** maestro **CORO DO TEATRO DE S. CARLOS** **Elsa Saque** **Helena Cláudio** **Armando Guerreiro** **José Lopes** **Fernando Serafim** **Alvaro Malta** cantores	**EFREM KURTZ** maestro **ORFEÃO DE PAMPLONA** **Zuleika Saque** **Maureen Guy** **John Mitchinson** **Kurt Widmer** cantores
De Profundis (1.ª audição mundial) ALVARO CASSUTO Nemos (1.ª audição mundial) JORGE PEIXINHO Sinfonia espanhola LALO Danças Polacas CHABRIER	Colas Breugnon (1.ª audição) KABALEWSKY Prometeu (1.ª audição) SCRIABINE Concerto (1.ª audição) SCRIABINE 2.ª Suite STRAVINSKY	2.ª Sinfonia (1.ª audição) MAHLER	Sinfonia n.º 88 HAYDN A Igreja do Mar FREDERICO DE FREITAS	2.ª Sinfonia BEETHOVEN 9.ª Sinfonia BEETHOVEN

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

27 de Fevereiro de 1971	6 de Março de 1971	13 de Março de 1971	20 de Março de 1971	27 de Março de 1971
PAUL TORTELIER maestro e violoncelista	**FRITZ RIEGER** maestro **MARIA TIPO** pianista	**FRITZ RIEGER** maestro **MARIA MALAFAIA** cravista	**FRITZ RIEGER** maestro	**FRITZ RIEGER** maestro e pianista **SEQUEIRA COSTA** **TANIA ACHOT** pianistas
3.º Concerto Brandeburguês BACH Concerto em ré maior HAYDN O Grande (1.ª audição) TORTELIER Serenata DVORAK	Sinfonia n.º 102 HAYDN Concerto K 595 MOZART 4.ª Sinfonia (1.ª audição) KABELAC	Sinfonia n.º 1 WEBER Suite concertante ARMANDO FERNANDES Sinfonia de câmara (1.ª audição) SCHÖNBERG	4.ª Sinfonia SCHUBERT Rosamunda SCHUBERT 5.ª Sinfonia SCHUBERT	Grande Fuga op. 133 BEETHOVEN Concerto em dó maior para 2 pianos BACH Concerto em dó maior para 3 pianos BACH

ACADEMIA DE INSTRUMENTISTAS DA EMISSORA NACIONAL

	ASSINATURA para os 15 concertos	AVULSO 1.º ao 9.º	AVULSO 10.º	AVULSO 11.º ao 15.º
Plateia	450$00	50$00	80$00	40$00
1.º Balcão — filas C a I	350$00	40$00	60$00	30$00
2.º Balcão — Fila A	250$00	30$00	40$00	20$00
— filas B a G	150$00	20$00	30$00	15$00

Às 18.30 horas

ESPECTACULOS PARA TODOS

Hoje — Último dia da assinatura reservada aos assinantes da temporada anterior

Amanhã e depois — Assinatura livre

Dia 9 e seguintes — Avulso para qualquer dos concertos

O bicentenário de Beethoven na E. N.

Começam no próximo sábado, ás 18 e 30, os concertos habitualmente promovidos pela Emissora Nacional, no Tivoli, de Outubro a Abril. O maestro Efrem Kurtz assegurará os dois concertos consagrados inteiramente a Beethoven, no ano do bicentenário do seu nascimento, dirigindo a abertura «Egmont», e «4.º concerto para piano», sendo solista Nella Maissa, e a «5.ª Sinfonia», no programa inaugural da temporada; e a «2.ª Sinfonia» e a «9.ª Sinfonia», em Dezembro, com a participação do Coro de Pamplona e solistas de renome internacional. Serão ainda tocadas a Sinfonia «Pastoral» e a Grande Fuga», de Beethoven, interpretadas, respectivamente, por Piero Bellugi e Fritz Rieger. Nestes concertos, é dada, também, a devida importância á música portuguesa, estando fixadas três estreias mundiais — «De Profundis», de Alvaro Cassuto, «Viagens na minha Terra», de Lopes Graça, e «Nemos», de Jorge Peixinho. Entre os solistas, figuram nomes como os de Aldo Ciccolini, Katharina Heinz, Sylvia Marcovici (premiada recentemente no Concurso de Bruxelas), Maria Tipo, Roberto Szidon, Paul Tortelier, o duo Sequeira Costa-Tania Achot, Maria Malafaia (solista na «Suite Concertante», de Armando Fernandes) e os cantores Zuleika Saque, Maureen Guy, John Mitchinson, Kurt Widmer (para a «9.ª Sinfonia»), Elsa Saque, Helena Claudio, Armando Guerreiro, José Lopes, Fernando Serafim, Alvaro Malta (para a realização da «Igreja do Mar», de Frederico de Freitas), Margaret Tynes (na audição da «4.ª Sinfonia», de Mahler) e, ainda, Jennifer Smith e Carmélia Ambar, na estreia em Portugal da «2.ª Sinfonia» de Mahler. Apresenta-se, também, nestes concertos, um jovem regente português — Alvaro Cassuto (num programa dedicado a Alban Berg e Gustav Mahler). Obras do repertório habitual, como o «Bolero» de Ravel, no programa do maestro Silva Pereira, a «Sinfonia Espanhola», de Lalo, e o «2.º Concerto» de Brahms, num dos cinco programas confiados ao director-titular da Orquestra, maestro Piero Bellugi; concertos e sinfonias de Bach, Haydn, Mozart e Schubert, nos concertos dirigidos por Frederico de Freitas, Paul Tortelier e Fritz Rieger, completam a tradicional temporada de concertos da Emissora Nacional.

IMAGEM DO DIA

O êxito de O CLÃ DOS SICILIANOS no mundo, que é uma realidade que não se pode esquecer, deve-se não só à grande categoria do argumento, na verdade empolgante, mas também a uma interpretação assombrosa em que se destacam quatro artistas de altíssima classe: JEAN GABIN, ALAN DELON, LINO VENTURA E IRINA DEMICK. Entrou ontem em «2.ª SEMANA» no TIVOLI.

BELCANTO
RESTAURANTE BAR

SARAIVA, como habitualmente, tem a honra de convidar todos os seus Clientes e Amigos a assistir amanhã, 7/X/70, ao Cocktail do Aniversário Belcanto.

HARKNESS BALLET
DE NOVA-YORK

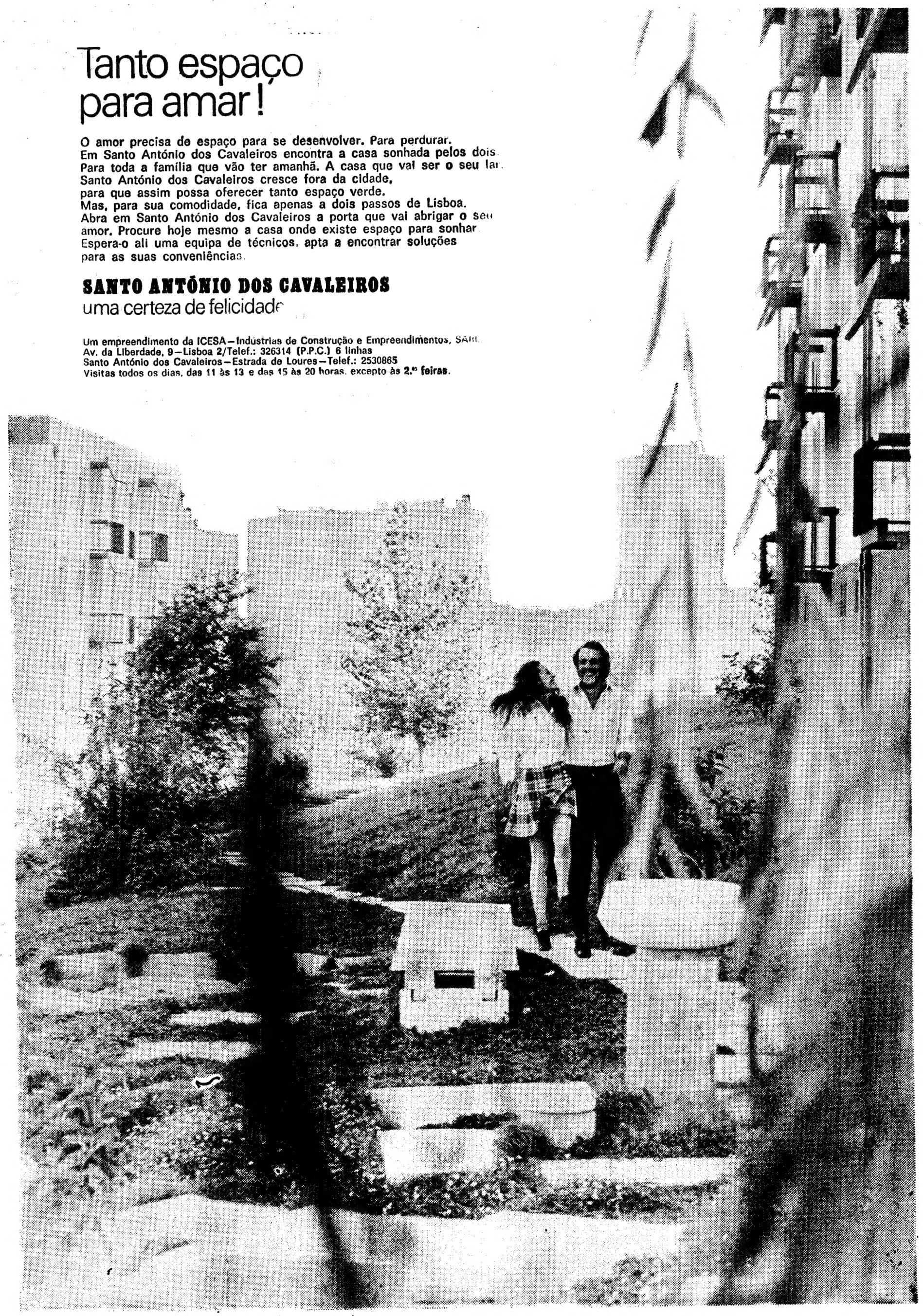
A PARTIR DE 5.ª-FEIRA em ESTREIA
8 ÚNICOS DIAS
NO TEATRO MONUMENTAL
(MAIORES DE 12 ANOS) TELEF. 55 51 33
BILHETES À VENDA
SOLISTAS — CORPO DE BAILE — ORQUESTA SINFÓNICA

Tanto espaço para amar!

O amor precisa de espaço para se desenvolver. Para perdurar.
Em Santo António dos Cavaleiros encontra a casa sonhada pelos dois.
Para toda a família que vão ter amanhã. A casa que vai ser o seu lar.
Santo António dos Cavaleiros cresce fora da cidade,
para que assim possa oferecer tanto espaço verde.
Mas, para sua comodidade, fica apenas a dois passos de Lisboa.
Abra em Santo António dos Cavaleiros a porta que vai abrigar o seu amor. Procure hoje mesmo a casa onde existe espaço para sonhar.
Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar soluções para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA — Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL
Av. da Liberdade, 9 — Lisboa 2/Telef.: 326314 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros — Estrada de Loures — Telef.: 2530865
Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.



O Salão Restaurante está reservado hoje para a realização do jantar comemorativo do IV Rallye TAP e distribuição dos prémios aos concorrentes mais bem classificados.

Os clientes habituais serão atendidos no Wonder-Bar.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Praça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

TAUROMAQUIA

NO CAMPO PEQUENO

No Campo Pequeno

A porta fechada, e aberta para os convidados do sr. J. Pimenta, que encheram o Campo Pequeno, lidaram touros do sr. Rui Gonçalves os cavaleiros Manuel Conde, com sua maestria, e Luís Miguel da Veiga, com arte fina e pleno êxito, ambos com voltas á arena com os Amadores do Montijo.

Da Sociedade Agrícola de Santo Estêvão foram os lidados por Amadeu dos Anjos, aplaudido e com volta á arena, e Ricardo Chibanga, este com ovações e voltas repetidas. Todos brindaram ao sr. Pimenta e seus colaboradores, e mais não dizemos porque a semana tauromáquica nos toma o tempo.

Prestou provas o novilheiro Pepe Vultos.

José Falcão volta a Caracas

Foi atribuído o troféu Cristo de Provetua ao matador de touros José Falcão, que assim ganhou o direito de voltar novamente a Caracas, no dia 18 de Outubro, e alternando com Paco Camino.

Feira de Vila Franca

A segunda corrida da Feira de Vila Franca teve uma enchente, e nela se lidaram, a cavalo, touros de Jorge Tomás da Costa e, a pé, das senhoras Paulinas, como se diz por aqui. Uns e outros, com tipos vários e várias condições, dificultaram o êxito dos cavaleiros José Mestre Batista e Gustavo Zenkle e dos pegadores da terra, que, apesar de tudo, deram voltas á arena. José Júlio exibiu suas faculdades de bandarilheiro no seu primeiro, e foi aplaudido com capa e muleta, dando volta á arena, e José Simões, regressado do México com novos valores, mereceu ovações e triunfais voltas á arena, e merece ser visto nste final de temporada.

Esta noite, última da Feira, reaparece José Lupi, que, com o homónimo Mestre Baptista, lidará touros de João Núncio, sendo de Pinto Barreiros os dos «espadas» Manolo Cortes, andaluz, e Mário Coelho, toureiro da terra. Pegam os Amadores de Lisboa, do empresário Nuno de Salvação Barreto.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ADULTOS

TEATRO ABC
Tel. 366745

HOJE: 2 SESSÕES: Às 20 e 45 e 23 h.

A FABULOSA SUPER-REVISTA
ALTO LÁ COM ELAS!

Com os popularissimos actores
CAMILO e IVONE

O MELHOR ESPECTACULO DO ANO produção de JOSÉ MIGUEL

a plástica sensacional de
IO APOLONI

a voz de ouro de
TONY DE MATOS

LINDA SILVA

ORLANDO FERNANDES ● VITOR ESPADINHA (no «compère»)
30 MULHERES FASCINANTES!

SOCIEDADE DE CONCERTOS DE LISBOA

Inauguração da temporada de 1970/71, no dia 15 do corrente, ás 18,30, no Tivoli com um recital pelo grande violinista LEONID KOGAN, acompanhado ao piano por Naum Walter.

Para esta temporada foram ainda contratados os seguintes solistas e conjuntos de nível excepcional:

10/12/70 — Duo ULF HOELSCHER (violino)-ROBERTO SZIDON (piano)
2/ 2/71 — QUARTETO PROKOFIEFF, constituído pelas solistas Lina Gouberman, Ludmila Granova, Galina Odinet e Kira Tsvetkova
16/ 3/71 — Pianista NIKITA MAGALOFF
13/ 4/71 — Pianista EMIL GDILLELS
20/ 4/71 — ORQUESTRA SINFÓNICA DE PRAGA, sob a direcção do maestro WACLAV NEUMANN
3/ 5/71 — ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL, sob a direcção do maestro DE WART e a colaboração do pianista ANDRÉ TCHAIKOWSKI
10/ 5/71 — Recital pelo pianista ANDRÉ TCHAIKOWSKI
17/ 5/71 — Recital pelo violinista TRETIAKOFF

(Maiores de 6 anos)

ASSINATURAS DAS 11 ÀS 13 E DAS 15 ÀS 18 H. NA RUA DAS FLORES, 77 r/c.—Frente—Telef. 35830

COLISEU

HOJE, ás 21.30
(Maiores 12 anos)
Companhia Internacional de Circo
e as suas famosas atracções, vindas das principais pistas da Europa.
PALHAÇOS INTERNACIONAIS
TARDES: QUINTAS-FEIRAS SÁBADOS E DOMINGOS, às 16 horas, entrada gratuita às crianças dos 6 aos 10 anos
TODAS AS NOITES, às 21.30
Bilhetes à venda

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

HOJE, ÀS 21 e 45
continua por mais
7 ÚLTIMOS DIAS
antes da partida para Madrid
a TRIUNFAL CARREIRA
DA DIVERTIDISSIMA SÁTIRA

A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ

(Maiores de 17 anos)
PROD. DE IGREJAS CAEIRO

VILA FRANCA DE XIRA

M/ 6 ANOS
GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS
POR OCASIÃO DA GRANDE FEIRA ANUAL

HOJE, 6 DE OUTUBRO, ÀS 21.45 H.
M/ 12 ANOS

CAVALEIROS
MESTRE BATISTA — J. SAMUEL LUPI
O TRIUNFADOR DA ÉPOCA — FINALMENTE EM PORTUGAL

ESPADAS
MANOLO CORTÉS — MÁRIO COELHO
A extraordinária figura do toureio espanhol — O fino toureiro de Vila Franca

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
CABO — NUNO SALVAÇÃO BARRETO

4 TOIROS DE JOÃO BRANCO NÚNCIO
4 TOIROS DE PINTO BARREIROS (HERD.)

4.ª-FEIRA 7 — GRANDIOSO ESPECTÁCULO TAURINO

EMOCIONANTES ESPERAS DE TOIROS, ÀS 10.30 H.
BILHETEIRAS — AG. ABEP — RESTAURADORES — TABACARIA FREITAS — 1.º DEZEMBRO 85 — E EM VILA FRANCA NOS LOCAIS DO COSTUME

JOSÉ VIANA

AIDA BAPTISTA

MARIA VITÓRIA
(CAPACETES)
BREVEMENTE
SENSACIONAL INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA!

BARROSO LOPES

DORA LEAL

GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO apresentam a nova REVISTA POPULAR

PIMENTA NA LÍNGUA!...

original de ANÍBAL NAZARÉ e JOSÉ VIANA com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS

com José Viana ● Aida Baptista ● Barroso Lopes ● Dora Leal

PELA PRIMEIRA VEZ NESTA COMPANHIA
Nicolau Breyner

A SIMPÁTICA ACTRIZ
Anita Guerreiro

A ATRACÇÃO BRASILEIRA
Rony Valy

NO «COMPÈRE»
Octávio de Matos

● À FRENTE DE UM GRANDE ELENCO E DE UM ESCULTURAL «BALLET» INTERNACIONAL! ●

CANAL DA CRÍTICA

por: MÁRIO CASTRIM

AGORA É QUE EU ENTENDO OS LAMPIÕES!

Meus amigos: é ainda debaixo de grande comoção que principio estas letras. A sessão de fados, ontem transmitida, apanhou-me num momento de crise. De manâras que ao terminar a sessão eu me encontrava num estado verdadeiramente digno de lástima: babado, ranhoso, os olhos vermelhos, o peregrino rosto amassado em maviosas lágrimas. A culpa, além da minha sensibilidade exacerbada e do calor raivoso de um Verão que não se resigna a entrar na barca de Caronte (admirem a erudição cá do meco!) a culpa devemos en, contrá-la no sentimento, na paixão com que Raul Dias e Arminda da Conceição atacaram os langores fadistas.

(É verdade que as minhas ideias já estavam muito baralhadas com os problemas levantados pela didáctica da matemática moderna ás 19 horas. Pensava eu que em tarefa dependente do Ministério da Educação, não haveria aquela emissão por ser feriado de cinco de Outubro. Enganei-me. Lá veio a lição, lá veio a atrapalhação minha, fico todo aos piquinhos quando trato com a matemática moderna, eu viciado e doente de algebrite antiga. Não há dúvida: tenho de me inscrever no posto da Telescola mais próximo daqui.)

Deixemo-nos de parêntesis. Voltemos ao fado, isto é, voltemos à actualidade. Dizia eu que me sensibilizei brutamente com as letras muito pu(f!)éticas do fadismo da sessão. Tão meladas, tão lusiadamente (perdão, perdão, não brinquemos com coisas sérias...) tão miseràvelmente doentes que só ouvi-las era adoecer. De tal modo, que então, e só então, compreendi as funções dos candeeiros que os cenófragos sistemàticamente colocam em fundo: eles são indispensáveis para que o fado tenha aonde alçar a alma e fazer o seu xixizinho sentimental.

Primeiro, veio Arminda da Conceição falar do amor infeliz coitado, em termos quadriculadamente dramáticos:

Na vida por Deus imposta
é tortura transcendente
é sofrer porque se gosta
de quem não gosta da gente

Sublinhe-se ainda o carácter filosófico desta quadra, a metafísica que logo salta do primeiro verso, passando pela transcendência da tortura até decambar, enfàticamente, no amor sem glória, no glorioso amar.

Raul Dias, que rivalizou em gorgeios com Arminda da Conceição. Em gorgeios e em sofrimento. No seu primeiro vou cantar para V. Ex.as rivalizou em gorgeios e em amor doentinho. Aí, o fadista contou-nos uma história muito vulgar de amor em «panne»: ela pôs-se na alheta, buscou outro poiso. Ele resigna-se. atão o que é ca gente há-de fazer, paciência! Mais do que isso, o fadista, ou melhor, a personagem que ele interpreta afirma apaixonadíssimo até aos colarinhos:

Não me importa mais sofrer
'té chego a sentir prazer
em me sentir malfadado

Pois é. Acontece muito. O mal, pelos vistos não será de morte, porque logo a seguir Raul nos fala de um caso típico da estação calmosa que atravessamos: fala-nos do seu amor na praia, sobre a areia; não ligaram nenhuma à areia, dão bons passeios de barco; arquitectam sonhos; e não dão contra os escolhos porque Deus vela por eles...

Esta calma, este optimismo verânico, acalmou um tanto o meu cebolório sofrimento. Mas ainda não estou bem em mim. Os casos de amor frustrado deixam-me sempre assim. A culpa não é deles. Acho que é do ambiente. Sóror Mariana anda por aí a morrer aos bocadinhos no fado menor. Bem menor por sinal.

CURTO-CIRCUITO: A ROTINA CONTRA A RETINA

José Carlos Morais é *tico-tico* no Brasil e *Taico-Taico* na América. Foi ao *Curto-Circuito* dizer coisas banais, com língua bem exercitada no ofício. Brincou com Artur Agostinho aos repórteres de Televisão. Estavam ambos muito felizes, mas porque não brincaram antes ao jará!

Tico-Tico mostrou-nos uma recente maquineta portátil para usar nas ruas, ficámos saloiamente boquiabertos para o progresso — esquecendo-nos que progresso não é haver aquilo: progresso é poderem os jornalistas servir-se daquilo. A sua reportagem mais emocionante foi o cinquentenário das aparições de Fátima. Recordou o «saudoso presidente Costa e Silva». Contou uma aventura perigosíssima: a tentativa de entrevistar Kennedy. Fantástico! Saltou. Avançou. Está a ver bem? Mas a guarda do presidente Kennedy não era brincadeira nenhuma. Eram cá umas torres, ninguém podia chegar ao presidente, podiam julgar que ele era terrorista. (Afinal, sr. Tico-Tico, a guarda do presidente livrava-o dos tico-ticos, mas não o livrava dos outros...) E pronto. *Tico-Tico* foi-se embora muito nosso amigo do coração (estes brasileiros são uns pinga-amores...) e deu lugar a um jovem português que vinha cantar umas canções de sua autoria, chamava-se João Vaz Lopes, e foi uma tristeza, uma desgraça em música, em rima, em interpretação, tudo ao nível da perfeita inutilidade, que não honra o *Curto-Circuito:*

Nunca se viu céu
que não tivesse andorinhas
andorinhas são pró céu
o que o Sol é para a flor.
O meu amor durará
até o mundo acabar.
Nunca se viu Sol
que não tivesse sol
nunca se viu uma flor
que não tivesse sol
porque... (basta, basta!)

Lopes tem a consciência da sua inutilidade, não gosta de andar cá pelo mundo: «*Se algum dia, meu amor / nós deixarmos de nos ver / vou pedir a Deus Senhor / que me faça já morrer*». Eu vou mais longe: eu pediria a Deus que o fizesse morrer um pouquinho antes, a tempo de lhe impedir a passagem pelo *Curto-Circuito*, que assim prestou mais um péssimo serviço à música portuguesa. Como prestou mal serviço à cultura com as entrevistas do sr. Joaquim Freitas e dos médicos Hélio Neves Baptista, muito do Brasil, e Evaristo da Fonseca, muito de Alcoitão. Quanto ao primeiro, trata-se de um espectador assíduo do *Zip-Zip*, é um espectador assíduo do *Curto-Circuito*, e, na opinião de Artur Agostinho, será espectador assíduo do programa que vier. Infelizmente, abundam os exemplos desta versatilidade. Há muitas pessoas que são sempre do programa que está no ar, e não são nada parvas, não senhor, bar-

(Continua na 22.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canções estrangeiras; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 05: Orquestras Ligeiras; 18 e 25: Conjuntos; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 40: 2.º Episódio do Folhetim «A Cidade e as Serras»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Cinema, por Amândio Videira Santos; 21 e 25: Cançonetas; 22: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 30: Fados, por Maria Augusta Ermida; 22 e 50: Musica, só musica; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — Às 16 e 10: O Sena em Festa — Cantata (Vivaldi); 17: Discos raros; 17 e 30: Perspectivas das obras de Edouard Lalo; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Tempo literário; 19 e 25: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 45: Musica de Câmara; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violista André Segóvia — Três peças para guitarra (Tansmann); 20 e 30: A ópera «A voz humana», de Poulenc, comentada por Maria Helena de Freitas; 21 e 22: Uma oratória de Berlioz; 22 e 58: Fecho

Programa MF 2—94,3 mc/s. — Às 23: Musica Portuguesa— Obras de Óscar da Silva; 0 e 09: Canções Inglesas, pelo soprano Jennifer Vyvyan, ao piano, Erns Lush — Foxgloves (Head) — Gavotte (Howells); 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — A sonata moderna; 0 e 50: Abertura da Opera «Os mestres cantores de Nuremberga» (Wagner), pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, sob a direcção do maestro Heinrich Holbreiser; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Hit Parade; 19 e 30: Radioscopia; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Uma orquestra; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á noite; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 20: Em órbita-dois; e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Leitura; 21 e 25: Musica para meditar; 21 e 40: Orquestra; 21 e 45: Mundo Rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Momentos de melodia; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1786 kc/s. — Às 16: Radiorama; 18: Conjuntos de ritmo; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 50: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Aguarela mexicana; 21 e 15: Orquestras; 21 e 30: A voz de Teresa Silva Carvalho; 21 e 45: Brasil; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda médio—188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º Período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia», 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Um dia com...; 14 e 15: Logo à noite; e 14 e 20: Fecho.

2.º período — Às 19: Abertura e Curso de 'Actualização 'de Professores; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição: 19 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20: Rally TAP; 20 e 25: Ensalo: 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição, e Boletim Meteorológico; 22: Primeiros aplausos — 1.º programa com Dina do Carmo, Luísa Vieira, Mário Bessa e Tónia; 22 e 30: Série policial «Os Vingadores», com Patrick MacNee, Linda Thorson, Anthony Bate e Kenneth Cope; 23 e 25; Marcha do Mundo; e 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal, 22: Curto-Circuito e 23 e 50: Fecho.

Portugal — C. E. E.

«rendez-vous» confirmado para 24 de Novembro

O ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, confirmou, anteontem, ao regressar do Luxemburgo, a notícia que demos, em primeira mão, no passado dia 30, segundo a qual o Governo português aceitaria a data de 24 de Novembro para um «rendez-vous», em Bruxelas, com os ministros dos Negócios Estrangeiros do Mercado Comum.

O que Portugal vai negociar com os «Seis» — segundo afirmou o dr. Rui Patrício — são «as modalidades mais adequadas das suas relações com o Mercado Comum», uma vez que, como se sabe, não está nas intenções do Governo português aderir plenamente á C. E. E. (Comunidade Económica Europeia), como o pretendem a Inglaterra, a Irlanda, a Dinamarca e a Noruega, actualmente parceiros de Portugal na E. F. T. A.

Entretanto, a comissão encarregada pelo Governo de estudar as novas perspectivas de integração económica europeia aberta pela provável dissolução da E. F. T. A. concluiu já o seu relatório que será entregue em breve ao Governo.

O USO DE FURÃO NA ZONA DO CENTRO

Um edital da Comissão Venatória Regional do Centro delimita as áreas em que é permitido, para esta época venatória, o uso de furão, sem o auxílio de redes: nos concelhos de Castro Daire, Moimenta da Beira, Oliveira de Frades e Vouzela, durante toda a época; no concelho de Almeida, de 1 a 31 de Dezembro, e no concelho de S. Pedro do Sul, de 15 de Dezembro deste ano a 15 de Janeiro do próximo.

Um outro edital da mesma Comissão determina as zonas onde é proibido o exercício da caça a todas as espécies cinegéticas.

ESTÃO NO TEJO OITO DRAGA-MINAS DA ARMADA ESPANHOLA

Em visita não oficial, chegou esta manhã ao Tejo, a 1.ª esquadrilha de Draga-minas da Armada espanhola, do comando superior do capitão-de-fragata D. Gabino Aranda do Carranza. A «squadrilha» constituída pelos draga-minas «Lolo» «Poseidon», «Tinto», «Guadiaro», «Nalon», «Jucar», «Duero» e «Tajo», tem uma guarnição de 32 oficiais e 517 sargentos e praças. Os barcos atracaram ao cais da doca da Marinha, de Xabregas e do Jardim do Tabaco

Pelas 9 e 45 entrou a bordo do «Lolo» o oficial de cumprimentos do Comando Naval do Continente, o adido naval espanhol, e o oficial de ligação.

Uma hora depois, o comandante da esquadrilha acompanhado pelos dois últimos referidos oficiais, desembarcou para apresentar cumprimentos ao Comandante Naval do Continente e ao Embaixador de Espanha após o que regressou a bordo.

Nas próximas segunda, terça, quarta e quinta-feira os barcos efectuarão exercícios no mar.

DOENÇAS SÚBITAS E DE MORTE

Morava na Estrada do Forte da Ameixoeira o sr. António Simões Tuca, jornaleiro, de 42 anos. Adoeceu subitamente em casa e ao Hospital de S. José chegou já morto pelo que o corpo deu entrada no Instituto de Medicina Legal.

Também ali deu entrada o corpo do sr. José Henriques Pratas de Carvalho, de 37 anos, cortador, da Rua Guilherme Gomes Fernandes, em Odivelas que adoeceu subitamente em casa e chegara morto ao Hospital de Santa Maria.

Caiu de um andaime e morreu

O servente sr. Casimiro Dias Alves, de 18 anos, natural de Ferreira do Zêzere, trabalhava numa obra na Rua de D. Afonso V, á Encosta da Luz, Odivelas. Ali caiu de um 4.º andar. Foi transportado ao Hospital de S. José, mas chegou já morto, dando o corpo entrada no Instituto de Medicina Legal.

ROTARY DE LISBOA

Sob a presidência do sr. dr. Ruy Pires Branco realizou-se hoje mais uma reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa. As apresentações protocolares estiveram a cargo do sr. Wenceslau Sarmento e o expediente de secretaria, do eng.º Guimarães Ferreira.

Durante o almoço foi imposto o emblema rotário a um novo sócio, o sr. dr. Manuel Sá Marques, subdirector clínico da Associação Protectora dos Diabéticos Pobres, cuja apresentação foi feita pelo sócio sr. João Simões Raposo.

A palestra regulamentar foi proferida pelo sr. Saul Ferreira Pires, que dissertou sobre «A internacionalidade de Rotary».

Caiu pela caixa do elevador

O operário sr. Florindo Faria Varandas, de 28 anos, morador em Algés, na Rua de João Chagas, trabalha num prédio em construção em Linda-a Velha, onde caiu pela caixa do elevador.

Gravemente ferido e sem fala recolheu ao Hospital de S. José.

VIDA SOCIAL

DR. JOSÉ BOTELHEIRO

A convite especial do presidente do II Congresso Hispano-Argentino de Ortopedia e Traumatologia, que se reune em Madrid, partiu para a capital espanhola o dr. José Botelheiro, director de Serviço de Ortopedia e Fracturas dos Hospitais Civis de Lisboa, que, na sessão destinada ás fracturas da coluna, apresentará um trabalho sobre «A estabilização das lesões traumáticas instáveis».

CASAMENTOS

Na igreja inglesa de S. Jorge, á Estrela, efectuou-se o casamento do dr. Bernard Everett, secretário da Embaixada Britanica em Lisboa e encarregado dos assuntos para a Imprensa, com a sr.ª D. Maria Olinda de Albuquerque. Depois da cerimónia religiosa, o embaixador britanico ofereceu na sua residência uma recepção em honra do casal luso-britanico que seguiu em viagem de nupcias.

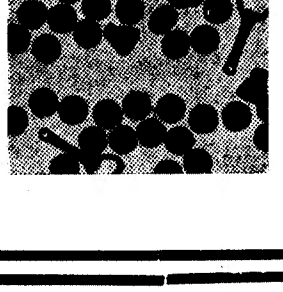
*

Na décima Conservatória do Registo Civil, realizou-se o casamento do sr. José Carlos Rodrigues da Costa Ferreira, filho do sr. Jorge da Conceição Costa Ferreira e da sr.ª D. Guilhermina Rodrigues Ferreira, com a sr.ª D. Maria Paula Alegria Matias, filha do sr. Benjamim Matias e da sr.ª D. Maria Rosa Alegria Matias. Serviram de padrinhos, por parte do noivo e da noiva, os respectivos pais. Depois de um elegante lanche, os nubentes seguiram em viagem de núpcias para o Algarve e Andaluzia.

21.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

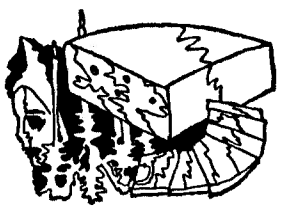
Boletim do dia 5 de Outubro de 1970



21.ª COLECÇÃO

LISBOA DIA E NOITE

Boletim do dia 6 de Outubro de 1970



Lourenço & Santos, Lda

Alfaiates-Camiseiros

Participam aos seus estimados Clientes e Amigos estarem prontas as obras de instalação de ar condicionado e embelezamento da sua loja na Praça dos Restauradores, n.os 47-A e 47-B, inaugurando a estação Outono-Inverno nos seus estabelecimentos

amanhã 4.a-feira dia 7.

BOM APETITE

TONY DOS BIFES

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080

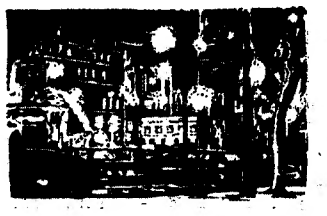
HOJE
ARROZ DE FRANGO À MINHOTA
AMANHÃ
RANCHO À MODA DE VISEU
Diàriamente servimos
Serrabulho
Prémio do S. N. I.
Aberto aos Domingos

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
P. DO AREEIRO, 11-D
ABRE Às 7 HORAS

MAIA
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS!
Mariscos recebidos directamente da origem

OH LACERDA!
UM CONVITE PERMANENTE
R. Dr Silva Teles, 18-A

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ



MARIA do ESPÍRITO SANTO

GRAVA DE NOVO

Foi atracção de revistas e pertenceu ao elenco de restaurantes típicos. Já restabelecida da enfermidade que a manteve afastada da actividade, volta a gravar (para a «RR») para o que prepara fados inéditos.

MÁRCIA CONDESSA — renovação de elenco

Márcia Condessa remodelou o elenco do seu restaurante típico onde actuam agora Tereza Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Como artistas convidadas: Cândida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. A guitarra e à viola, respectivamente, Albertino Vilar e António Pessoa.

AUGUSTO «VIRA-MILHO» E «ARABITA»

Augusto (assim ele quer que o conheçam) fundou o «Vira-Milho», em Cascais, a l t a madrugada ponto de encontro de artistas, apreciadores frequentes dos bons petiscos portugueses. Pois Augusto dirige agora também o «Arabita de Alfama», onde sua mulher, Leonor Macedo é primeira figura do elenco onde se integram Rossana Lima, Alice do Carmo e João Cabral, Edgar Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola).

NICHOLSON

AGORA O DISCO

Actor, autor de peças e adaptações teatrais e de poemas para canções (com Eugénio Pepe, Braga Santos e Jorge Costa Pinto, tem estado presente em festivais nacionais e internacionais), produtor de rádio e de televisão, director de uma gravadora (a «RR», a que estão associados Eugénio Pepe e Armando Cortez), Francisco Nicholson está agora disposto a gravar o primeiro disco de humor (claro), mas, desta vez, numa realização totalmente sua, como afirmação individual e com características inéditas. Na gravura, num dos «sûetch» que apresentou na TV.

* aceite o nosso CONVITE *

PUBLICAMOS HOJE

DOIS CUPÕES DO CONCURSO

Por ontem ter sido feriado, publicamos hoje os cupões do Concurso «Aceite o nosso Convite» referentes a 2.ª e 3.ª feira, que os leitores participantes na iniciativa devem juntar aos que incluiremos nesta página até ao próximo sábado (inclusive), remetendo-os depois, com os respectivos boletins de identificação, para os nossos serviços administrativos: Rua Castilho, 185, 1.º, em Lisboa.

Assim ficarão habilitados ao sorteio que poderá proporcionar-lhes uma noite agradável (sem gastar dinheiro), num dos melhores restaurantes típicos e «boîtes» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol.

Como noticiámos, é também hoje que se realiza naqueles serviços o sorteio referente á 19.ª colecção de cupões no concurso onde estão a participar milhares de leitores do nosso jornal.

a Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

EUGÉNIA LIMA

FIEL AO ESTILO

Muito justamente considerada a maior acordeonista portuguesa, Eugénia Lima alia á capacidade de interpretação virtuosismo técnico. Num novo «45» editado pela organização Valentim de Carvalho, no seu estilo inconfundível, Eugénia Lima registou agora quatro melodias de que é autora: «Olé, José Falcão», «Alegrias portanas», «Lágrimas de Outono» e «Corridinho de Grandola».

A RECEITA DO DIA

Frango à «FOLCLORE»

Arranja-se um frango, lava-se e atam-se-lhe as pernas e as asas. Leva-se a uma assadeira, e esprime-se por cima um limão.

A parte, amassam-se três queijos frescos, com 250 g. de natas, polvilha-se com pimenta e bate-se até ficar homogéneo.

Barra-se todo o frango com esta massa, cobre-se com fatias de presunto de Chaves, e deixa-se repousar umas dez horas. Em seguida, vai ao forno a assar durante uma hora.

Logo que esteja pronto, serve-se com batatas fritas ás rodelas, esparregado e rabanetes a enfeitar.

O FADO E O FOLCLORE, EM LISBOA — RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos * **Cons. mín. 50$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef. 868200.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * **Encerra aos domingos * Consumo mín. 90$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 860816.**

MÁRCIA CONDESSA

cantam: **Teresa Nunes**, Norberto Martinho, **Fernando Manuel** e António **Reis**. Artistas convidados: Candida **da** Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: **Alberto Vilar** e António **Pessoa * P. da Alegria**, 58 * **Telef. 367093 * Encerra á segunda-feira.**

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Parreira e **José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín. 50$00.**

SOLAR DO MINHO

cantam. Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Adriana Franco, Nuno de Aguiar e Artur dos Santos. Tocam Hermenegildo Lopes e José Meneses * **Rua do Vigário, 60 * Teef. 866811.**

FOLCLORE

elenco: Arminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Marina Rosa, Américo Lima, António Chainho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Corpo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo Coreógrafo António Gonçalves * **Cons. mín. 120$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telef. 35007-323406 * Encerra ao domingo.**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, Alcindo de Carvalho, **Emília Reis, Luís Braga** e Benvinda Cruz. Tocam: Armando Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rola, 24 * Telefones 676655-67341.**

A SEVERA

cantam: Florindo Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * **Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra á quinta-feira.**

MIL E UM

cantam: Moisés Campelos, Maria Eva, Beatriz Fragoso, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto * **Cons. mín.40$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra ás 5 da madrugada.**

L U S O

Elenco: Tristão da Silva, Fernanda Pinto, Glória Maria, Augusta Ermido, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha * **Trav. da Queimada, 10-16 * Tels. 362889-328503.**

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * **Cons. mín. 50$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552.**

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares * **Cons. mín. 50$00 * R. das Taipas, 14 * Telef. 327256.**

A KAVERNA

cantam: Tiina Santos e Celeste Maria. Tocam Armadinho Maia e José Maria Carvalho * **Cons. mín. 90$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» Tocam: António Bessa e Fernando Reis * **Cons. mín. 50$00 * Rua da Barroca, 133 * Telefs. 36960 e 80532 * Encerra ás terças-feiras.**

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * **Cons. mín. 80$00 * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva * **Conc. mín. 70$00 * Rua do Norte, 91 * Telefs. 30095-328713 * Encerra á segunda-feira.**

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabral Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola) * **Encerra aos domingos * Rua do Adiça, 9 * Telef. 86345.**

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * **Cons. mín. 40$00 * Rua de Rosa, 219 * Telef. 368579.**

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Tucha Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis * **Encerra ao domingo * Cons. mín. 35$00. Largo do Pereireiro, 7 (Alfama) * Telf. 868505.**

BALEEIRA

cantam: Filipe Duarte, Julieta Reis e Adriana Franco. Tocam: Acácio Rocha e Armando Silva * **Encerra ás segundas-feiras * Cons. mín. 40$00 * Av. Marginal, 21-22 (DAFUNDO) * Telef. 213259.**

RESTAURANTES, BARES, «BOÎTES» E «DANCINGS»

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerrado aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 * Telef. 370889 * Poesia com Correia da Silva * Encerra ás 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lapa, 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades Internacionais * **Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.**

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 790172 * Encerra ás 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 * Telef. 34700

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A * Telef. * 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef. 981661. Encerra á meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Tel. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Rua da Atalaia, 18 (Bairro Alto) * Telef. 367136 * Encerra ás 3 horas.

TÁGIDE

Variedades Internacionais * **Largo da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.**

SNOB

Rua de «O Século», 178 * Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, **Avenida Duque de Loulé, 69—Telf. 534117 * Matinées todos os dias * Encerra aos domingos.**

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo reportório * Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * **Rua Carlos Reis 51-A * Telef. 775695.**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades Internacionais * **Telefs. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946**

FORTE VELHO

Paço * S. João do Estoril * Telef. 261337.

Militares mortos em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província de Moçambique, o soldado n.º 055414/69, António Rodrigues Barbosa, natural de Venade-Ferreira concelho de Paredes de Coura, filho de António Barbosa e de Albertina Rodrigues; e o soldado n.º 092843/69, Álvaro Nunes Bento, natural de Póvoa de Varzim, concelho de Póvoa de Varzim, filho de Mário Nunes Bento e Aurora Rodrigues, e na província de Angola, o soldado n.º 072631/69, Fernando Rodrigues, natural de Felgueiras — Pinheiro, concelho de Oliveira de Fra

*

LOURENÇO MARQUES, 6 — (L.) — Por desastre faleceram em Moçambique o soldado n.º 709305/69, Jorge Manuel Madélio Oliveira, natural de Aveiro, filho de Aurélio Nunes Oliveira e de Maria Rodrigues Madélio, e o soldado do recrutamento provincial n.º 702621/68, André Naife Filanculos.

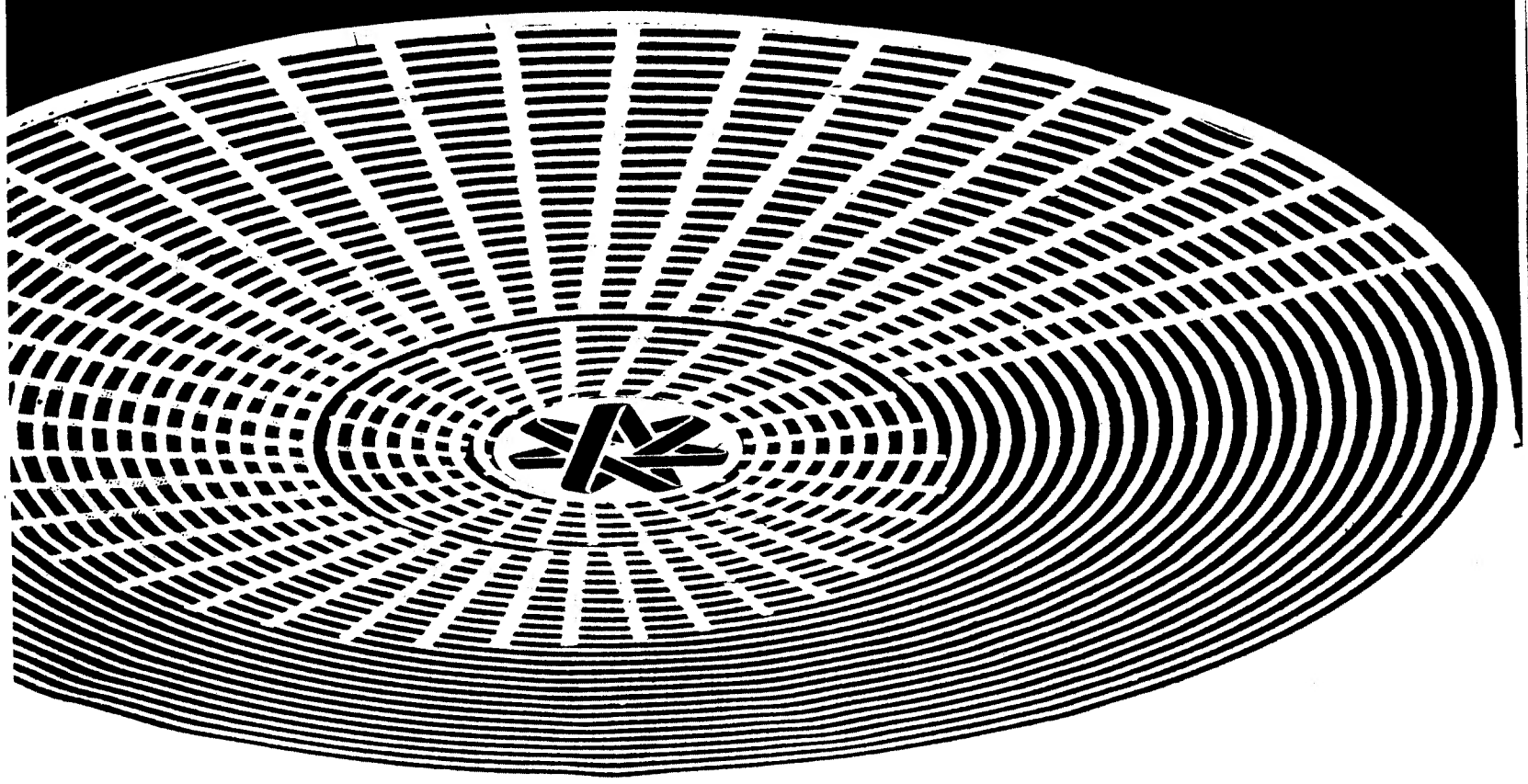
NOVO CONTRATO DE TRABALHO PARA O PESSOAL DA INDÚSTRIA DE ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

O secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, homologou o novo contrato colectivo de trabalho para o pessoal da indústria de especialidades farmacêuticas.

A nova convenção que substitui a vigente desde 1959, vem beneficiar cerca de 3500 trabalhadores e apresenta um clausulado nitidamente inovador em relação ao contrato que vigorava.

Entre os aspectos mais salientes da convenção, destacam-se os seguintes: criação de novas categorias profissionais; exigência como habilitação mínima da 6.ª classe para os menores de mais de 14 anos; regulamentação da aprendizagem, assegurando-se inspecção médica anual e facilidades nos estudos; novas regras para estruturação dos quadros do pessoal das empresas; indemnização por despedimento em quantitativo superior ao estabelecido pela lei geral; protecção á mulher grávida; maiores períodos de férias que as concedidas na lei geral; atribuição de direito ao subsídio de férias com quantitativos oscilantes entre 50 a 100 por cento da remuneração do respectivo período; criação de órgãos de colaboração na empresa destinados á apreciação dos problemas directamente relacionados com os interesses dos trabalhadores e comparticipação destes na gestão das obras sociais; remunerações actualizadas e criação de diuturnidades destinadas a beneficiar os trabalhadores com mais de cinco anos na categoria e na empresa; atribuição de direito ao subsídio de Natal; e cláusulas sobre higiene e segurança, medicina e serviço social.

EM MOVIMENTO
PARA MAIOR AMPLITUDE



Participe connosco na progressiva amplitude do desenvolvimento sócio-económico do País.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro anual de 5,5% os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

LISBOA - Rua Mouzinho da Silveira,26
PORTO - Avenida dos Aliados,58
ÉVORA - Rua 5 de Outubro,38
VISEU - Avenida Calouste Gulbenkian,335
BRAGA - Avenida Marechal Gomes da Costa,294
SANTARÉM - Rua Guilherme de Azevedo,18

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Remodelação no quadro directivo da General Motors

Dada a importância cada vez maior das marcas e fábricas da General Motors fora dos Estados Unidos, sobretudo na Europa, a Companhia anunciou agora modificações consideráveis no quadro superior da sua organização, as quais já entraram em vigor. Assim, as fábricas e sucursais da General Motors Overseas Operations, cuja sede continua em Nova York, serão divididas em três grandes regiões, cada uma a cargo de um director-geral.

Na Europa, o sr. Ralph L. Mason terá a seu cargo as fábricas Adam Opel na Alemanha e Vauxhall Motors em Inglaterra, as fábricas de peças e acessórios situadas em França e Inglaterra e ainda as linhas de montagem da Bélgica, Dinamarca, Portugal e Suíça e sucursais de vendas dos vários produtos GM na Áustria, Finlândia, Alemanha, Itália, Noruega e Suécia. O quartel-general do sr. Mason, que até aqui ocupava o lugar de director da Opel na Alemanha, ficará situado num país da Europa ainda não determinado.

Na América do Sul, o sr. Walter H. Gussenhoven dirigirá as fábricas da Argentina, Brasil e México e linhas de montagem no Chile, Uruguai e Venezuela. A sede do sr. Gussenhoven continuará em Nova York.

Na Austrália e na África do Sul, o sr. Max E. Wilson, que também terá a seu cargo a Nova Zelândia e países do Leste asiático, ficará com o seu escritório numa cidade da Austrália.

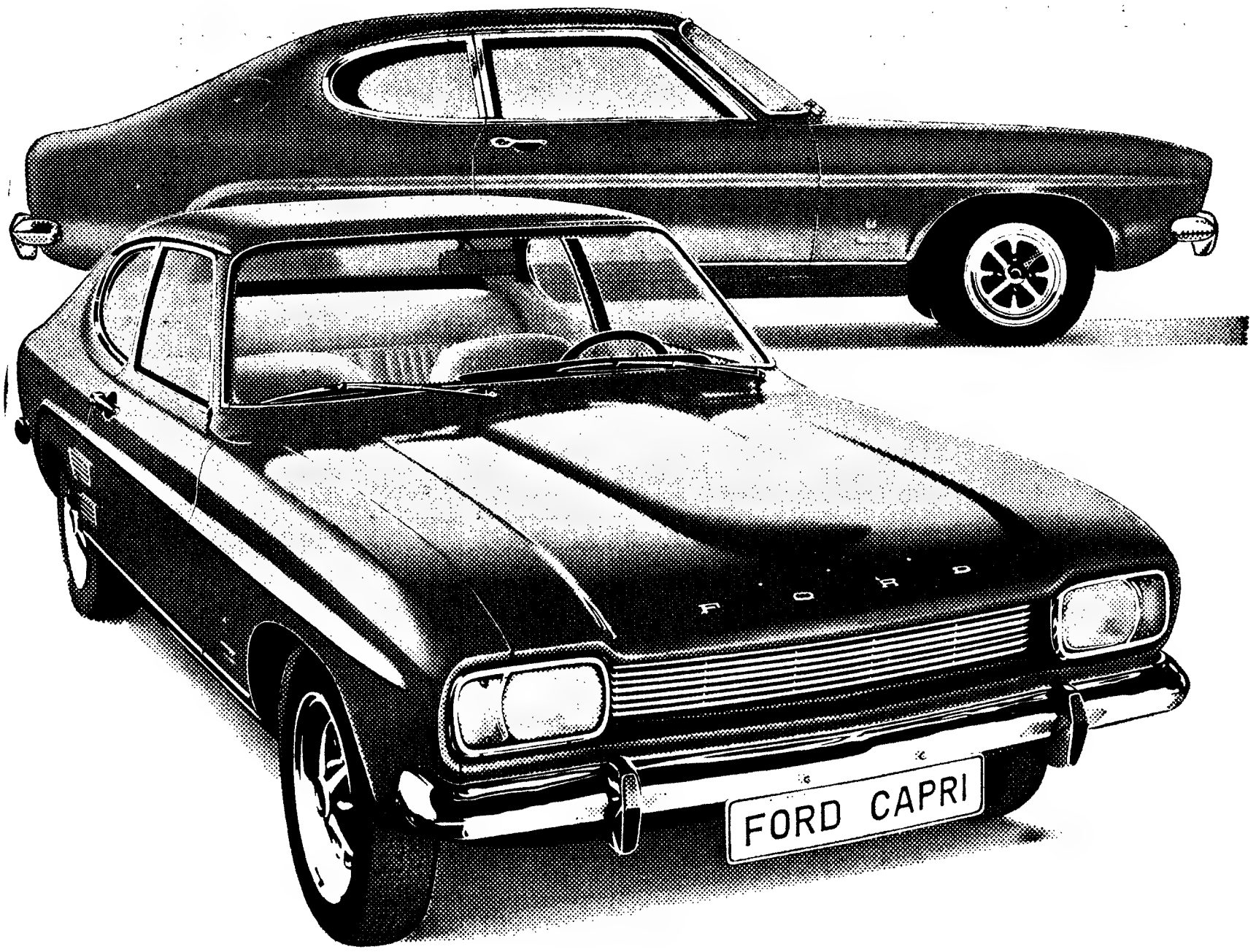
Estes três directores-gerais reportarão directamente ao sr. Harlow W. Gage, director da General Motors Overseas Operations e vice-presidente da General Motors Corporation com sede em Nova York.

As obras de saneamento em Setúbal

Far-se-á em 20 deste mês, ás 16 e 10, perante a comissão para isso nomeada, concurso, por meio de propostas recebidas, para adjudicação da empreitada da obra de construção das redes de saneamento doméstica e pluvial E, F, G e H, 1.ª fase, e dos colectores principais D, E, F, G e H de Setubal.

A base de licitação é de 7 018 500$00.

A Organização Ford tem o orgulho de apresentar os Ford Capri montados em Portugal



O Carro Que V. Sempre Desejou Possuir

O êxito dos Ford Capri justifica a sua montagem em Portugal. Em 6 versões diferentes: 1300 L, 1600 L, 1600 XL, 1600 GT XL, 1600 GT XLR, 3000 GT XLR. Todas de linhas aerodinâmicas e modernas! Todas desportivas... mas também familiares! Escolha nelas o Capri que desejar com a potência que quiser. Venha vê-los! Visite o seu Concessionário e escolha o Capri que mais lhe convém.

Apoiado pelo Serviço e Peças Ford

Ford Capri DESDE **Esc. 82.830**

Ford

FORD À FRENTE

Em exposição no seu concessionário FORD

EM LISBOA

AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41
AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32/84 — Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 31 - Cascais
J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47
LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91
STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 65/9

«FALTA UMA ESCOLA DE ENGENHARIA TÊXTIL»

A propósito da notícia intitulada «Falta uma Escola de Engenharia Têxtil», recentemente publicada, recebemos o Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, assinada pelo respectivo director, sr. prof. António Jorge Andrade de Gouveia, a seguinte carta:

«Em referência á notícia publicada, com o maior relevo, sob a epígrafe «Falta uma Escola de Engenharia Têxtil», pelo jornal da ilustre direcção de V. Ex.ª, em 1 de Outubro p. p., relativamente a uma exposição enviada pelo Gabinete de Estudos Superiores dos Contabilistas pelos Institutos Comerciais do Porto, ao Colóquio sobre o Desenvolvimento Socioeconómico da Zona da Cova da Beira, solicito a V. Ex.ª a publicação com o devido relevo, das seguintes rectificações e esclarecimentos á criação de estudos de química têxtil na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, a que se faz alusão na referida exposição:

«Em Outubro de 1964, e não há dois anos, como se indica na exposição, foi criado no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, por proposta da respectiva direcção aprovada pela Faculdade de Ciências e pelo Ministério da Educação Nacional, um Curso pós-graduado de Especialização em Química Têxtil para licenciados em Ciências Físico-Químicas, em Química ou em Engenharia Químico-Industrial, com a duração de dois anos. Os estudos de Química Têxtil no Laboratório Químico da Universidade de Coimbra não se processam, pois, a nível de cadeira, como se afirma na exposição, mas em sistema de tempo total, durante dois anos.

«Este curso sugerido e patrocinado pela Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, tem o seguinte plano de estudos:

Cadeiras	*Duração*	*Horas Semanais*	
1.º ANO:		*teóricas*	*práticas*
1. Química Têxtil	anual	3	6
2. Princípios de Tecnologia Têxtil	semestral (1.º sem.)	3	visitas a fábricas
3. Química de Corantes	semestral (2.º sem.)	3	3
4. Tirocínio Laboratorial	anual	—	20
5. Estágio fabril	2 meses	—	—
2.º ANO:			
6. Química Tintureira e da Ultimação Têxtil	anual	6	6
7. Aspectos Históricos, Geográficos e Económicos da Indústria Têxtil	anual	1	—
8. Seminário e Colóquio Têxtil	anual	1	—
9. Trabalho de Investigação	anual	—	20

O Curso de Especialização em Química Têxtil visa preparar pessoal perfeitamente habilitado para as seguintes funções:

a) Realização de análises, ensaios e peritagens sobre materiais têxteis e processos tecnológicos de produção têxtil.

b) Ensino profissional têxtil em Institutos Industriais e Escolas Técnicas.

c) Direcção e «contrôle» das técnicas de fabrico em fábricas de acabamento e tinturaria e estabelecimento de programas de «contrôle» de qualidade nas unidades fabris de maiores dimensões.

«O curso faculta aos alunos o estudo da tecnologia químico-têxtil a nível superior e permite-lhes ampla observação dos processos tecnológicos por meio de estágios realizados em unidades fabris (tanto da industria do algodão, como da industria de lanifícios), em laboratórios de casas produtoras de corantes e produtos auxiliares têxteis (nacionais e estrangeiras) e através de íntima ligação com o Acondicionamento e Laboratório Têxtil fundado na Covilhã pela Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios, em 1952.

«O curso utiliza o equipamento e bibliografia do Laboratório Químico da Universidade, melhorando a rentabilidade do seu uso e tem sido orientado por pessoal especializado nas melhores escolas estrangeiras de tecnologia têxtil. Os alunos são beneficiados por bolsas de estudos instituídas pela Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios que também tem subsidiado a aquisição de algum equipamento laboratorial de natureza tecnológica.

«Destinado a pequenos números, como não poderia deixar de ser, em vista do seu nível, foi o curso seguido até hoje por cerca de 20 licenciados em Ciências Físico-Químicas ou em Engenharia Químico-Industrial. Destes graduados, os que não se encontram impedidos em prestação de serviço militar, estão, na sua maioria, já colocados em unidades fabris e laboratórios industriais da especialidade, com a melhor aceitação.

«Estas actividades de especialização estão dentro das funções da Universidade, devendo esta fomentá-las e desenvolvê-las e, de modo algum, delas se alhear.

Passagens de m da Lanidor

Este é um dos modelos, em Courtel Outono-Inverno que as Lojas Lanidor na próxima semana no decorrer de d de modelos que se efectuarão no Hotel (dia 6), na Pousada de S. Filipe, em no Hotel Castor, no Porto (dia 8) e no em Lisboa (dia 9). A Colecção inclui mo Paris e Lisboa, estes últimos criaç

estação de serviço de auto-rádios

GRUNDIG

Põe à sua disposição um serviço técnico especializado onde pode efectuar a montagem gratuita, com garantia, do seu auto-rádio GRUNDIG, com a maior eficiência e rapidez

R. Victor Hugo, 4-C · Lisboa
Telef. 712210

ESTAÇÃO DE SERVIÇO GRUNDIG AUTO RÁDIOS R. VITOR HUGO 4C TEL. 712210

FAÇA O SEU AUTO-RÁDIO GRUNDIG
PESSOAL ESPECIALIZADO GRUNDIG

TELEVISORES
Desde 98$80 Mensais, oferta da antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS
Desde 98$80 Mensais, oferta da Dispensa JOVICA

ESQUENTADORES
Desde 98$80 Mensais, com montagem incluída

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA
Oferta de 24 pacotes SKIP

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA
Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA | FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
| Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

ADVOGADOS — SOLICITADOR

COMUNICAÇÃO

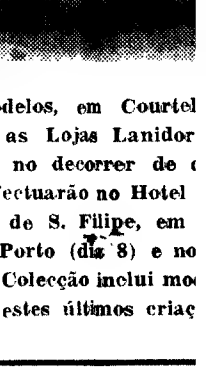
Dr. Augusto Leite de Faria
Dr. Helder Rui Martins Leitão
Dr. Fernando Ferreira Guedes
Dr. José Luís Nunes
Sol. António Francisco de Almeida

participam a mudança dos seus escritórios para a R. Santa Catarina, 693-5.º — PORTO

Cofres de a
Av. Repúbli
BANCO DO ALENT

Dentadura pos
Finalmente pode esquece

O Pó Fixativo Dr. Wernet conserva os seus dentes firmes, no lugar certo. Pode mastigar com confiança, beber líquidos quentes, rir e falar livremente, sentindo-se senhor de si, sem sequer pensar que usa dentadura
O Dentu-Creme é a pasta de dentes especialmente concebida para dentes postiços. Contém 4 ingredientes especiais:
1 - Um produto especial que conserva os dentes com um aspecto saudável.
2 - Um produto que torna os dentes naturalmente brancos.
3 - Um preparado de hexaclorofeno anti-infecção.
4 - Um desodorisante que dá à sua dentadura e à sua boca uma frescura inigualável.



Usando o pó Fixativo Dr. Wernet deixará os dentes postiços e, com Dentu-Creme, sorri

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU.
UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

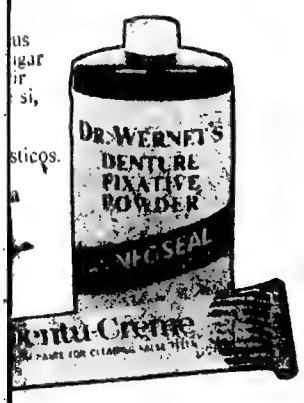
SERVIÇ
GRAN
TOD
Ourivesa
Rua Augu

e modelos
idor

Courtelle, da Colecção Lanidor vão apresentar rer de quatro passagens no Hotel Tivoli, em Lisboa ipe, em Setúbal (dia 7), 8) e no Teatro Villaret, nolui modelos de Londres, nos criações Lanidor

de aluguer
pública, 3
LENTEJO

postiça?
quecer-se dela!



t deixará de se preocupar com me, sorria e esqueça-os.

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE
TODOS OS ESTILOS
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusto, 255 — LISBOA

OS CABOS SUBMARINOS TELEGRÁFICOS PASSARAM DE MODA

A ITALCABLE DEIXOU DE FUNCIONAR • A CABLE AND WIRELESS VAI SEGUIR-LHE O EXEMPLO

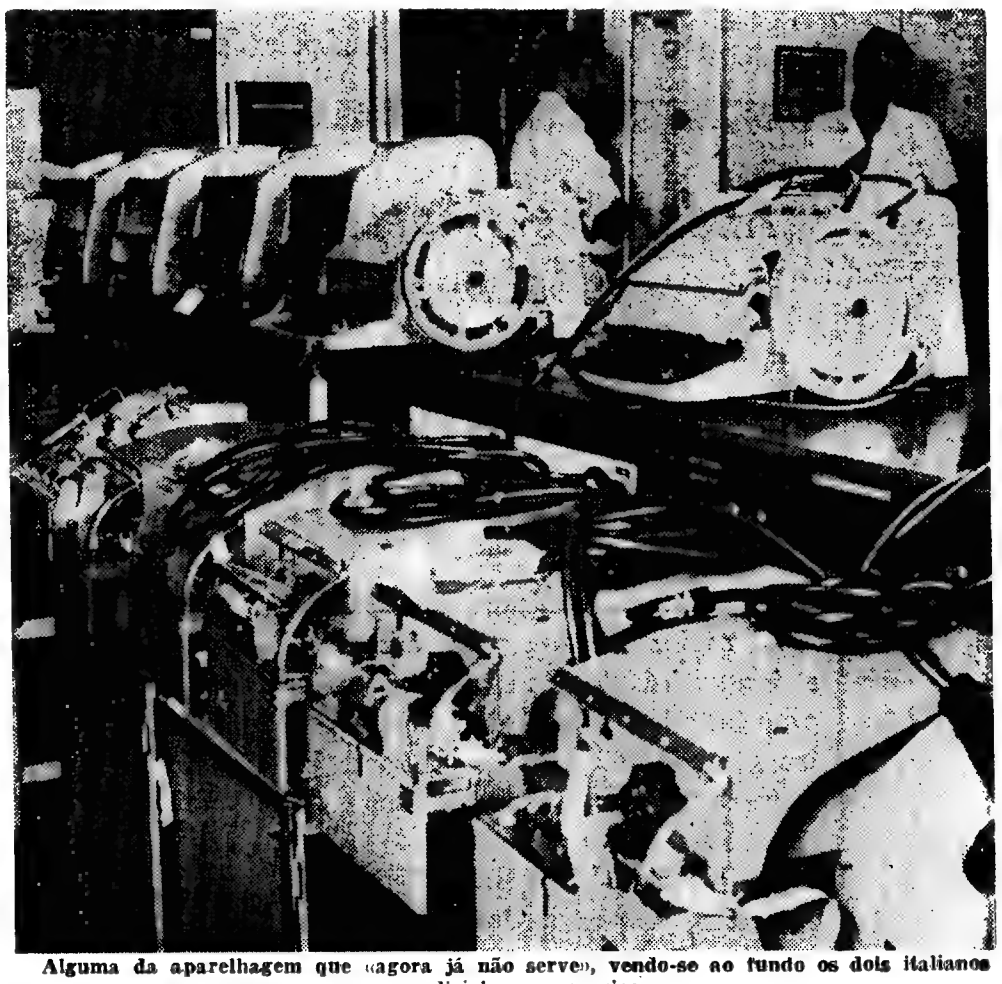
O Italcable, a segunda mais antiga companhia de comunicações em Portugal, que desde há 40 anos tinha a funcionar a sua estação de Santo Amaro de Oeiras, deixou de operar no dia 1 de Outubro. Entretanto, no fim do ano será a mais antiga das companhias a inglesa «Cable and Wireless», do chamado «cabo submarino», de Carcavelos, que deixará de funcionar. E a razão é comum: os cabos telegráficos submarinos (como são os das duas companhias) encontram-se largamente superados pelos novos meios de telecomunicações, como o rádio-satélite e cabo telefónico submarino. «O nosso sistema» — diz-nos o director da Italcable em Portugal, sr. Alessandro Bernetti — «é antigo, velho, antiprodutivo, não se justificando a sua subsistência.»

— *Já não falando das comunicações via satélite* — prossegue o nosso interlocutor —, *o sistema dos cabos coaxiais, ou cabos submarinos telefónicos, há muito suplantou, em todos os aspectos, o dos cabos submarinos telegráficos. Assim, a Italcable resolveu acabar com os seus serviços em todos os países em que eles eram apenas servidos por esses velhos cabos.*

O nosso interlocutor lembra depois que, efectivamente, após a criação de uma companhia nacional, a Marconi, e desta haver montado o seu cabo coaxial de Sesimbra, não se justificava a subsistência em Portugal da representação da referida companhia italiana. Aliás, a Italcable já só recebia serviço através da Marconi, com a qual tinha um acordo.

— *Qual vai ser o destino do vosso cabo submarino?*

— *Provàvelmente uma parte, no rio, e perto da costa, que por vezes pode prejudicar a navegação fluvial ou a pesca, será retirado. Todo o restante é abandonado, pois não vale a pena o trabalho de o retirar. Só no Brasil, que eu saiba, houve uma companhia com a qual se celebrou um acordo nos termos do qual eles tiravam o cabo de graça e ficavam com o ferro velho.*

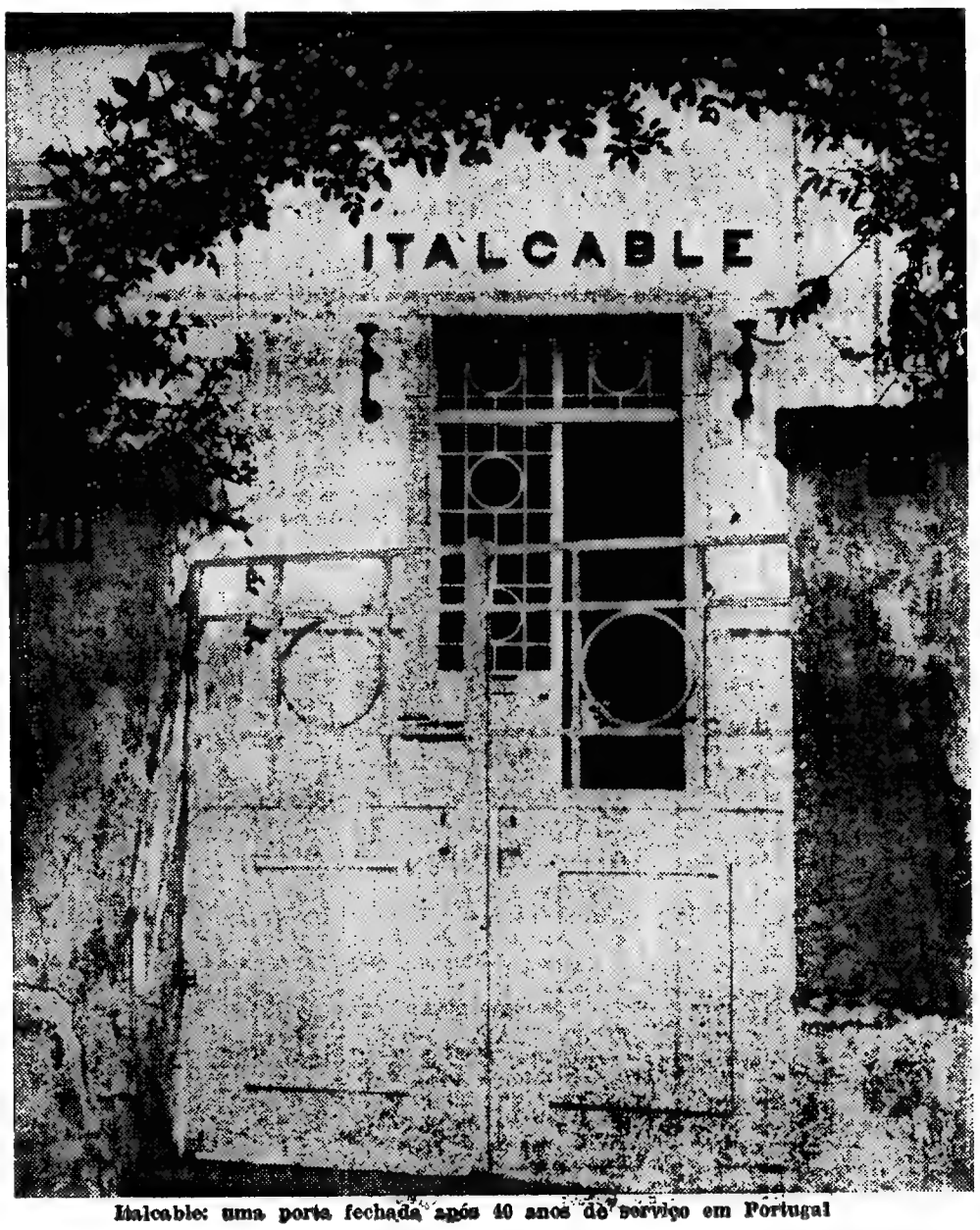


Alguma da aparelhagem que «agora já não serve», vendo-se ao fundo os dois italianos que dirigiam os serviços

Quanto à restante aparelhagem, que durante estes quarenta anos serviu para enviar e receber incontáveis telegramas para (e de) todo o mundo o nosso interlocutor ainda não sabe qual o seu destino. Está-se a proceder a inventário da mesma, sendo natural que alguma da mais antiga ainda vá parar a algum museu, e da mais moderna alguma ainda possa ser negociada.

Aliás a Italcable é também a proprietária do grande (e relativamente velho) casarão em que a companhia se encontra instalada, em Santo Amaro de Oeiras, na Rua Afonso de Albuquerque 20, que talvez venha a ser posto à venda.

Na Italcable, além de Bernetti e de um seu companheiro, também italiano (o primeiro há seis, e o segundo há oito, anos em Portugal —, e ambos com vontade de por cá continuarem) trabalhavam mais 15 pessoas, que foram despedidas nos termos legais. Quanto conseguimos apurar algumas foram para a Marconi, ignorando-se o destino das outras.



Italcable: uma porta fechada após 40 anos de serviço em Portugal

NOVO REGULAMENTO DA ESCOLA NAVAL

O «Diário do Governo» publicou o *novo regulamento* da Escola Naval, promulgado em 11 de Setembro passado.

O diploma começa por definir o estabelecimeno «de ensino superior que tem por missão habilitar os alunos que a frequentam para o ingresso nas classes de marinha, de engenheiros maquinistas navais e de administração naval dos quadros do activo dos oficiais da Armada».

O regulamento define a missão e estrutura organica da escola, determina as funções dos seus vários elementos, desde o comandante, conselho escolar, comissão de disciplina, direcção da instrução, formação escolar, biblioteca e museu, corpo docente, organização do ensino, cadeiras e instruções, classificação das qualidades militares, estatuto dos alunos, regime disciplinar.

Em anexos se determinam diversos factores, como a distribuição das disciplinas pelos quatro anos do curso.

O comadante da escola será um contra-almirante ou comodoro da classe de marinha, sendo o imediato um capitão-de-mar-e-guerra da mesma classe, bem como o director da instrução.

Seja independente!

em propriedades
o seu dinheiro valoriza-se

Andares e Apartamentos Mobilados desde 150 Contos

J. PIMENTA, S. A. R. L.

A maior organização comercial e industrial do País no sector de propriedades. A única que projecta, constrói, decora, vende e administra as propriedades dos seus clientes.

J. PIMENTA, SARL, só constrói em zonas de rápido desenvolvimento e valorização.

Em Paço de Arcos, a 100 metros da praia e da estação de Caminho de Ferro, pode adquirir o seu Apartamento Mobilado com requintado bom-gosto e grande conforto.

Se o habitar, contemplará uma magnífica vista de mar e se lhe interessar usufruir o seu rendimento fará um bom investimento de capital porque se trata de uma zona de rápida valorização e desenvolvimento

— Nó de ligação à marginal e piscinas para construção imediata —

VENDA
ALUGUER
RENDIMENTO

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telef. 93 36 70
PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telef. 2433511
CASCAIS: Rua Regimento Infantaria 19, n.º 30 — Telef. 28 25 75
Conjunto Turístico da Pampilheira — Telef. 28 39 88

UMA CASA
PARA
QUALQUER CASO

Novas instalações para a Liga Portuguesa de Dificientes Motores

A Liga Portuguesa de Deficientes Motores vai ter novas instalações, a construir em terreno (7000 metros quadrados) cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, no Restelo.

Estas novas instalações se, por um lado, vêm corresponder a um desejo antigo dos dirigentes da Liga que, há muito, luta com falta de instalações, por outro lado representam novos encargos para uma instituição particular que é subsidiada pelo Estado.

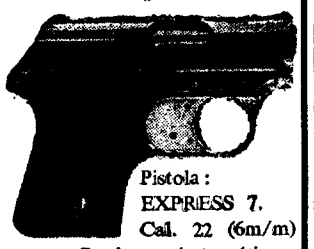
Em face da situação, a Liga vai promover uma série de actividades que lhe permitam angariar fundos para fazer face á construção das novas instalações. A primeira dessas iniciativas é uma tômbola a inaugurar no dia 3, ás 16 horas, no Largo do Martim Moniz e que funcionará das 9 á meia-noite, até 15 de Novembro.

ORGÂNICA DAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS

Um decreto, pelo Ministério do Ultramar, insere disposições legislativas necessárias a satisfazer diversas propostas formuladas pelos Governos das províncias ultramarinas de Cabo Verde, Guiné, Angola, Moçambique e Macau.

Assim na Guiné é criado o lugar de administrador da Imprensa Nacional; é alterado o quadro de saude e enfermagem da P. S. P. de Angola; nos Serviços de Centralização e Coordenação de Informações de Moçambique, criados os lugares de subdirector e de chefe de secretaria e no Corpo da P. S. P. de Macau, aumentado um lugar de comandante de secção, extinto o de adjunto e criado, também, o lugar de subchefe dactiloscopista.

Só 175$00!...



Pistola: EXPRESS 7. Cal. 22 (6m/m) 7 tiros. Automática.

Preço Popular: 175$00. Cargas 100 tiros: 50$00. Escova e lata de óleo especial: 20$00. Coldre: 45$00. Esta sim... Parece automática.

A mais perfeita pistola de alarme inventada. Em aço. Peso normal 350 g.

VENDA LIVRE
MANDO À COBRANÇA
— Espingardas de caça marca Francesa SAINT-ÉTIENNE, INOX, Cal. 12/70 mm. especial modelo, s/Postos. Armas de Recreio, Caça e de Defesa. Cartuchos de caça. Faz-se trocas.

O Representante
A. A. FERREIRA
Rua Angelina Vidal n.º 35-C
LISBOA-1

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Conclusões do Congresso Nacional de Arqueologia

COIMBRA, 6 — Terminado o II Congresso Nacional de Arqueologia, que decorreu nesta cidade, surgem agora as respectivas conclusões: «1.º — Que o III Congresso Nacional de Arqueologia se realize em 1973 e constitua uma homenagem a Martins Sarmento; 2.º — Que em futuros congressos nacionais de arqueologia, seja de 30 minutos, pelo menos, o tempo consagrado á discussão de cada comunicação; 3.º — Que se prepare um colóquio nacional especialmente destinado á normalização de linguagem arqueológica (este deverá funcionar, em regime de mesa-redonda, por secções específicas, em cada uma das quais um relator lerá o texto básico posto á disposição dos interessados com, pelo menos, 15 dias de antecedência; o prazo de preparação deste colóquio não deverá ser inferior a dois anos; 4.º — Que, ao realizarem-se obras publicas ou particulares, que impliquem o remeximento de vestígios arqueológicos, sejam essas obras acompanhadas por arqueólogo competente e superiormente designado; 5.º — Que se crie em Portugal um centro universitário de estudos numismáticos; 6.º — Que sejam retomadas as escavações realizadas por Santos Rocha nos Outeiros de Santa Olaia e Ferrestelo (Montemor-o-Velho); 7.º — Que se envidem, com a possível urgência, todos os esforços necessários para que as ruínas de Milreu (Faro) sejam devidamente salvaguardadas, defendidas e valorizadas, e posteriormente escavadas como reclama a importancia arqueológica e turística do sítio; 8.º — Que da tese doutoral de Th. Auschild sobre Milreu seja feita uma versão resumida, que possa servir de guia turístico das ruínas; 9.º — Que prossigam activamente, as escavações do templo visigótico de S. Gião (Famalicão da Nazaré), se promova o necessário restauro e consolidação do monumento e sejam adquiridos, pelo Estado, o edifício e terreno envolvente».

ora diga-nos...

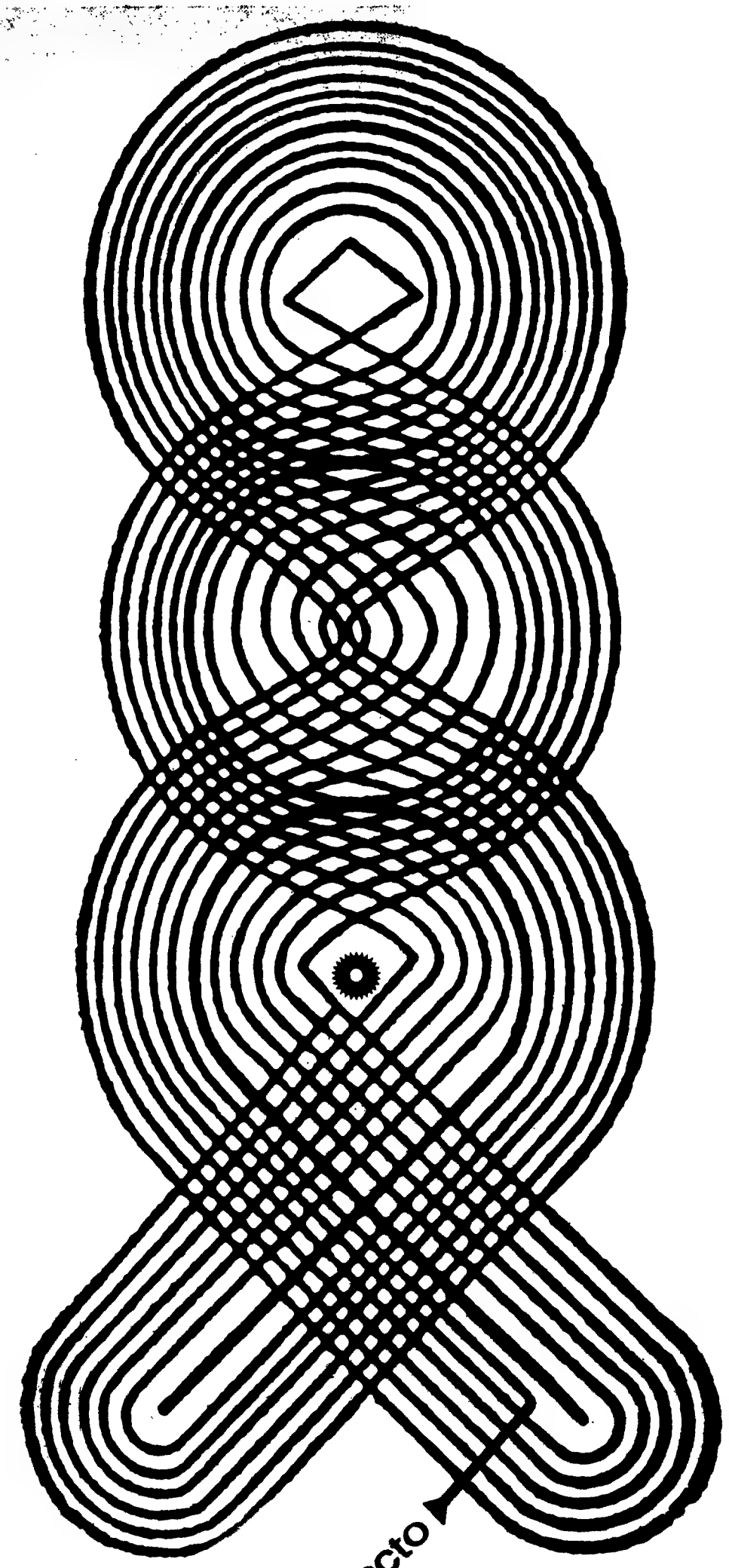
— Usa botões de punho?

Botões de punho: uma sequência de gestos delicados, complicados, atrapalhados... Ah, como são práticos os botões pregados com agulha e linha!

● *Disse-nos o sr. José Castelão Romão, industrial:*
— Não uso botões de punho.
— Nunca usou?
— Nunca. É coisa que não faz falta a ninguém...

● *A sr.ª D. Luciana Gomes da Costa pronunciou-se deste jeito:*
— Uso, pois!
— Sim...?
— Uso por garridice. Ficam tão bem nos punhos de uma linda blusa! E, então, quando são doiradinhos, é mesmo uma beleza! Que tal acha estes...?
— Lindos, lindos!

● *Por ultimo, as palavras de Salvador Joaquim Guerra Santana, empregado de escritório:*
— Às vezes lá ponho uns botões de punho... Mas — quer que lhe diga?
— Diga! Diga!
— Sou um homem arregaçado! Gosto é de andar de mangas arregaçadas! De Verão, então, é sempre meia-manga!



um só caminho é o caminho exacto

O Turismo dá dividendos.
Invista nessa realidade palpável.
Conheça as opções
que a TORRALTA lhe proporciona
mesmo que disponha de pouco dinheiro.
Amplie o seu capital,
informe-se na TORRALTA.

TORRALTA

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A — Telefs. 51748 - 555681 — 54479 - 42139

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 6 de Outubro de 1940 publicava:

«VICHY — "Enquanto aguardamos o Tratado de Paz, a nossa política estrangeira não pode deixar de ser política de lealdade para com os nossos vencedores, expectativa no domínio europeu e defesa enérgica do nosso império colonial" — declarou Baudouin, ministro dos Estrangeiros, ao jornal "France — Bordeaux — Sud Ouest"».

PIANOS
VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

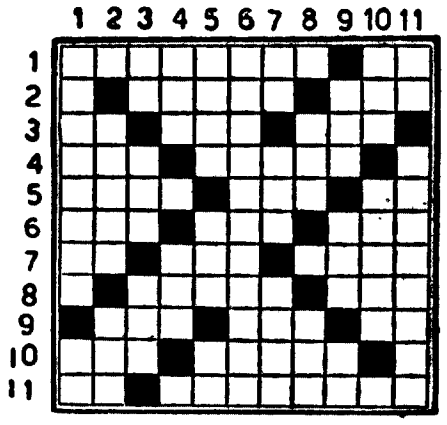
PROBLEMA N.º 5677

HORIZONTAIS: 1 — Teceram. Cidade da antiga Caldeia. 2 — Ser humano. Ilha do estado da Baía. 3 — Prata (s. q.) Chefe etíope. Preposição. 4 — Igual. Extinto. 5 — Planta umbelífera. Nome de um planeta. Apelido. 6 — Arbusto da China. Rio de Portugal. Preposição e artigo (pl.). 7 — Em partes iguais. O mesmo que rês. Largo trato de terra banhado por um rio. 8 — Bando de animais correndo. Acrescentei. 9 — Saudável. Sufixo que designa pequenez. Sufixo que designa estado. 10 — Negativa. Branqueias com cal. 11 — Artigo definido (ant.). Vestimentas rústicas.

VERTICAIS: 1 — Enganos. Neon (s. q.). 2 — Conquista. Chiste. 3 — Interjeição que exprime admiração. Braço de mar. Sustento. 4 — Maior. Irmão do pai. 5 — Estimam. Araro (Bras.). Cabelo branco. 6 — Desempatariam. 7 — Antes do meio-dia. Saía frequentemente á rua. Moeda portuguesa de Dio. 8 — Prende. Rio da Suíça. 9 — Sufixo que designa pequenez. Três iniciais que se encontram juntas em muitas passagens bíblicas com o significado de Ah! Oh! Senhor. 10 — Liga. Salário. 11 — Batráquio. Domésticos.

Resolveu completamente este problema. Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5676

HORIZONTAIS: 1 — MMM. Toquem. 2 — MUITO. Ura. 3 — Ião. Meã. Ar. 4 — Iam. Até. 5 — Ás. Aos. Coam. 6 — Romanceareí. 7 — Raia. Ume. Ms. 8 — Era. Ala. 9 — Tá. Pró. Ira. 10 — Ria. ATURA. 11 — Piasca. Aço.

VERTICAIS: 1 — MM. Carreta. 2 — Mui. Sogra. 3 — Miar. Mia. Ri. 4 — Tó. AAA. Pia. 5 — Tó. Ion. Aras. 6 — Másculo. 7 — QUEIM. Ema. Aã. 8 — Ura. Mãe. It. Crua. 10 — Atoem. Arc. 11 — PRECISA. Ao.

PROVÉRBIO: **Muito atura quem precisa.**

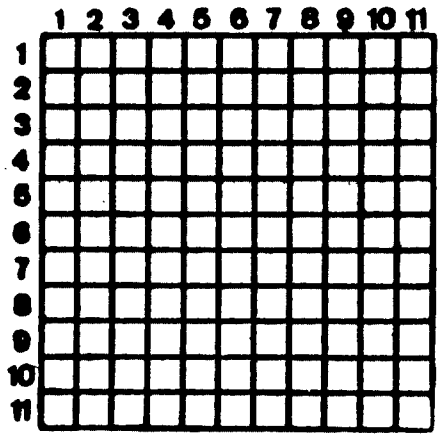
(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9520

HORIZONTAIS: 1 — Três mil e duzentos em romano. Sacrifico. 2 — Escudeiro. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. 3 — Título do soberano da Pérsia. Espetar o arpéu em. 4 — Oferecer. Um cento. 5 — Pó fecundante das flores. Máximo. 6 — Aqueles que, para a caça, levam galgos á trela, ou outros cães de caça. 7 — Estavas. Içais. 8 — Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Passada. 9 — Iguaria feita de massa de feijão, pimenta e pijericum. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). 10 — Notifica. Vai para fora. 11 — Troncos de árvores. Corporação de pastores de gado transumante.

VERTICAIS: 1 — Rio do estado do Pará. Mediana. Nome antigo da nota musical dó. 2 — Dá mios. Aguardente de medronho. 3 — Pedra de moinho. Lanugem de alguns frutos. Viração. 4 — Lírio. Antepassado. 5 — Guita. Ave pernalta, que os Egípcios adoravam. 6 — Penhorados. 7 — Rio da Alemanha. Prenderam com elos. 8 — Comuna rural autónoma, na Russia. Fecha as asas para descer mais depressa. 9 — Antigo definido. Ave do Brasil. Abreviatura de Santíssimo. 10 — Apelido. Matemática. 11 — Alternativa. Pedras de moinho. Cantiga.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9519

HORIZONTAIS: 1 — Salpicara. 2 — Tardara. 3 — Ês. Ceara. Um. 4 — Troam. Amame. 5 — Crismas. 6 — Ms. Aa. Ur. Já. 7 — Per. Val. Ato. 8 — Elada. Ópera. 9 — Ramo. Irar. 10 — Ada. Por. Eça. 11 — Rolão. Araás.

VERTICAIS: 1 — Retemperar. 2 — Sr. Selada. 3 — At. Oc. Ramal. 4 — Laçara. Dó. 5 — Premiava. Pó. 6 — Ida. Tó. 7 — Caramulo. Rá. 8 — Aramar. Pi. 9 — Rã. Ás. Aerea. 10 — Um. Atraco. 11 — Ameijoanas.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PÁTRIA» a sair em 6 de Outubro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: **LAS PALMAS, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES.**
«LUGELA» a sair em 6 de Outubro	Com escala por Leixões para: **PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE** (se necessário).
«IMPÉRIO» a sair em 7 de Outubro às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: **FUNCHAL, S. TOMÉ LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.**
«AMBOIM» a sair em 12 de Outubro	Com escala por Leixões para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA.** Carrega de 8 a 11 de Outubro.
«I. D. HENRIQUE» a sair em 16 de Outubro às 12 horas	Com escala por Funchal para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA.** Carrega de 11 a 14 de Outubro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 24 de Outubro e 26 de Novembro às 18 horas	Com escala por **VIGO e FUNCHAL**, para: **TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

Policlínica do Rossio — Praça D. João da Câmara, 19, 2.º-Esq.

Dr. Almada e Melo — Crianças
Dr. Anacleto Miranda — Olhos
Dr. Arnaldo Rodo — Ossos e artic.
Dr. Cordeiro Lobato — Gar. — Nariz — Ouv.
Dr. Ferreira Malaquias — Estom — Fig. Ano-rectais
Dr. Fontoura Madureira — Rins — V. urinárias
Dr. Freire da Cruz — Diabetes — Obesos — Bócios
Dr. Freitas de Sousa — Reumatismo
Dr. Leite da Silva — Senhoras — Partos
Dr. Luís Abecassis — Coração — Electrocard.
Dr. Macedo Costa — Nervosas e Mentais
Dr. Marques da Gama — Medicina interna
Dr. Mira Mendes — Doenças pulmonares
Dr. Nelson Viegas — Pele e Sífilis
Dr. Mesquita Guimarães — Radiografias
Dr. Reis Vale — Análises clínicas

Informações e marcações pelo telefone 320660

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

IV RALLYE INTERNACIONAL TAP

O finlandês Simo Lampinen é o provável vencedor da prova

• José Lampreia («Datsun») deverá ser o português melhor classificado

Dos 131 concorrentes que na passada quarta-feira iniciaram o 4.º «Rallye Internacional TAP, apenas 25 chegaram ontem ao Estoril, final da prova. Mesmo assim é o número de finalistas mais elevado na história da competição e isso deve-se essencialmente às magníficas condições de tempo encontradas pelos concorrentes nas zonas mais selectivas do percurso. E se alguns problemas existiram quanto às condições de tempo esses foram apenas os provocados pelo excessivo calor que se fez sentir em muitos pontos do itinerário.

As classificações oficiais só hoje às 18 horas serão afixadas. No entanto, segundo um cálculo baseado nos resultados dos troços cronometrados e nas penalizações dos controles mais difíceis de cumprir, prevê-se que o vencedor seja o finlandês Simo Lampinen (Lancia Fulvia HF), seguido de o italiano Sandro Munari, num carro igual, e do sueco Waldegaard (Porsche 911-S).

Dos nossos enviados-especiais
AUGUSTO VILELA
e AVELÃS COELHO

José Lampreia - Christian Melville, em Datsun, devem ter assegurado o quarto lugar, sendo assim a equipa portuguesa melhor clasificada. Uma classificação que, a confirmar-se, para estes ou para qualquer outro conjunto nacional, será brilhantíssima, atendendo aos grandes nomes que estiveram presentes na prova. Por marcas a vitória deve ir para a Porsche, enquanto a Datsun chegando ao fim com 8 viaturas das 10 com que alinhou á partida, uma das quais foi perdida por razões alheias á competição e á mecanica — a de Francisco Santos — registou um sucesso: verdadeiramente notável e que não passou despercebido ás equipas de fábrica estrangeiras presentes.

A taça das Senhoras pertencerá a Marie Claude Beaumont, unica a terminar.

A última etapa

A partida para a ultima etapa foi dada em frente ao edifício da Camara Municipal do Porto. Lampinen foi o primeiro a sair, seguindo-se os restantes, com intervalos de 1 minuto, pela mesma ordem que tinham chegado ao Porto. Ao todo sairam para esta ultima fase 65 equipas. Francisco Santos, em boa posição, abandonou no Porto em consequência do subito falecimento de uma pessoa de família. Isto viria a roubar lhe todas as possibilidades de conquistar o título de campeão nacional para o que lhe bastaria terminar esta prova. Os concorrentes tomaram o caminho de Viana do Castelo. Em Santa Luzia iniciava-se a sexta prova de classificação. Nos lugares da frente um lote de grandes nomes estrangeiros lutavam pelas melhores posições e não nos lembra de outro Rallye em Portugal onde os dez primeiros lugares estivessem tão disputados e as mutações fossem tão repentinas Os portugueses Lampreia e Romãozinho tentavam também tomar parte nessa discussão, tal como António Peixinho e Colaço Marques que, enquanto esteve em prova esteve em plano de evidência. No Gerêz o melhor tempo foi para Munari (Lancia), com 10.25, seguido de Lampinen (Lancia), Anderson (Alpine) e Waldegaard (Porsche), com 10.27, Van Bergen (Datsun), 11.07, Holtier (Alpine), 11.11, Peixinho (Alfa-Romeo) 11.13, Colaço Marques (Porsche), 11.13 e Francisco Romãozinho (Citroen), 11.33,03. Entretanto as desistências iam aumentando. Em Terras do Bouro ficou o (Saab) de Carpinteiro Albino com a direcção partida.

Em Viana do Castelo a equipa n.º 118 (Eric Macário-dr. Ruella Ramos), em Saab, que vinha a fazer uma prova excelente para uma boa classificação no Grupo 1 (boas hipóteses de serem vencedores), teve um problema na direcção que obrigou a moderar o andamento. Uma soldadura de recurso em Arco de baulhe pareceu ter resolvido o problema. Na passagem pelo Luso, porém, a peça avariada voltou a ceder.

Continuaram em prova mas viriam a desistir na ultima zona selectiva do percurso, na Pampilhosa, com a direnção aberta. Não se despistaram porém.

As desistênias de Toni Faal e de Ove Anderson não deixaram os homens da (Lancia), tranquilos. Havia ainda um Waldegaard capaz de, nos ultimos quilómetros provocar um «volte-face» na situação. Daí que o ritmos da competição nunca abrandou e a expectativa manteve-se praticamente até á chegada ao Estoril, verificada em ambiente de invulgar entusiasmo.

Com a anulação do troço da Cabreira os concorrentes puderam descansar um pouco mas algum tempo depois esperava-os o troço da Senhora da Graça. A luta pelo primeiro lugar trava-se entre os homens da Lancia, Tony Fall, que era o unico sobrevivente da Ford com possibilidades e Ove Anderssson, em Alpine. Van Bergen tentava aproximar-se muito deles e começava a jogar a sua cartada, mas no Cavalinho uma avaria na direcção obrigou-o a abandonar. O famoso sul-africano, contudo ficou com o carro intacto.

Em Mondim de Basto, Tony Fall passou no comando da prova depois de uma recuperação sensacional. Seguiam-se Lampinen, Munari e Waldegaard. Colaço Marques Romãozinho eram os melhores portugueses, respectivamente em 7.º e 8.º lugares O frances Greder chegou doente e preparava-se para desistir. Uns medicamentos que lhe foram oferecidos em Mondim de Basto permitiram-lhe continuar na prova embora com muitas dificuldades As classificações porém viriam a definir-se em Góis-Arganil Lousã e Luso onde todos deram tudo por tudo. Gradualmente reduzia-se o numero dos favoritos.

Um «rallye» quase completo

A maneira como decorreu o 4.º Rallye TAP poderá dar origem a grande controvérsia, mas há opiniões em grande numero que lhe dão nota altamente positiva.

— *É um Rallye quase completo* — declarou no Estoril Cesar Fiori, director desportivo da (Lancia). *As posições foram determinadas na estrada nos troços cronometrados o que obriga os pilotos a um trabalho intenso. Assim estão sempre em actividade. Penso que este Rallye tornar-se-á, muito rápidamente, um dos mais importantes da Europa. Veja-se aliás o interesse que as marcas já puseram este ano na prova portuguesa. Para vencermos encarámos o Rallye muito a sério e treinámos intensamente. Fomos muito preparados.*

A complementar do Estoril

Ontem á tarde, nos arruamentos do Casino Estoril realizou-se a prova complementar de «Slalon» apenas com funções de desempate na classificação. Nela podiam também tomar parte os concorrentes que desistiram. Alguns dos melhores tempos verificados: Lampinen (Lancia), 1.15.20; Waldegaard (Porsche 911-S), 1.08.29; Christian Melville (Datsun), 1.14.80; Romãozinho (Citroen), 1.21.02; Henri Greder (Opel 1900 GT), 1.14.26; Marie Claude Beaumont (Opel 1900 GT), 1.22.09; Américo Nunes (Porsche 911-S), 1.15.71; Silva Loureiro (Datsun 1200), 1.14.72; António Peixinho, (1.35.89).

A chegada ao Estoril

A chegada dos concorrentes ao Estoril verificou-se a partir das 10 e 30 de ontem. As horas de entrada no «contrôle» de chegada foram as seguintes: Lampinen (Lancia), 10 h. 30 m. 03 s.; Munari (Lancia), 10.35.10; Waldegaard (Porsche 911-S), 10.47.12; Romãozinho (Citroen), 10.55.26; Américo Nunes (Porsche 911 S), 11.05.19; Giovanni Salvi (Porsche), 11.13.20; António Peixinho (Alfa Romeo), 11.22.29; Chavan (Datsun), 11.26.15; Roy Fidler (Ford), 11.38.15; Luybregts (Daf), 12.03.17; John Barter (Ford), 12.11.19; Silva Loureiro (Datsun), 12.11.33; Marie Claude Beaumont (Opel), 12.12.00; Henri Greder (Opel), 12.13.02; Bandeira Vieira (BMW), 12.15.20; Evaristo Saraiva (Datsun), 12.16.23; Onimrif (Porsche), 12.19.12; Conde Botelho (Citroen), 12.20.27; Jaussen (Datsun), 12.30.01; Nascimento Costa (Datsun), 12.37.09; David Cabral (Datsun), 12.45.19; De Jong (Daf), 12.51.17.

ENTRE DUAS ETAPAS... UM EXAME

Luís Salles Grade (á esquerda), tomou há tempos o compromisso de ser «co-équipier» de Luís Carpinteiro Albino no «Rallye» TAP. Inesperadamente caiu-lhe um exame a coincidir com o «Rallye». Compromissos são compromissos e ele conseguiu conciliar o desporto e os estudos. No intervalo da 1.ª para a 2.ª etapa, durante a breve paragem do «Rallye» em Lisboa, Luís Salles Grade foi á Faculdade de Ciências fazer o seu exame de cálculo infinitesimal. Os seus cálculos no «Rallye» estiveram certos e ele foi um dos que terminaram. Esperamos que no exame tenha sido igualmente certo

Reuniram-se (para recordar) 300 antigos jogadores de futebol do Benfica

O objectivo alcançado. Na tradicional festa anual do Sport Lisboa e Saudade (agora a comemorar o 27.º aniversário) aconteceu, efectivamente, aquilo que se pretendia: confraternização. Confraternização justamente apelidada de «gigante» — graças á ideia de Francisco Calado em reunir todos os futebolistas que representaram o Benfica.

Evocação dos futebolistas já falecidos, através da missa realizada na capela da Luz; tarde de futebol, onde algumas «velhas glórias» fizeram o «gosto ao pé» ante o agrado de quantos assistiram; e, por fim, um jantar que decorreu no restaurante do Estádio da Luz e que reuniu cerca de três centenas de convivas.

Vários oradores. Palavras de evocação e de saudade. Também de incentivo e de esperança num futuro sempre melhor. Desportistas que continuam a sê-lo, mesmo depois da prática. Falaram, entre outros, Jaime Cotasino Duarte, António Adão, José Castilho, José Bastos, Costantino Pinheiro Machado, António Simões e Joaquim Murarrão

No final, a união havia sido alimentada. Era isso, exactamente, o que se pretendia.

HIPISMO

Piero d'Inzeo, A. Segovia e P. Henri vencedores das provas da 3.ª jornada do C.H.I.O.

O 59.º Concurso Hípico Internacional Oficial de Lisboa continua a corresponder às melhores previsões, desenrolando-se com crescente interesse. A jornada de ontem foi a terceira e o público tão numeroso como na véspera, mas, talvez, mais ruidoso e entusiasta do que no dia anterior, atraído certamente pela realização da prova de Potência, que, em qualquer certame tem sempre lugar à parte.

Na prova «A Tabaqueira», disputada em percurso de caça, pela tabela C, entraram 29 conjuntos (estavam inscritos, 44).

A classificação foi a seguinte:

1.º ten. cor. Piero d'Inzeo, (IT). no «Red Fox», 70,35; 2.º António Caldeira, na «Gitana», 70,75; 3.º, Alfonso Segóvia (Esp.), no «Roquelo», 75,9; 4.º, ex-aequo Francisco Lobo Guedes, na «Endiabrada» e ten. Gama, no «Gamo Escuro», ambos com 76,3 s; 6.º, maj. Alvaro Sabbo, no «Marau», 77,1 s; 8.º Mario Baumgartner (Suíça) no «Frusha», 77,4 s; 8.º Maria Manuela de Castro, na «Farpa», 78,9 s; 9.º, cap. Paul Weier, (Suíça), no «Montejo», 81,1 s; 10.º, Francisco Caldeira, no «Can Can» 82,1 s.

A prova «Maleus Rosé» redundou numa das melhores provas de «Potência», a que se terá assistido nos últimos tempos.

Dos 26 conjuntos inscritos 20 foram apurados para a 1.ª «barrage». E depois: 12 para a 2.ª, 8 para a 3.ª e 4 para a 4.ª. A selecção de valores fez-se, portanto, num ritmo regular.

As três primeiras «barrages» foram feitas sobre três obstáculos («opendish», «muro», e «oxer»; na 4.ª os concorrentes só foram obrigados ao «pendish» (1,80 m × 2,20 metros), e ao muro (2 metros).

Os portugueses apurados para a 1.ª «barrage» foram: cap. Fernandes Tomás («Biscuit B»), José Cansado Pais («Hovara»), J. Vasconcelos e Sá («Crocodilo») e ten. Gama («Espora»).

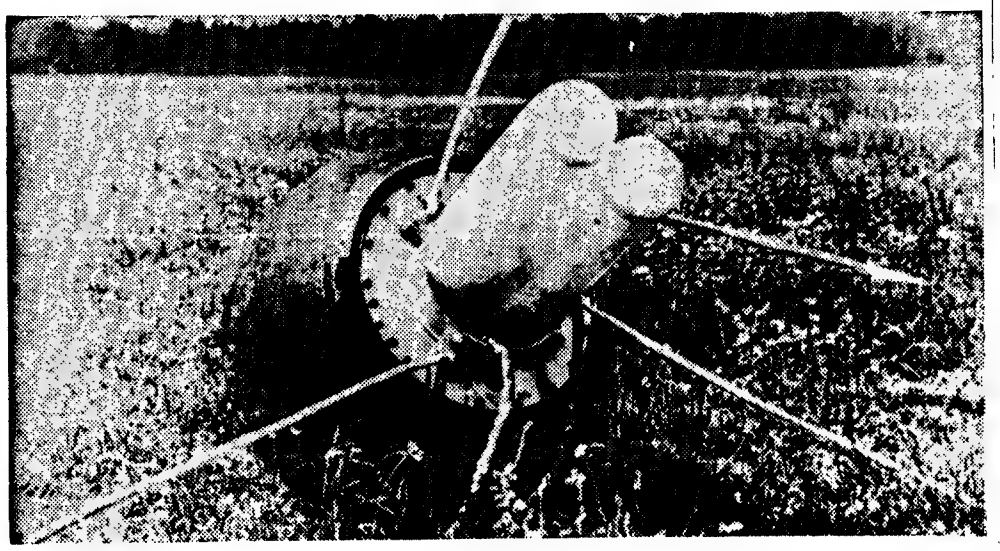
Classificação:

1.os, ex-aequo; Alfonso Segóvia (Esp.), no «Albricin» e Philippe Henri (Fr.), no «Que Diress; 3.º Duque de Aveiro, no «Sandy Beau», 4.º cap. Paul Weier (Suíça) no «Wildjeurer» (desistiu de desquitar a 4.ª «barrage»; 5.os, ex-aequo, ten. Gama, na «Espora» e cap. Paul Weier (Suíça), no «Wulf» na 3.ª «barrage», 7.º, Hélio Pessoa (Brasil), no «Flopper», na «3.ª barrage», 9.os ex-aequo, Cap. Fernandes Tomás no «Biscuit B» e José Cansado Jais, no «Hovara», na 2.ª «barrage».

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 160

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional



A CAPSULA DA LUNA-16 com as primeiras amostras da Lua trazidas para a Terra por processos automáticos. A fotografia mostra a cápsula depois da aterragem em território soviético.

A República será proclamada no Camboja na sexta-feira

PHNOM PENH, 6 — (A. N. I. e F. P.) — O reino do Camboja deverá transformar-se em Republica na próxima sexta-feira, dia 9, segundo disseram hoje fontes bem informadas.

A abolição da monarquia e a implantação da Republica têm sido objecto de rumores constantes nos meios intelectuais desde que o príncipe Sihanouk foi afastado do Poder, em 18 de Março.

Segundo as mesmas fontes, deverá realizar-se um plebiscito pouco depois da proclamação da Republica, para obter o apoio popular para a nova Constituição.

OFENSIVA COMUNISTA

Ontem á noite, as forças comunistas lançaram uma ofensiva ao norte de Phnom Penh, atacando uma força do Exército cambojano que se encontra cercada e lançando, simultâneamente, assaltos contra as capitais provinciais de Kompong Thom e Kompong Chang.

«O ataque dos comunistas é muito grave para nós» — afirmou o major Am Rong, informador militar cambojano, ao anunciar os ataques.

Nixon regressou a Washington

WASHINGTON, 6 — (R.) — O presidente Nixon regressou a noite passada a esta capital, fatigado, mas satisfeito, após uma viagem de oito dias á Europa.

Uma multidão de cerca de mil pessoas reuniu-se num hangar, brilhantemente iluminado, na base da Força Aérea de Andrews, para saudar o presidente, após o seu avião chegar a meio da tarde, vindo de Dublin.

Foi uma recepção com tapete vermelho a feita a Nixon, cuja viagem á Europa foi quase unânimemente considerada nesta capital como um triunfo pessoal do presidente.

Nixon visitou a Sexta Esquadra americana no Mediterrâneo, assim como a Itália, Jugoslávia, Espanha, Grã-Bretanha e Republica da Irlanda durante a sua viagem, a sua terceira ao estrangeiro como presidente.

Ao presidente, cuja viagem se destinou principalmente a relaçar o poderio naval americano no Mediterrâneo, foram conferidas honras militares ao regressar a noite passada a Washington.

Nixon chegou com o problema do Médio Oriente no pensamento como assunto mais importante a resolver, embora a política interna exija cada vez mais a sua atenção, a partir de agora até ás próximas eleições para o Congresso em 3 de Novembro.

É ainda difícil saber se a viagem de Nixon produziu os resultados desejados, mas o presidente e os seus colaboradores esperam que, pelo menos, irá contribuir para que os republicanos melhorem a sua posição em relação ao Senado.

A UNIÃO SOCIALISTA ÁRABE ESCOLHEU EL SADAT PARA SUCEDER A NASSER

CAIRO, 6 — (R.) — Anwar El Sadat, um político egipcio ferozmente anti-imperialista e um dos companheiros de mais longa data do falecido presidente Nasser, parece ter hoje garantida a sucessão depois de ter sido nomeado para o cargo de novo presidente do Egipto.

No próximo dia 15 realiza-se um plebiscito popular para confirmação da escolha, mas o triunfo de Sadat por grande maioria de votos parece estar desde já assegurado.

Sadat, antigo militar que tomou parte na conspiração republicana de 1952, recebeu ontem á noite o apoio unânime dos 150 membros da Comissão Central da União Socialista Árabe, o unico partido político do Egipto.

A sua nomeação será ainda submetida á aprovação da Assembleia Nacional amanhã de manhã, precisando de uma maioria de dois terços para ser confirmada antes de se realizar o plebiscito.

Ao apresentar o nome de Sadat, o presidente da Assembleia, Labib Shukair, disse que a nação deve evitar a todo o custo o vácuo político deixado pela morte de Nasser. Perante a ameaça israelita não deve haver qualsquer divisões ou divergências internas, declarou.

Dirigindo-se ao eleitorado, Shukair fez um apelo para que seja conservado o regime socialista árabe criado por Nasser.

O Egipto enfrenta um dos capítulos mais graves na sua história, pelo que a nação, embora de luto pelo desaparecimento do chefe, deve cerrar fileiras contra Israel e contra qualquer possível tentativa das forças reaccionárias.

UM ESTILO NOVO NA GUERRA RACIAL

(Continuação da 3.ª página)

cidades em todo o país, foi possível concluir que:

Mais do que nunca, o polícia branco sente-se ameaçado. Sendo, pràticamente, o único «estranho» que se vê no *ghetto*, desde há muito que tem sido um alvo das frustrações provocadas pelas condições de vida, falta de empregos e indiferença governamental. Actualmente, sente-se inclinado a atribuir essa hostilidade a intrigas e agitação provocadas pelos «panteras» e outros militantes da mesma envergadura.

— Os jovens negros e algumas pessoas de mais idade vêem cada vez mais a Polícia como um exército de ocupação hostil, cuja missão é manter os pretos dentro dos limites das suas comunidades tradicionais e servir de pelotão de execução em todas as violações, reais ou supostas, das «leis do homem branco». Na sua opinião, a Polícia parece mais preocupada em assaltar as instalações de organizações políticas do que em vigiar as ruas para evitar roubos e violações.

— Os negros mais idosos que ainda depositam fé no processo político ordeiro estão preocupados com o facto de os jovens virem a provocar uma retaliação branca em toda a comunidade negra. Dir-se-ia que os jovens desejam suicidar-se, afirmam.

★

O ambiente de guerra é particularmente acentuado em Chicago, onde vive um milhão de negros e onde impera «Black P Stone Nation», o maior dos numerosos bandos existentes. Os «Stones» afirmam que os seus inimigos já não são os outros bandos negros, mas sim a Polícia.

O sargento da Polícia Julius Frazier, um negro com 20 anos de experiência entre os bandos, diz que a vida caseira caótica dos *ghettos* contribui em larga medida para o problema. Muitos dos jovens vêm de famílias onde o pai e a mãe trabalham, deixando os filhos sem vigilancia. Há casos em que os pais não trabalham, mas os jovens juntam-se aos bandos por estes oferecerem uma estrutura e disciplina.

A Polícia calcula que a «Black P Stone Nation» tenha 20 000 membros, mas Lamar Bell, um dos «leaders» principais, não concorda com este número pois considera-o muito baixo. «*Penso poder afirmar que 75 por cento dos homens da comunidade são «stones»*, assevera Bell. «*Somos o grupo mais forte que aqui existe. Agora, estão a tentar destruir os «stones», mas nós morreremos primeiro*».

No passado mês, após um choque com os «stones» no decurso do qual um detective foi morto por uma bala de carabina, Thomas Lyons, do serviço de informações da Polícia, resumiu, numa conferência de Imprensa, os sentimentos de muitos polícias brancos de Chicago:

«*Aos defensores dos bandos de rua, muitos dos quais desempenham funções de carácter social ou trabalham no campo da informação, dizemos: malditos sejais. Aos residentes na comunidade que vivem no temor dos bandos, suplicamos que nos ajudem a libertar a comunidade desta escumalha.*»

Bell e outros «stones» dizem que a luta que travam se explica pela necessidade de empregos e outros recursos, a fim de construirem a sua própria comunidade á sua maneira.

A taxa oficial de desemprego relativamente ás idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos, na zona sul da cidade onde os «stones» se encontram na sua maior força, é calculada em mais de 30 por cento, ligeiramente acima da taxa nacional referente aos jovens negros. Mas os especialistas das questões do trabalho pensam que a verdadeira percentagem, aqui e noutros sítios, pode ser o dobro da indicada.

Outro ponto sobre o qual não se chegou a acordo é o número de jovens que vagueiam pelas ruas em vez de frequentarem a escola. Segundo as autoridades escolares de Chicago, a percentagem dos alunos que abandonam os liceus situados na parte sul da cidade é cerca de 11 por cento, mas é possível que seja muito mais elevada.

Os malogros persistentes na escola e o facto de nada terem que fazer cá fora, não deixam ao jovem negro de Chicago outra alternativa que não seja «juntar-se aos bandos e passar o tempo como puder», para usar as palavras de Charles Davis, de 17 anos de idade.

Davis lamentava a morte, três dias antes, de um amigo de 17 anos, cujo corpo, crivado de balas, fora encontrado á porta de uma casa no lado sul da cidade.

«*Não sei o que lhe aconteceu. Aqui tudo é possível.*»

Cidade após cidade onde estalou a violência entre os jovens negros e a Polícia, as organizações tradicionais dos direitos cívicos associaram-se a fim de estudar os problemas que perturbam a juventude. O desafio que estes negros mais idosos enfrentam subsistirá para além deste Verão de violência:

Serão eles capazes de descobrir a maneira de comunicar realmente com os poderes estabelecidos?

O dr. Spiegel, do Centro Lemberg, é de opinião que se deveria diminuir o número de polícias brancos na comunidade negra. «*Eles têm opiniões tão profundamente divergentes*», diz ele referindo-se á polícia branca e á juventude negra. E conclui:

«*A Polícia, que faz cumprir a lei, e os grupos de jovens negros estão cada vez menos interessados em resolver os conflitos da comunidade por meio de conversações ou negociações. Pelo contrário, cada parte parece estar a tentar estabelecer o seu poder hostilizando e intimidando. É uma tragédia.*»

S. R.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

Direcção-Geral da Contabilidade Pública

Conforme aviso publicado no Diário do Governo 2.ª série, de 18 de Setembro de 1970, está aberto concurso para terceiros-oficiais desta Direcção-Geral, entre indivíduos do sexo masculino, de idade não inferior a 20 nem superior a 35 anos, que possuam pelo menos o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes.

Os interessados deverão apresentar o seu requerimento, que poderá ser feito em impresso próprio a fornecer pela Repartição do Expediente desta Direcção-Geral, o qual será acompanhado apenas do certificado de habilitações.

Serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessários para a sua preparação.

MINISTÉRIO DA MARINHA

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE ARMAS NAVAIS

Conselho Administrativo

FORNECIMENTO DE MÁQUINAS-FERRAMENTAS

Faz-se público que se encontra aberto concurso, perante este Conselho Administrativo, para fornecimento de máquinas-ferramentas destinadas ao apetrechamento de oficinas.

As propostas, acompanhadas do último recibo da Contribuição Industrial, serão recebidas na secretaria deste Conselho Administrativo, até às 16.30 horas do dia 8 de Novembro de 1970, devendo, no acto da entrega, ser efectuado um depósito provisório de 10.000$00, em dinheiro.

As Condições Gerais e Especiais do concurso e do fornecimento encontram-se patentes na secretaria deste Conselho Administrativo, no Alfeite, todos os dias úteis, excepto sábados, das 9.30 às 12.30 e das 13.30 ás 16.45 horas e aos sábados das 9.30 ás 12.30 horas.

A abertura das propostas terá lugar na sede do Conselho Administrativo, no Alfeite, ás 14.30 horas do dia 9 de Novembro de 1970.

ALFEITE, 19 de Agosto de 1970.

O PRESIDENTE DO CONSELHO ADMINISTRATIVO
António Caires da Silva Braga
Cap.-mar-guerra

Indemnização de 8750 contos exigida por Zsa Zsa

NOVA YORK, 6 — (R.) — A estrela cinematográfica Zsa Zsa Gabor intentou ontem no tribunal federal desta cidade uma acção, pedindo uma indemnização de 300 000 dólares (8750 contos), contra a Waldorf Astoria Hotel Corporation, alegando que essa empresa falhara em protegê-la contra roubo de jóias no valor da indemnização requerida, que lhe foram tiradas no hotel.

Zsa Zsa Gabor alega na acção que o Waldorf Astoria se mostrara negligente ao deixar aberta uma porta através da qual dois bandidos entraram no edifício e lhe roubaram as jóias, ás 12 e 45, de 19 de Agosto. Diz ainda que muito poucos empregados guardavam o vestíbulo do hotel.

A actriz revela que regressava ao seu apartamento nas torres do hotel, pelo qual pagava 3000 dólares mensalmente, quando os bandidos a seguiram até um elevador e lhe roubaram dois anéis, um deles de grande valor, e um par de brincos de diamantes.

Ovando Candia disposto a lutar para se manter no Poder

LA PAZ, 6 — (R.) — O presidente Ovando Candia parece estar disposto a lutar para se manter no Poder depois de ter rejeitado o pedido do Exército para apresentar a demissão.

Oficiais partidários do presidente e do general Rogélio Miranda, da extrema direita, que no domingo tentou derrubar Candia, pediram a ambos que se demitam, numa aparente tentativa de compromisso destinada a evitar uma guerra civil.

A reacção do presidente, porém, foi a de mobilizar imediatamente as forças blindadas de Cochabamba que se mantêm fiéis ao Governo, ao mesmo tempo que a guarda presidencial continua de prevenção no palácio e aviões da Força Aérea sobrevoam a capital.

Ao ser intimado a apresentar a demissão, o presidente Candia apareceu a uma varanda do palácio perante numerosa multidão de partidários ali concentrados e declarou: «O Poder não está num grupo de oficiais mas sim no povo».

Os observadores pensam que um numero quase idêntico de unidades militares apoia o presidente e o seu rival, o general Miranda, comandante do Exército, mas aparentemente o presidente conta com as melhores unidades.

Entretanto o ministro do Interior, coronel Juan Ayoroa, notório elemento das direitas, demitiu-se.

Os oficiais que apoiam Candia e Miranda reuniram-se ontem em La Paz para discutir a situação e por 317 votos contra 40 resolveram pedir a ambos que se demitam.

Entretanto, esses oficiais estão a tentar decidir quem deverá ser o novo presidente, mencionando-se o nome do general Hugo Banzir, actual director da Academia Militar desta cidade.

CEAUSESCU VISITA OS EUA ESTE MÊS

WASHINGTON, 6 — (R.) — O presidente Nicolae Ceausescu, da Roménia, virá, segundo se espera, este mês a esta capital, durante a sua visita aos Estados Unidos para assistir á assembleia geral da O. N. U., segundo afirmaram a noite passada funcionários da embaixada romnea.

Não foi feita ainda qualquer comunicação oficial sobre qualquer encontro de Ceausescu com o presidente Nixon, mas espera-se que tal encontro ocorra ainda este mês.

O presidente Nixon visitou Ceausescu em Bucareste durante a viagem que efectuou o ano passado á volta do mundo.

É, também, provável, que o presidente Ceausescu visite ainda Los Angeles, San Francisco e Detroit.

Raptado no Canadá um diplomata britânico

MONTREAL, 6 — (R.) — As autoridades canadianas parecem não estar dispostas a negociar com os terroristas da extrema esquerda que raptaram o diplomata britânico James Cross e pedem um elevado resgate por ele.

Cross é um diplomata de carreira de 49 anos que desempenha as funções de comissário britânico para o comércio e foi ontem levado de sua casa por quatro elementos do grupo separatista francês Frente de Libertação do Quebec.

O diplomata sofre de tensão arterial elevada e precisa de tomar duas vezes por dia comprimidos, que não tinha em seu poder quando foi raptado, pelo que o seu estado de saúde inspira cuidados.

POMPIDOU EM MOSCOVO

MOSCOVO, 6 — (R.) — O presidente Georges Pompidou, da França, chegou hoje a esta capital para uma visita oficial, durante a qual afirmará a sua lealdade á política do presidente de Gaulle de elos íntimos com a União Soviética.

O presidente Pompidou chegou ás 14 horas locais (11 T. M. G.) e iniciará conversações com dirigentes soviéticos duas horas e meia depois de desembarcar do seu avião especial, em que viajou de Paris.

Numa entrevista gravada antes e exibida no sábado passado aos telespectadores soviéticos, Pompidou afirmou que a sua viagem demonstraria, acima de tudo, a dealdade da França á política de cooperação com Moscovo, definida pelo seu predecessor.

Janis Joplin encontrada morta

HOLLYWOOD, 6 — A cançonetista «pop» americana Janis Joplin foi encontrada morta, num quarto de hotel, nesta cidade.

Albina Fernandes Pato

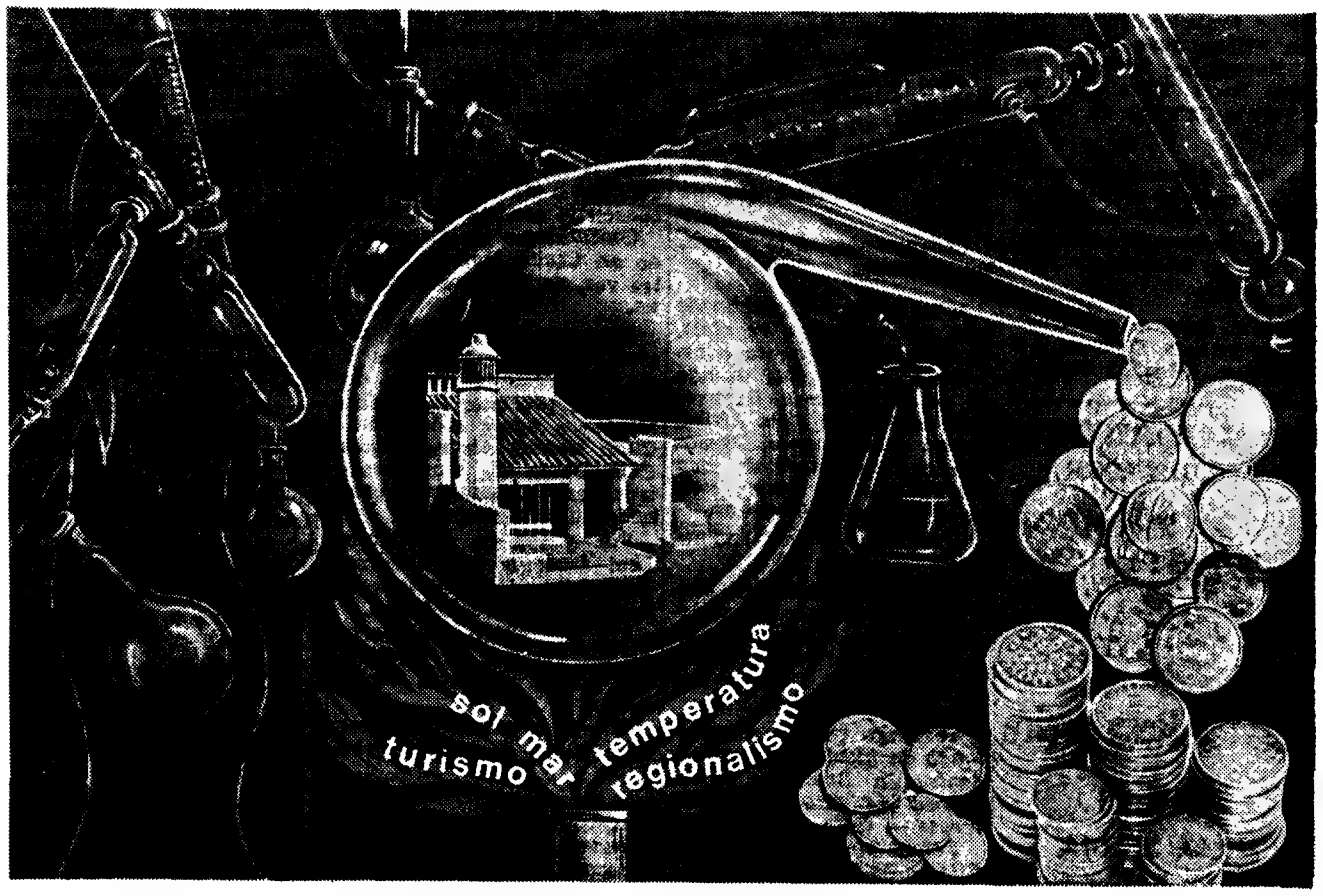
Seu marido Octávio Rodrigues Pato, filhos, pais, sogros, irmãos, cunhados e mais família participam o falecimento de sua mulher, mãe, filha, nora, irmã, cunhada e parente, que deixa profunda saudade aos familiares e seus numerosos amigos pelo alto exemplo de dignidade que foi a sua vida.

O corpo encontra-se exposto desde hoje, a partir das 20 h. no Instituto de Medicina Legal, de onde sairá o funeral amanhã, 4.ª-feira, às 16.30 h., para o cemitério de Vila Franca de Xira.

Albina Fernandes Pato

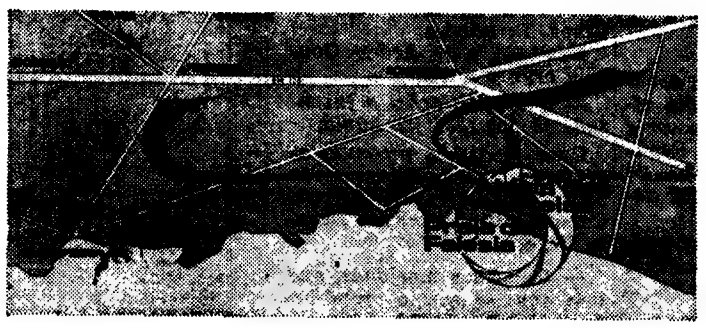
Seus amigos participam o seu falecimento e convidam todos aqueles que queiram prestar homenagem à mulher que foi um exemplo de coragem, dignidade e dedicação.

O corpo encontra-se exposto a partir das 10 h. de hoje no Instituto de Medicina Legal de onde sairá o funeral, amanhã, pelas 16.30 h. para o cemitério de Vila Franca de Xira.



INVISTA O SEU CAPITAL NA "ALDEIA DAS AÇOTEIAS"

Nos PROMOVEMOS TURISMO. Nós somos o TOURING CLUB DE PORTUGAL, Indústria Turística, S.A.R.L. e convidamo-lo a associar-se ao nosso EMPREENDIMENTO TURÍSTICO • Praia da Falésia — Albufeira — Algarve.



Recorte o cupon abaixo e envie-o à Divisão de Vendas do Touring Club de Portugal, a fim de receber, sem qualquer compromisso, informações detalhadas sobre este complexo turístico

DL TOURING CLUB DE PORTUGAL
ALDEIA DAS AÇOTEIAS
DIVISÃO DE VENDAS
Rua Rodrigues Sampaio, 21, 5.º - C e D
LISBOA Telefs. 51983 - 51998

Estou interessado em receber informações detalhadas sobre o vosso Empreendimento Turístico.

☐ Moradias ☐ Apartamentos

Nome
Morada
Localidade
Distrito Telef.

TCP

TOURING CLUB DE PORTUGAL "DIVISÃO DE VENDAS"
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 21 - 5º C • D - LISBOA • telefones - 51983 - 51998

A defesa do Ultramar preconizada num almoço de 33 velhos republicanos

A mesa da presidência ao almoço

Em Lisboa, trinta e três republicanos reuniram-se num almoço, para comemorar o 5 de Outubro. A reunião decorreu num restaurante do Campo Grande e foi presidida pelo dr. Acácio Gouveia, ladeado pelos drs Carlos Pereira, Nuno Rodrigues dos Santos, Agostinho Sá Vieira e Artur Pinto da Cunha Leal. Entre os presentes, nomes conhecidos no meio republicano: os drs Toscano de Almeida e Sargo Júnior, Francisco Vaz Simões, António Perianes Palma, Feio de Oliveira, Ribeiro da Silva, Tibério Soares, José Luís Pereira, Cotta Mesquita, Sousa Almeida, Teixeira Fialho, Carlos Duarte, Bandeira de Melo, Manuel Correira, Manuel Francisco Braga Pereira Salreu, João Mota Veiga, Manuel dos Santos e Armindo Sousa Melo, além de D. Maria Catanho de Menezes.

Peço a todos, um minuto de respeitoso silêncio pela morte do eng.º Cunha Leal, meu antecessor neste lugar — disse, no início, o dr. Acácio Gouveia.

Depois, surgiram os tradicionais vivas a Portugal e á República. E os 33 republicanos, «atacaram» o almoço (isto, enquanto outros assistentes se admiravam de não ver por ali nenhum busto da República ou, sequer, uma bandeira nacional).

Antes do café, houve discursos. Disse o dr. Acácio Gouveia:

— *Foi para mim extremamente agradável verificar que pessoas com extremas responsabilidades estão aqui.*

Chegaram os primeiros telegramas: dos drs. Arlindo Vicente e Vasconcelos de Carvalho. E o dr. Nuno Rodrigues dos Santos pediu a palavra:

— *Assisti á romagem ao Alto de S. João e vim de lá com dois sentimentos contraditórios: de há 40 anos para cá o Governo reconhece pela primeira vez que a República está consolidada. Faltava, realmente, a adesão das entidades oficiais; e o Governo prestou-a. Mas lamento os excessos de cautela em matéria de manutenção da ordem.*

Continuando, entre vibrantes aplausos:

«Com a superior qualidade que ninguém lhe regateia, alguém que representa o regime falou há dias usando as nossas palavras. Batemo-nos em França e em África, já há muitos anos. Fomos nós os precursores de uma atitude que foi sempre nossa: a defesa do Ultramar.

Mais, muitos mais aplausos.

— *Lutámos também contra o clericalismo: a tendência para a intervenção na Política de determinados sectores da Igreja. Também isto não é hoje novidade...*

«Estamos numa encruzilhada da história. Os antecedentes da República Democrática de 1910 continuam vivos» — disse, a concluir.

Falou, em seguida, o sr. Ribeiro da Silva que, a certa altura, afirmou:

— *A Imprensa tem um papel a cumprir, que não cumpriu ainda. Não estão aqui representados todos os jornais. Deviam estar.*

«Somos muito poucos, aqui, num dia como hoje em que se festeja aquilo que nos encheu de esperança. Mas nós, os que estamos aqui, não perdemos a esperança, a fé no futuro, mas temos entre nós tão poucos jovens que estou penalizado.

Usou então da palavra o dr. Sargo Júnior:

— *Estou, na verdade, doente e inválido. Mas tenho vivos na minha alma o amor e a fé nos destinos da República. Desde os tempos de Coimbra que ando nestas andanças.*

Evocou, depois, as memórias de Cunha Leal, Paradela de Oliveira e João Soares. E acentuou:

— *Desafio, quem quer que seja, a medir comigo noções de nacionalismo. Há, por aí, o desejo de nos afastar das tetas úberes da Mãe-Pátria. E invocam o Ultramar. Mas não há nenhum democrata que se preze que seja pelo abandono do Ultramar.*

«*Sou filho de um soldado raso das tropas de Alves Roçadas. A história de Portugal em África já foi escrita há muito: por Paiva Couceiro, Mouzinho, António Enes, Cunha Leal e, acima de todos, por Norton de Matos*».

Após uma prolongada ovação:

— *Em Nova Lisboa, recentemente, o Presidente do Conselho sentiu o impulso de ir prestar homenagem a esse grande democrata. Foi, não podemos negá-lo, um acto de justiça oficial.*

Muitos mais aplausos. E a palavra foi dada ao sr. Alfredo Canana. Em certo momento, disse:

— *A juventude actual já enjeita os «Velhos do Restelo».*

Esta frase foi uma espécie de rastilho que provocou certa turbulência. E o dr. Cunha Leal levantou-se para replicar. Mas o dr. Acácio Gouveia conseguiu serenar os ânimos.

Continuaram os discursos: do sr. Carlos Duarte, e, outra vez, do sr. Alfredo Canana.

Nova interrupção. E, algum tempo depois, falou o sr. Rui Teixeira Fialho, de 30 anos, professor do ensino técnico e agora economista. Citou Manuel Alegre e Luís Cília. Falou dos seus encontros, em Champigny, com emigrantes portugueses.

Foi a vez do dr. Cunha Leal fazer o seu discurso, verdadeira afirmação de certeza na linha republicana.

Foi lida, então, uma carta do dr. Ramon de La-Feria (84 anos), que está muito doente.

E veio o grande impacto: as palavras do sr. Barata Feyo.

—*Desculpem.*

«*Queremos uma República actuante, que não viva do passado. Não se tem feito, nos quadros da República, nada que não seja a evocação do passado.*

Grande burburinho. E um período de interrupção até que o orador, muito animado, conseguiu prosseguir:

— *É verdade que o passado existiu, mas hoje está fechado e não actua.*

Nova pausa. E o dr. Acácio Gouveia a solicitar que os convivas se abstivessem de diálogo. Os ânimos serenaram um pouco quando foi lido um telegrama do dr. Vasco da Gama Fernandes.

Exaltado, o dr. Acácio Gouveia ergueu a voz:

— *Que solicitações a juventude já nos fêz? Nenhuma.*

Quase todos os presentes se ergueram para censurar as afirmações dos srs. Alfredo Canana, Rui Teixeira e Barata Feyo.

— *Que fez a mocidade, que veio aqui só com o propósito de nos criticar? De fazer discursos lamentáveis.*

E o dr. Acácio Gouveia transtornado, nitidamente fora de si:

— *Para alguns que estão aqui, esta reunião não tem significado. Então, para que vieram?*

«*Foram os «Velhos do Restelo» ou os meninos das escolas que consolidaram a República?*»

Mais turbulência. E os cafés ficaram por tomar... Frases no ar: «*Esta reunião era de regozijo e de confraternização. Era...*»

Perto das 18 horas, com um «*Viva á Republica, debandaram os últimos doze «resistentes».*

UM JANTAR NO PORTO

PORTO, 6 — Os democratas do Porto marcaram a sua presença na Rua Formosa, num jantar restritivo, pelo seu elevado preço, pela pequenez da sala.

O arquitecto Lobão Vital presidiu á comemoração.

Convidou, seguidamente, para secretariar o jornalista César Príncipe, dr. Veloso de Pinho, dr. Armando de Castro, dr. Vilhena de Andrade, dr. Joaquim Loureiro, em representação dos democratas de Braga, eng.º Mem Verdial, escritor Papinano Carlos, jornalista João Maia, Francisco Horta e dr. Zeferino Coelho. Os jornalistas presentes delegaram, ainda, para o secretariado no representante do «Diário de Lisboa».

Na mesa da presidência sentaram-se, também, a eng.ª Virgínia Moura, dr. José Cardoso, dr. Armando Bacelar, dr. Teixeira de Sousa, Joaquim Felgueiras, Alexandre Barros, D. Irene de Castro, Guedes Pinheiro, dr. Raul de Castro, Egito Gonçalves e eng.º Flávio Martins.

Falaram os drs. Joffre de Amaral e Veloso de Pinho, após o que a eng.ª Virgínia de Moura.

Um jovem trabalhador, Sérgio Valente, falou a seguir. Condenou estes jantares, se eles não passarem de sucessivos discursos, logo esquecidos.

Os jovens presentes cortaram as declarações de Sérgio Valente com «slogans» de apoio e palmas ritmadas. Começava a haver muito entusiasmo na sala. Nas escadas da Chic-Pensão, muita gente pedia para entrar. Foi lido um telegrama de José Morgado, enviado do Brasil. Perante a instância dos organizadores, mais alguns jovens entraram na sala.

O dr. Silva Loureiro, representante dos democratas de Braga, procurou fazer uma análise das doutrinas pós-conciliares, a posição do cristão perante a Democracia e as ditaduras.

O dr. Armando Bacelar, Alexandre Ferreira Barros, Laura Barros Moreira e Deolinda Maria Ferreira de Sousa falaram a seguir.

Joaquim Felgueiras e o dr. Zeferino Coelho foram os últimos oradores da sessão. O primeiro procurou mostrar a existência dum movimento sindical importante anterior á Republica e lembrou o papel dos trabalhadores na Revolução de 1910.

O arquitecto Lobão Vital, muito emocionado, encerrou a sessão, amparado por alguns amigos.

As comemorações em Viseu

VISEU, 6 — Uma reunião largamente concorrida de democratas do distrito assinalou, nesta cidade, o 60.º aniversário da implantação da República.

A reunião foi presidida pela sr.ª dr.ª D. Maria Amélia Franco Alexandre, ladeada pelos srs. Mário Ferreira de Matos (o mais antigo republicano de Viseu), dr. Mário Silva, de Santa Comba Dão, D. Maria Isabel Monteiro Sena, de Viseu, e dr João Borges, da Guarda, além de outros democratas.

Usaram da palavra os srs. Osvaldo Peliz, presidente da comissão organizadora da comemoração, dr. Flausino Torres, de Tondela, dr Mário Silva, de Santa Comba Dão, dr. João Gomes, da Guarda, e D. Carolina Lemos César Anjo, de Viseu.

Um aspecto do jantar na cidade do Porto

NOVOS DIRECTORES DO HOSPITAL DE S. JOÃO

PORTO, 6 — Na Aula Magna do Hospital de S. João o secretário de Estado da Saúde empossou, numa cerimónia a que presidiu, o novo director daquele estabelecimento hospitalar e o respectivo director clínico, respectivamente srs. profs. drs. Ernesto Borges Teixeira de Morais e Joaquim José Monteiro Bastos.

A ladear o secretário de Estado da Saúde, sentaram-se os srs. dr. Alberto Machado, chefe de gabinete do ministro da Educação Nacional; chefe do distrito do Porto; prof. dr Sousa Pereira, reitor da Universidade do Porto; prof. dr. Almeida Garrett, director da Faculdade de Medicina; dr João Rodrigues, provedor daquele hospital; etc.

ALCABIDECHE

D. Joana Rosa Freire Martins

MISSA 7.º DIA E AGRADECIMENTO

Seu marido, filhos, genros e netos participam que amanhã, dia 7, pelas 9 horas, será na Igreja de Alcabideche, celebrada Missa pelo eterno descanso da sua querida mulher, mãe, sogra e avó, agradecendo não só a todas as pessoas que se dignarem assistir áquele piedoso acto, mas também ás que tendo-lhe manifestado o seu pesar, não puderam expressar directamente por desconhecimento de moradias o seu sincero reconhecimento.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef. 51586

DR. FELICIANO TOMÉ DIAS NEWTON

Sua mulher manda rezar missa pelo seu descanso, amanhã, 7, ás 12 e 15, na igreja de Arroios, Rua Quirino da Fonseca, n.º 2-A

SOBREIRA FORMOSA
PROENÇA-A-NOVA

DR. ABÍLIO FERNANDES TOMÉ

FALECEU

Maria do Carmo Dias de Matos Tomé, Abílio Dias Fernandes Tomé sua mulher Maria Fernanda de Carvalho Sá Borges Fernandes Tomé, Albano Dias Fernandes Tomé e sua mulher Maria Tereza Cortez Tomé, Carlos Manuel Borges Fernandes Tomé, Maria da Conceição Borges Fernandes Tomé, Maria Paula Borges Fernandes Tomé e demais família participam o falecimento de seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 9.15 horas, saindo da Igreja de S. João de Brito, para jazigo de família no cemitério da Sobreira Formosa — Proença-a-Nova.

AGÊNCIA MAGNO
Telef. 534162

A Bandeira Nacional foi içada na varanda do Município de onde se proclamou a República

(Continuação da 1.ª página)

da por cadetes da Escola Naval, soldados da Polícia Militar e uma fanfarra do Exército.

Depois de executado o hino nacional e guardado um minuto de silêncio, o almirante Pereira Crespo depôs o ramo de flores, altura em que a guarda de honra prestou as honras militares do estilo.

Com esta breve cerimónia terminou, no cemitério do Alto de S. João a homenagem das Forças Armadas aos fundadores da Republica.

A romagem dos velhos republicanos

Cerca das 11 horas, centenas de filiados nos diversos Centros Escolares Republicanos concentraram-se á entrada do cemitério do Alto de S. João, com o propósito de prestarem a tradicional homenagem aos vultos da Republica.

Concluida a concentração, os manifestantes entraram no cemitério e visitaram, sucessivamente, os tumulos de Miguel Bombarda, Candido dos Reis, Elias Garcia, Machado Santos e António José de Almeida.

Em todos os tumulos foram colocadas flores e dados vivas á Republica.

A peregrinação terminou junto do tumulo do dr. António José de Almeida, onde, depois de terem sido dados vivas á Republica, a assistência cantou o hino nacional.

Pouco passava das 11 e 30, quando os manifestantes abandonaram o local, sempre na maior ordem. A P.S.P que se encontrava no local limitou-se a fazer o policiamento habitual.

No Centro Escolar Republicano de Alcântara

No Centro Escolar Republicano de Alcantara — fundado em Fevereiro de 1908 — o aniversário da implantação da Republica foi comemorado, como nos anos anteriores, com uma festa infantil, que igualmente assinalou a abertura do ano lectivo da escola primária privativa daquela colectividade, a qual este ano conta com a frequência de 96 crianças.

Às 16 horas, oferecida pela direcção, foi servida uma merenda.

A directora da escola, sr.ª D. Teófila da Conceição, proferiu breve alocução incitando os jovens escolares a cumprirem os seus deveres para com as famílias e os professores e a serem bons estudantes.

Içada a Bandeira Nacional na varanda do Município

Uma das cerimónias que, em Lisboa, assinalaram a passagem do 5 de Outubro, consistiu no içar da bandeira nacional na varanda do Município, onde há 60 anos, foi proclamada a implantação da Republica.

Muito antes da hora marcada para o começo da cerimónia já muitas centenas de pessoas se aglomeravam nos passeios da Praça do Municipio, com o seu famoso pelourinho ao centro. Pelas 10 e 30 começaram a chegar ao Paços do Concelho as individualidades convidadas, as quais se iam reunindo no salão nobre.

Entretanto, em frente do Município, formavam a banda de musica da Força Aérea, e companhias de Marinha, Exército e Força Aérea, representadas respectivamente por fuzileiros navais, infantaria e pára-quedistas, bem como uma companhia da G. N. R.

As 10 e 50 chegou o ministro da Defesa e do Exército, que á entrada foi recebido pelo presidente e vice-presidente do Município, respectivamente, eng.º Santos e Castro e dr. Soares da Costa e por vereadores. Aquele membro do Governo dirigiu-se para o salão nobre, onde recebeu os cumprimentos dos presentes, entre os quais se viam os srs. secretário de Estado da Aeronáutica, subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, governadores militar e civil de Lisboa, comandante naval do Continente e Roque Manuel de Arriaga filho do dr. Manuel de Arriaga, primeiro Presidente da Republica Portuguesa.

Precisamente ás 11 horas, foi dado o toque de sentido. O sr. general Sá Viana Rebelo, acompanhado da assistência, dirigiu-se então para a histórica varanda procedendo ao içar da bandeira nacional, ao mesmo tempo que a banda de musica tocava a marcha de continência seguida da execução do Hino Nacional. Nesse momento uma esquadrilha da Força Aérea e quatro helicópteros sobrevoaram, por várias vezes, o local e os navios de guerra surtos no Tejo deram as salvas da ordenança. Terminada a cerimónia, as forças desfilaram pela Praça do Comércio e Rua Augusta até ao Rossio, de onde regressaram aos quartéis, autotransportadas.

Noventa democratas no jantar de Alenquer

ALENQUER, 6 — Cerca de 90 pessoas participaram ontem, á noite, no tradicional jantar comemorativo da passagem do aniversário da implantação da Republica. Presidiu o sr. dr. Teófilo Carvalho dos Santos, ladeado pelos srs. dr. Vieira Leitão e Joaquim Mestre.

Após um minuto de silêncio em memória dos mortos da Republica, foi prestada uma saudação especial ao sr. Gregório Rosa, velho democrata de Alenquer, que habitualmente preside ao jantar anual, o que não pôde fazer este ano por estar doente.

Durante a reunião falaram os srs. dr. Joaquim Mestre, dr. Vieira Leitão, Manuel António de Matos e dr. Teófilo Carvalho dos Santos.

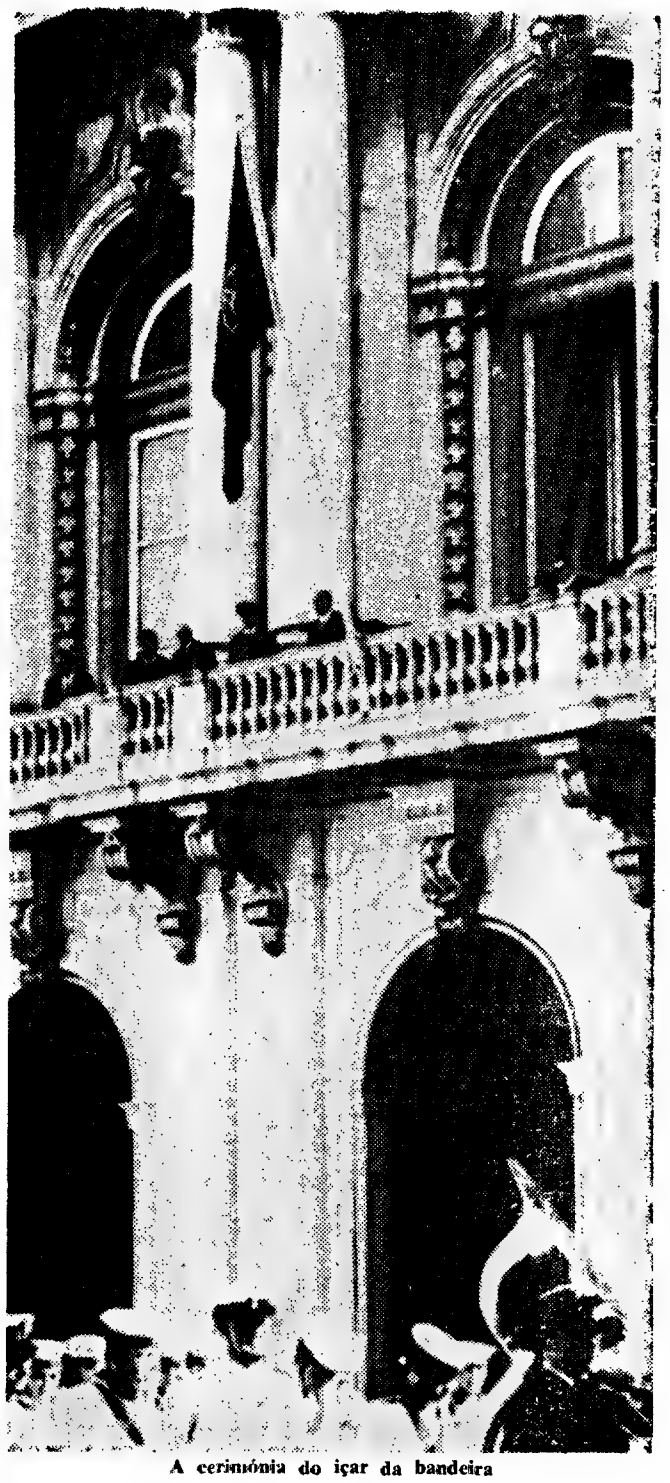
Todos os oradores se referiram ao significado do 5 de Outubro e exaltaram o espírito de sacrifício e a honestidade dos homens a quem se ficou devendo o movimento.

O sr. dr. Teófilo Carvalho dos Santos referiu-se também dos motivos que levaram o País a implantar a Republica, terminando por dissertar sobre os problemas políticos actuais.

No final todos os convivas, de pé, cantaram o hino nacional.

Duzentos democratas num jantar em Guimarães

GUIMARÃES, 6 — Efectuou-se num restaurante local um jantar de confraternização dos democratas do distrito, que reuniu duas centenas de convivas e decorreu com muito entusiasmo e em ambiente de civismo. Presidiu o sr. António Marinho Dias, de Celorico de Basto, que foi candidato ás ultimas eleições. No decorrer do jantar, usaram da palavra os srs. dr. Lino Lima e dr. Joaquim Loureiro, de Famalicão, dr. Santos Simões, de Guimarães, José Manuel Mendes e José Manuel Barbosa, dr. Vítor Sá e Humberto Soeiro, de Braga, e Manuel Lemos da Silva, de Barcelos.



A cerimónia do içar da bandeira

FLORES NA CAMPA DE MÁRIO SACRAMENTO

AVEIRO, 6 — As comemorações, nesta cidade, do 60.º aniversário da proclamação da Republica revestiram-se de grande luzimento e fizeram acorrer a Aveiro grande numero de democratas do distrito e doutros pontos do País. As cerimónias tiveram início, de tarde, com uma romagem ao cemitério central da cidade, sendo depostas flores no monumento aos Mortos da Liberdade e na campa do grande aveirense e grande democrata, dr. Mário Sacramento.

A noite, efectuou-se, no Teatro Aveirense, uma sessão presidida pelo sr. dr. José Rodrigues, de Anadia, que estava ladeado pelos srs. drs. Julio Calisto, Artur Pereira Bártolo, Armando Seabra, Alfredo Bacelar Alves, eng.º Manuel Santos Pato e Senas da Fonseca. Foram lidos telegramas dos srs. drs. Ribeiro da Silva, pelos democratas de Viana do Castelo, Henrique Varela, pelos de Alcobaça, e dr. Fernando Vale, de Arganil.

O primeiro orador foi o sr. dr. António Neto Brandão, de Aveiro, que elogiou os homens do Cinco de Outubro e afirmou que o dia de ontem «era de meditação e de jubilo pois se comemorava a vitória da Democracia sobre o regime então existente». Seguiu-se a sr.ª eng.ª D. Maria da Glória Pimenta de Agueda, que salientou ter sido «a revolução como um salto gigantesco para nos colocar ao par das melhores nações da Europa». O sr. dr. Almor Viegas foi o orador seguinte. Evocou a memória dos gloriosos portugueses da Revolução do Cinco de Outubro. Aludiu depois ás promessas feitas no distrito de Aveiro, antes das eleições, e afirmou:

— *Os democratas não as esquecem pois elas representam as suas próprias reivindicações.*

Seguiu-se o sr. dr. José Oliveira e Silva, de Estarreja, que focou as reformas da Republica salientando a sua alta missão na vida social, jurídica, educacional e económica do País.

De Braga veio a Aveiro o dr. Vítor de Sá, a quem a assistência tributou, de pé, grande ovação. A certa altura do seu discurso, afirmou o dr. Vítor de Sá:

— *Com a proclamação da Republica o homem português conquistou a sua Carta de Alforria. Deixou de ser um subdito para ser um homem consciente.*

O ultimo orador da noite foi o sr. dr. Costa e Melo, de Aveiro, que declarou:

— *Não queremos que seja esta data, uma data morta, pois ela é uma data de luz, que pode ajudar a ver, projectada na História, a Democracia Portuguesa.*

Emocionadamente o sr. dr. José Rodrigues encerrou a sessão saudando os oradores e a assembleia e tendo palavras de admiração para a juventude, «pois nela pulsa invencida a ânsia pela Liberdade e pela Justiça».

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — A L G É S
Telefone 21 49 10

INGLES — FRANCES — ALEMÃO
PORTUGUES PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sabado

DAFUNDO

EUGÉNIO PEREIRA LÁZARO

FALECEU

Julieta Ferreira O'Neill Pereira Lázaro, Maria Palmira Roma Lázaro Mendes seu marido e filhas; Maria Eugénia Roma Lázaro de Melo Gomes e seu marido Alberto Afonso Roma Lázaro e filhos; Norberto Roma Lázaro sua mulher e filhos; António Júlio Roma Lázaro sua mulher e filha, Joaquim Pereira Lázaro sua mulher e filha e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações que faleceu o seu querido e chorado marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e parente cujo funeral se realiza amanhã pelas 9.30 horas, da Capela dos Anjos em Algés, para o cemitério de Carnaxide.

Trata AG. MACHADO DA COSTA

DR. MANUEL MARIA DOS SANTOS PAIVA

Tenente-coronel médico

FALECEU

A Sociedade Avenida Parque, S. A. R. L. cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu administrador e amigo de muitos anos e que o seu funeral se realizou hoje, para jazigo de família na terra de sua naturalidade.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRESIDÊNCIA

EDITAL N. 166/70

Eu, Fernando Augusto Santos e Castro Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, faço saber que correm editos de 30 dias, contados da data da segunda publicação deste Edital, intimando Flora Pinto Torrado, proprietária do prédio sito na Avenida Sacadura Cabral, n.º 36, residente em parte incerta, para nos termos do art.º 9.º do Regulamento Geral das Edificações Urbanas, aprovado pelo Decreto-Lei 38 382, de 7 de Agosto de 1951, a executar obras de reparação e beneficiação geral no referido prédio.

As obras deverão ser iniciadas no prazo de 15 dias, findo o dos éditos, e concluídas nos 30 dias seguintes.

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 166/70, de 15 de Abril de 1970, a obra a executar não carece de licenciamento municipal. Todavia se ocupar a via pública com andaimes, amassadouros, caldeiras, tubos de descarga, apetrechos, acessórios e materiais para obras, deverá munir-se de licença para o efeito. Deverá, ainda, juntar uma declaração de responsabilidade no caso de armar andaime, conforme dispõe o artigo 5.º do Decreto n.º 41 821, de 11 de Agosto de 1958.

E, para geral conhecimento se publica o presente Edital.

Paços do Concelho de Lisboa, em 28 de Setembro de 1970.

O Presidente,

Fernando Augusto Santos e Castro

CONFERÊNCIA FERROVIÁRIA

(Continuação da 1.ª página)

mais competitivo e, por conseguinte, é-lhe indispensável — para sobreviver, aqui como em qualquer indústria do capitalismo avançado — planear, inovar, crescer. Mas, para crescer, a oferta deverá em larga medida criar a sua própria procura — fazer «marketing», por outras palavras.

«Consideremos separadamente a evolução da procura, em Portugal, de serviços de passageiros e de serviços de mercadorias.

«No primeiro caso, a procura aumentou regularmente em resultado designadamente da rápida expansão do tráfego junto das cidades de Lisboa e Porto. Parece inútil sublinhar que se trata de uma evolução inelutável, consequência de urbanização, e que o caminho de-ferro não teve necessidade de qualquer política comercial para atingir tal resultado. Lembremos ainda, que é neste domínio que o caminho-de-ferro desempenha, porventura, a sua mais importante função social, transportando diàriamente milhares de pessoas entre a casa e o lugar de trabalho».

No que se refere ao tráfego de mercadorias, disse o dr. Mário Murteira:

Considerando a evolução posterior a 1955, deparamos com uma taxa de degradação média anual da C. P. no tráfego total da ordem dos 4,4 por cento, o que é anormalmente elevado. Um estudo da Sofrerail sobre os caminhos-de-ferro portugueses salientava, aliás, que mesmo para o movimento de passageiros a nossa situação era relativamente desfavorável — pois em 1964 o transporte de passageiros pela S. S. C. F. (expresso em passageiros/quilómetro) representava ainda 22,5% do conjunto do tráfego de passageiros em França, contra 16,3% em Portugal, apesar de o nosso País apresentar uma muito menor densidade de viaturas particulares.

Prosseguindo, informou o dr. Mário Murteira:

— No conjunto e de uma forma mais aguda no que toca ao transporte de mercadorias, assistiu-se a uma acentuação degradação da posição concorrencial do transporte por caminho-de-ferro em Portugal. Em larga medida esta evolução explica-se por um longo período de sub-investimento material e humano. Por exemplo, em 1960-62 foram investidos 3,3 dólares U. S. por milhares de unidades quilómetro, verba nitidamente inferior á média europeia (5,3 em 1963-65), enquanto que actualmente se está perto dos 5 dólares, a fim de recuperar o atrazo do passado. Quanto ao investimento humano, é talvez significativo dizer que em 1968 menos de 10% do pessoal possuia formação universitária e 85% não passavam de quatro anos de escolaridade. A partir de então os efectivos em quadros de formação universitária aumentaram de cerca de um terço. No passado ano foi inaugurado no Entroncamento um centro de formação profissional, e, no corrente ano, cerca de dois mil agentes frequentarão cursos de formação, reciclagem ou aperfeiçoamento consoante os casos. Lembremos que a C. P. emprega 26 000 pessoas e que está prevista, entre 1969 e 1973, uma redução de efectivos — em licenciamento, bem entendido — da ordem das 3 — 4 mil pessoas.

Acerca das perspectivas futuras, disse:

— Para determinar o «modelo» de exploração ferroviária adequado a Portugal importa tomar em consideração algumas coordenadas geo-económicas.

«A pequena dimensão, associada á localização na extremidade Oeste da Europa, apresentam naturalmente dificeis problemas ao caminho-de-ferro. Para o transporte internacional de mercadorias, caberá sobretudo á coordenação dos transportes marítimos e ferroviários um papel decisivo no futuro. E, reciprocamente, a importância futura dos postos portugueses no quadro europeu será em parte determinada pelo êxito maior ou menor dessa coordenação.

«Além da fraca dimensão geográfica e económica, temos ainda o desequilíbrio do desenvolvimento á escala regional. A zona litoral — digamos, de Braga, a Setubal — desenvolveu-se predominantemente nos últimos vinte anos, ao passo que o interior e o sul permaneciam largamente agrícolas, subdesenvolvidos e, até, em certas regiões, em regressão demográfica. Não é de espantar, pois, que um quarto da rede ferroviária não seja económicamente justificável, aos preços correntes do mercado e considerando o tráfego actual.

«Por outro lado, as perspectivas de evolução do tráfego são evidentemente determinadas pelas possibilidades de desenvolvimento regional, ou mais precisamente pelo resultado das políticas de desenvolvimento das 3 zonas atrazadas, como o Nordeste (Trás-os-Montes) e o Sul (Alentejo e Algarve)».

E, mais adiante:

— Considerando globalmente — exploração e investimentos — os fluxos financeiros anuais da C. P., obtém-se numa soma equivalente a 10 por cento do orçamento do Estado português. O financiamento do Estado, através de diversas vias, representa cerca de 40% das despesas correntes e de capital da C. P. O auto-financiamento seria uma ficção contabilística pois a empresa é largamente deficitária. De resto, em Portugal não se pratica ainda a normalização de contas, embora o princípio seja agora aceite pelo Governo, e, nessas condições, o «deficit» contabilístico da exploração carece de qualquer significado preciso — seja em termos de avaliação dos resultados de gestão, seja em termos de utilidade social dos serviços oferecidos pela empresa.

A terminar, afirmou o dr. Mário Murteira:

— Estão actualmente em curso negociações entre a C. P. e o Estado português; dos seus resultados dependerá o futuro do transporte ferroviário em Portugal.

Dezoito países europeus (cinco da Europa Oriental) representados na reunião

Na reunião plenária do Comité de Estudos Económicos da União Internacional dos Caminhos-de-Ferro (U. I. C.) que decorre na Sociedade de Geografia, estão representados 18 países europeus, entre os quais cinco da Europa Oriental: Alemanha Ocidental, Alemanha Oriental, Áustria, Bélgica, Bulgária, Checoslováquia, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Jugoslávia, Suécia, Suíça e Portugal.

Nos trabalhos da reunião, a que preside o dr. Werner Hennig, director dos caminhos-de-ferro alemães e presidente dos Estudos Económicos da U. I. C., serão debatidos aspectos importantes de economia ferroviária, entre os quais os seguintes: critérios económicos na escolha dos investimentos nos transportes; a produtividade nos caminhos-de-ferro; estudos sobre previsões de tráfego; interacções entre a planificação regional e urbana e o caminho-de-ferro do ponto de vista da economia das administrações ferroviárias e da economia geral do País;

Necrologia

FALECIMENTOS

Piedade Barata

Faleceu a sr. D. Piedade Barata, de 77 anos, natural de Escalos de Baixo (Castelo Branco), mãe da sr.ª D. Irene Piedade Barata Monteiro, sogra do sr. Manuel F. Monteiro e avó do sr. dr. Jorge Ferreira Monteiro. O funeral realizou-se hoje, ás 11 horas, da igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Alto de S. João. Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência das Pedras Negras, de Ricardo Henriques.

FUNERAIS

Joaquim Ferreira

Realizou-se hoje pelas 11 horas, da igreja de Santa Catarina para o cemitério dos Prazeres o funeral do sr. Joaquim Ferreira, de 71 anos, natural de Tondela residente na Travessa da Portuguesa, 70, 1.º, guarda aposentado da P. S. P., casado com a sr.ª D. Maria Augusta Ferreira, pai da sr.ª D. Maria Isabel Correia Ferreira Gaspar, sogro do sr. João Gaspar e avô dos meninos Maria Teresa Ferreira Gaspar e Jorge Manuel Ferreira Gaspar.

SUFRÁGIOS

Manuel Rodrigues

Passa amanhã o aniversário natalício do editor Manuel Rodrigues, fundador da Editorial Minerva. Assim, á semelhança de anos anteriores, viuva, filhos, netos e mais família, bem como seus antigos colaboradores e amigos, vão, ás 9 horas, em romagem á sua sepultura no cemitério da Amadora, havendo a seguir, ás 10 horas, missa de sufrágio na igreja dos Paulistas, em Lisboa.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compr.	Vend.
Consolidado 4 3/4%	—	—	500$
Consolidado 3%	—	—	509$
Consolidado 3 1/2%	—	—	612$
Centenários 4%	1.440$	—	1.440$
Obrig. Tesouro 5%	—	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	575$	—
Externo 2.ª Série	—	—	700$
Externo 3.ª Série	—	750$	—
Externo 3.ª Série	—	800$	815$
Cautelas 3.ª Série	—	47$	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	490$	—
A. P. L. 5% 56	—	—	930$
A. P. L. 5% 58	—	—	930$
C. P. 4 1/2% 65	—	—	870$
C. P. 5 1/2% 67	—	—	—
C. U. F. 6%	—	930$	935$
C. U. F. 6% 68	950$	950$	970$
Gás Elect. 4% 48	—	770$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	850$	—	800$
Gás Elect. 5% 52	—	780$	—
Gás Elect. 5% 58	—	—	—
Gás Elect. 5% 59	790$	785$	790$
Gás Elect. 5% 62	—	950$	—
Gás Elect. 5% 63	—	—	945$
Gás Elect. 5% 65	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	950$	950$	—
H. E. A. Alentejo 5%	—	750$	—
H. Cávado 5%	—	760$	—
H. E. Cávado 6%	970$	960$	—
H. E. Douro 5%	—	760$	780$
H. E. Douro 6%	950$	950$	960$
H. E. Norte Port. 5%	—	860$	—
H. E. S. Estrela 6%	—	900$	930$
Lisnave 6%	—	790$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	790$	—
H. E. Zêzere 5% 57	—	—	920$
Metropolitano 4%	—	820$	—
Metropolitano 5 3/4%	950$	950$	955$
Moçambique 5%	—	710$	—
Nac. Elect. 5%	—	780$	—
Nitratos 5%	—	—	770$
Nitratos 5% 60	—	—	770$
Petroquímica 5%	—	855$	865$
Port. Celul. 5%	—	—	955$
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	800$	850$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	—	810$	830$
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	750$	—
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	85$	90$
U. E. P. 1/2%	—	90$	—
U. E. P. 5%	—	76$	77$
U. E. P. 5% 60	—	—	780$
U. E. P. 5% 63	—	830$	—

Ultramarinas	Efec.	Compr.	Vend.
Buz	80$	79$	80$5
Cabinda	—	212$	218$
Diamantes Angola	2 470$	2 465$	2 475$
H. E. Revue	720$	700$	725$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	187$	186$5	188$
Sonete n.	—	425$	—
Sonete p.	435$	435$	437$
Zambeze	—	80$	82$
Diversas			
Cidla	—	6.620$	—
Cim. Leiria	—	—	4.600$
Cim. Tejo	—	7.200$	—
Col. Navegação	1.450$	1.445$	1.450$
C. U. F.	—	1.540$	—
Fin. Aliança	—	—	850$
Nac. Navegação	—	3.700$	3.800$
Petroquímica	1 730$	1.720$	1 730$
Port. e Colónias	1.400$	1.400$	1.410$
Port. Celulose	4.040$	4.030$	4.050$
Port. Pesca	—	1.030$	1.050$
Port. Tabacos	710$	7.0$	711$
Sacor	4.550$	4.550$	4.580$
Siderurgia Nac.	2.270$	2 265$	2 280$
Sore	—	—	—
Tabacos de Portugal	—	—	1.780$
Tabaqueira	—	7 500$	—
T. F. Azoto	795$	790$	800$
Agua Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	395$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
C. P. Electricidade	—	—	—
C. P. Electricidade nom.	—	—	—
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beira	—	1 720$	1 750$
Gás Elect.	423$	423$	423$5
H. E. Alto Alentejo	189$	188$5	189$
H. E. Norte Portugal	—	280$	300$
H. E. S. Estrela	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	189$5	189$	89$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. I. Atlântico	—	—	—
F. I. D. E. S.	—	122$4	26$1

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	29/9/70	2/10/70	6/10/70
GERAL	149,6	149,7	149,6
METROPOL.	142,1	142,3	142,1
ULTRAM.	204,5	204,3	204,3

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — Lisboa — Tel. 366066/7

Teleg. ALMEIRO — Telex 47, ALBAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.270$	2.270$	2.280$
Alentejo	1.157$	1.157$	1.159$
Angola	3.560$	3.550$	3.580$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	8.700$	8.900$
E. Santo	20.760$	20.760$	20.800$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	—	—
Fomento	—	2.550$	2.600$
L. & Açores p.	—	6.700$	6.800$
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.900$	5.880$	6.000$
Portugal n.	3.300$	3.280$	3.320$
Portugal p.	—	4.200$	4.400$
Totta Aliança	5.900$	5.880$	6.000$
Ultramarino n.	3.450$	3.445$	3.450$
Ultramarino p.	3.850$	3.845$	3.850$
Seguros			
Alentejo	161$	160$	161$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	1.000$	995$	1.005$
Sagres	—	1.700$	1.850$
Tranquilidade	—	55.000$	55.000$
Ultramarino	—	25.000$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	770$	770$	772$
Ag. Cassequel	668$	667$	670$
Ag. Incomaff	—	—	—
Ag. Neves	—	—	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	486$	490$
Borar	—	430$	—

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
África do Sul — Rande	34$00	36$50
Alemanha — Marco	7$75	8$05
América:		
— Dólares, de 1 e 2	28$20	28$70
— Dólares de 5 a 1000	28$50	28$90
Argentino — Peso Novo	5$50	7$50
Austria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	6$00
Canadá — Dólar	27$70	28$20
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,35	$04,65
Marrocos — Dirham	4$80	5$40
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$60	6$82
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	395$00	415$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	35$00	37$00

J. BURNAY L. DA

RUA DO OURO, 72

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 334273

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 7.ª página)

riguinha — e o resto são histórias! No caso particular do sr. Freitas, o seu amor é motivado pela cultura. *Curto-Circuito* é programa muito cultural, portanto ele ajuda-o com a sua presença. Claro, às vezes o programa é maçador, as entrevistas arrastam-se... Artur Agostinho comenta que aos assuntos sérios deve ser concedido tempo suficiente para. Aí temos a cultura a metro. O que chateia, meu caro, não é a extensão: o que chateia é a inútil extensão. Como, por exemplo, a inútil extensão dá conversa sobre deficientes motores. Nada do que foi dito, nem a maneira como foi dito, justificavam tanto, tanto tempo. Não foi só Laura Soveral que soçobrou: fomos nós todos. E quantos, quantos telespectadores não terão demonstrado, pelo método de Diógenes, que não eram mesmo deficientes motores? Não há dúvida que o «Curto - Circuito» precisa urgentemente de recorrer ao Alcoitão. Tem de reanimar-se — se ainda for possível, isto é: se a deficiência não lhe atacou ainda a alma.

Assim se escoaram quase duas horas sem um minuto de agrado. Rita Reys, a cançonetista que veio da Holanda, mostrou (em especial nas suas variações sobre a *Garota de Ipanema*, com desconto de uma certa euforia...) que não é material para desdenhar. Mas a Holanda fica longe, a língua inglesa também, e a exibição de Reys, desapoiada, perdeu-se no desinteresse geral. Quando ela chegou, já o público se convencera de que não valia a pena. Rita não podia reunir os pedacinhos partidos do jarrão. E neles se perdeu.

Curto-Circuito morre de rotina.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro e hipotecar, ou s/ transferir s/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia 81 3.º Dt — Telef. 40049 563751

Aguardo sua visita ou telefoneme

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 66183
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 4.ª SEMANA
A mais louca comédia do ano
O QUE HÁ DE NOVO GATINHA?
com Peter Sellers, Peter O'Toole, Romy Schneider e Capucine

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
UM FILME IRÓNICO, POÉTICO E AUDACIOSO!
OS AMANTES
com Jeanne Moreaux e Jean Marc Bory

IMPÉRIO
(Adultos) Tels. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
JEAN PAUL BELMONDO e JEAN SEBERG em
O ACOSSADO
(A Bout de Souffle)
Um filme de Jean Luc Godard
Argumento de François Truffaut
Colaboração técnica de Claude Chabrol
Fotografia de Raoul Goutard
Música de Martial Solal

ESTÚDIO
As 15.30, 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
(M. 12 anos)
O filme de CARLOS SAURA que obteve o Urso de Prata no Festival de Berlim e premiado em Veneza, S. Francisco, Acapulco etc
A CAÇA

RESTELO
(Adultos) Tel. 610375
As 21.30
AMAR SEM AMOR
com Jean Semmans

CHIADO TERRASSE
As 15 e 21 h. (M. 12 anos)
A P I S C I N A
O ASSALTO AO COMBOIO CORREIO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
A obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO
(The Servant)

ALVALADE
(Adultos) Tel. 717486
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
A obra fundamental de Joseph Losey
O CRIADO

VOX
(Adultos) Tel. 726806
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ENCHENTES
DUSTIN HOFFMAN e MIA FARROW
são os inesquecíveis protagonistas da mais bela das histórias de amor!
JOHN & MARY
Um filme de excepção em Panavision e Technicolor
AR CONDICIONADO

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 795296
As 21 horas
OS CINCO BANDOLEIROS

IMPERIAL
(M. 12 anos) Telf. 45933
As 21 horas
HELLO DOLLY
Cinemascope — Colorido

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
A DOCE VIDA
com Marcello Mastroianni e Anouk Aimée

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 86565
As 21.30
OS 7 MAGNÍFICOS
com Yul Briner e Robert Waughn

TIVOLI
(M 17 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. r.)
2.ª SEMANA
Jean Gabin, Alain Delon, Lino Ventura e Irina Demick no grande êxito mundial
O CLÃ DOS SICILIANOS

CONDES
(Adultos) Tel. 322523
Sessões diárias
EM 2.ª SEMANA
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
O pano sobe e desvenda
OS INTOCÁVEIS
com John Cassavetes, Britt Ekland e Peter Falk
Technicolor Techniscope

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
2.ª SEMANA
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A espantosa realização
A PONTE DE REMAGEN
com George Segal, Robert Vaughn e Ben Gazzara
Panavision — Cor de Luxe

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661018
As 15.00/21.00 h. — 70 mm
Atenção ao horário das sessões
TECHNICOLOR
Charlton Heston, Stephen Boyd e Jack Hawkins
«BEN-HUR»

AVIS
(Adultos) Tel. 47162
As 15.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
O filme que enterneceu o mundo inteiro!
A PRINCESA
Extraordinária interpretação de GRYNET MOLVIG

CASINO ESTORIL
Às 17 e ás 21.30 (M. 12 anos)
O PIRATA DO REI
com Doug McCluse

ODEON
(M. 17 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
O CINEMA PORTUGUÊS EM FESTA!
2.ª SEMANA TRIUNFAL
A MALUQUINHA DE ARROIOS
Realização de Henrique Campos
Segundo a famosa comédia de André Brun
com Alina Vaz, Ivone Silva, Artur Semedo, Eugénio Salvador, Linda Silva e Oscar Acurcio

LIDO
(M. 12 anos) às 21.30 h.
Um espectáculo invulgar com PETER O'TOOLE e PETULA CLARK
ADEUS, MR. CHIPS
Um filme inesquecível em 70 mm. e som estereofónico

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.00 e 21.30
EM 2.ª SEMANA
MY FAIR LADY
O filme de 8 «Oscars» o de o melhor filme com Audrey Hepburn e Rex Harrison

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
GRANDE ÊXITO
Um filme extraordinário que revela um novo mundo do crime
JAMAICA
com Ray Danton e Pameza Tudor
Eastmancolor

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45
EM 2.ª SEMANA
Bibi Andersson, Robert Stack, Annie Girardot e James Farentino numa alta comédia em maravilhoso technicolor
A VIDA DE UMA MULHER
— O primeiro amor será, de facto o mais forte?...
AR CONDICIONADO

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 328768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Color.-Scope
Toda a gama das emoções humanas no maior acontecimento desportivo do mundo
OLIMPÍADA NO MÉXICO

* outros espectáculos

TEATROS

VASCO SANTANA — Às 22: «Quem é esta mulher?» (17 anos)
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O Vison Voador» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Preço» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionária» (17 anos).
ABC — Às 20 e 45 e ás 23: «Alto lá com elas» (17 anos).

CINEMAS

JARDIM — Às 21: «007 ao serviço de Sua Majestade» (17 anos)
IDEAL — Às 15 e 15 e ás 21: «Cada bala tem um nome» (12 anos)
ARCO-ÍRIS — Às 21: «Forte barreira» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 21: «O gladiador de Roma» (12 anos)
PARIS — Às 21: «O destino marca a hora» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Oito feras á solta» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Um lugar no inferno» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «A Piscina» (17 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Gringo» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O Cow-boy da meia-noite» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «O Mercenário» e «Com o cordão na garganta» (17 anos)
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «Ladrão que roubou a ladrão» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «O pirata do rei» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Lindas encrencas, as garotas» (12 anos)
BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Os grandes do volante» (12 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O grande ajuste de contas» (17 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Por favor não me morda o pescoço» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A virgem da floresta» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O morto gelado» «Uma jovem em Paris» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O ás vale mais» (12 anos)

● PORTO

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O submarino amarelo» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Amor sem barreiras» (17 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Mundo Mulher» (17 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O compromisso» (17 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Os Mandos de Elisabeth» (17 anos)
ESTÚDIO — Às 21 e 30: «Easy Rider» (17 anos).
OLÍMPIA — Às 21 e 30: «O romance em Acapulco» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «A rapariga do auto-stop» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Gangsters falhados» e «30 Winchesters» (17 anos).
JÚLIO DINIS — Às 21 e 30: «Banze» (17 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Cantinflas á la minuta» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Perdoa... vamos amar» (17 anos)
NUN'ÁLVARES — Às 21 e 30: «As noites quentes de Lady Hamilton» (17 anos).
ÓDEON — Às 21 e 30: «Seduzida e abandonada» (17 anos).
CINE-GAIA — Às 21 e 30: «A morte não tem sexo» (17 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «O caso da janela roubada» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «A fonte da virgem» (17 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «A minha terra é o dinheiro» (17 anos).

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

ALCÂNTARA — **Probidade**, R. de Alcântara, 15-A-B (638589)
AJUDA — **Lídia Almeida**, Calçada da Ajuda, 170 (637318)
ALTO DO PINA — **Eusil**, R. Barão Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — **Ramiro Santos**, Rua Ant. Lopes Vieira, 57-B (765262) * **Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (712682)
ANJOS — **Guerra**, Rua Andrade, 32-36 (845518).
AREEIRO — **Belo**, Av. de Roma, 53-A (776314) * **Estados Unidos**, Av. Estados Unidos da América, 76-B (725859) * **Central de Areeiro**, Av. Paris, 2-2-A (720820).
AVENIDAS NOVAS — **St.ª Maria**, Av. 5 de Outubro 283-A (763016) * **Cardoso, Lda.**, Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) * **Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53 e 55 (43938)
BAIRRO AZUL — **Sinus**, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 4 (312216)
BAIXA — **Frazão**, R. dos Portas de St.º Antão, 72 (328180) * **Durão**, Rua Garret 90-92 (324166)
BENFICA — **Marques**, E. de Benfica, 548 (700096 * **Vitex**, Est. de Benfica 373-B (780548) * **S. João**, Est. da Luz, 124-A (783179)
CAMPO DE OURIQUE — **Condestável**, R. Coelho da Rocha, 9 (666206) * **Almeida**, R. Silva Carvalho 36 (681726)
CAMPOLIDE — **Imperial**, R. General Taborda, 28 (68093) * **Rualte, Lda.** Rua do Alto do Carvalhão, 5-A e 5-B (65721)
CHARNECA — **São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969)
CHILE — **Lab.º do Brasil**, R. Alves Targo, 29-3 (46843)
CONDE BARÃO — **Lys**, R. da Esperança, 17-19 (660913)
CONDE REDONDO — **Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048)
ESTRELA E LAPA — **Gama**, Calçada do Estrela, 130 (660339)
GRAÇA — **Anunciada**, R. do Vigário, 74 (866360) * **Progressiva**, Rua Santo Marinha, 8 (863691)
LUMIAR — **Patuleia, Herdeiros** R. do Lumiar 22 e 24 (790332)
OLIVAIS — **Fernandes Borges**, R. Cidade de Benguela Lote 300 (31091) * **Central dos Olivais**, R. Alferes Barbaro Ruas, 7-C Olivais-Norte (315539)
PAMPULHA — **Int. Santo**, R. do Olival, 290 (Telef 66 008)
PATRIARCAL — **Cunha**, R. da Escola Politécnica, 16 (325455)
PEDROUÇOS — **Restelo**, R. Duarte Pacheco Pereira, 1-C (61074)
PENHA DE FRANÇA — **Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 7-B (842533)
PICHELEIRA — **Mariaz**, Caç. da Picheleira, 40-B-C (702703 e 728395)
REGO — **Prates & Mota**, Rua do Benemerência, 91 (773728)
SANTO AMARO — **Santo Amaro**, Rua F. Elísio, 29-A-B (637070)
SÃO PAULO — **Ultramarina**, Rua de S. Paulo, 01 (327771).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — **Grijó**, Rua do Grilo, 25 — **Alves de Carvalho**, Rua do Vale de Santo António, 7-9 (840125)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Branco**, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel 212081)
CAXIAS — **Nova**, Rua Bernardim Ribeiro 7-A (T 242839
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R. Costa Pinto, 86 (Telef 2432034)
OEIRAS — **Godinho** — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — **Brandão**, Av. da Republica, 77-C (Telef 247054)
ESTORIL — **S. João**, S. João do Estoril (T 26 86)
MONTE ESTORIL — **Suiça**, Cruzeiro (Tel 260087)
CASCAIS — **Misericórdia** R. Regimento 19, n.º 41 (T 280141) * **Cascais**, R. Conde de Monte Real, B.º Caixas (Telef 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias**, Av. Marquês de Pombal lote 9 (T 934589 * **Campos**, R. Elias Garcia, 85 (930072) * **Clabel**, R. António Sardinha, 23-D (Tel 938551)
DAMAIA — **Bomeio** — P. Alexandre Guerra, 9-A (Tel 970523)
QUELUZ — **Zeller** — R. da República, 83 (Tel. 950045) * **Correia** — Lg.º do Mercado, 3 (T 950905)
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — **Quimia Est. Mem Martins**, 285 (T 291002).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim**, (Telef 980456)
SINTRA — **Misericórdia**, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391)
VENDA NOVA — **Nova** — R. Elias Garcia, 10 (Tel. 939920)
COLARES — **Colares**, Abrera (Telefone 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 5 (Telef 234100)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — Rua Cândido dos Reis, 30 (224020)
ALMADA — **Nuno Alvares**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança**, Estrada Nacional, 74 (Tel 224302)
BARREIRO — **Pimenta**, R. Cons. Joaquim António Aguiar, 259 (T 2273012).
COVA DA PIEDADE — **Atlântico**, Quinta do Pombal (Tel 274365)
MOITA — **União Moitense** — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel 2390225).
MONTIJO — **Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)
SESIMBRA — **Lopes**, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL — **Soromenho**, R. Machado Santos (Telef 22691) * **Alice**, P. do Quebedo (Tel 23743)
SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 5 (Telefone 2218580)

● PORTO

ANTERO DE QUENTAL, Rua de A. de Quental, 520, (Tel 45048) * **AZEVEDO**, R. do Mercal, 508 (Tel. 52344) * **CONSTITUIÇÃO**, Rua da Constituição, 98 (Tel 490813) * **CORREIA DE ARAUJO**, R. Santa Catarina, 259 (Tel 25644) * **CRUZ**, R. Costa Cabral, 1082 (Tel 4004) * **GUARANI**, R. Pedro Hispano, 367 (Tel 62250) * **HERCULANO**, R. Alex. Herculano, 384 (Tel 27943) * **LIGA A. S. MÚTUOS**, R. Benjamim, 286 (Tel 21711) * **MAGALHÃES**, Rua Serralves, 566 (Tel 6353) * **NOVA DE MONSANTO**, Rua de Monsanto, 48 (Tel. 490889) * **RIBEIRO JUNIOR** Rua Firmeza, 97-A (Tel 23849) * **SAMPAIO**, R. Ceduofeita, 635 (Tel. 21782) * **SANIL**, R. Paraíso, 214 (Tel 29935) * **VITÁLIA**, Pr. Liberdade, 37 (Tel 24133)

● COIMBRA

Donato — Rua Ferreira Borges (tel 24470) * **Figueiredo** — Rua da Sofia (tel. 22837) * **Nazaré** — Rua Ferreira Borges (tel. 22605) * **Montes Claros** — Rua Dr. António José Almeida (tel. 25904).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1.º
Telef. 65 45 31 2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

TOTOBOLA: SÓ DOIS «TREZES»
UM MILIONÁRIO E UM BIMILIONÁRIO
• PARA CADA «DOZE» UM PRÉMIO DE 40 CONTOS

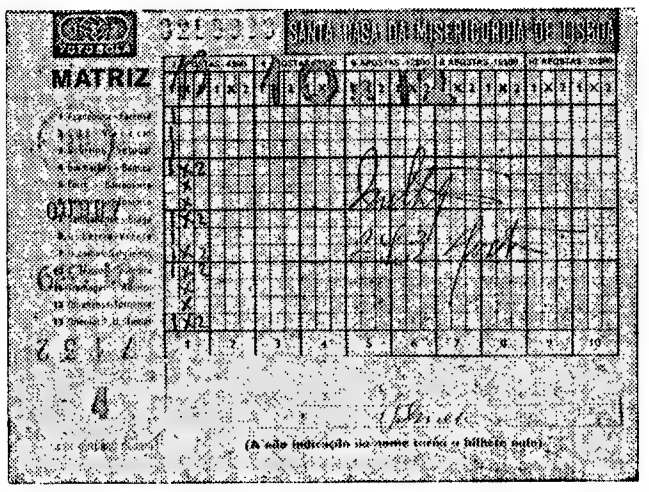
Apenas dois concorrentes acertaram na «chave» do concurso do Totobola do passado domingo e, como consequência (consequência bem feliz para eles...) ambos entraram na já muito longa e famosa «galeria dos milionários do Totobola». Um deles, aliás, atingiu mesmo a «craveira» de bimilionário e o outro, quase, quase.

O primeiro, residente em Palmela, pediu o anonimato Jogou com apostas múltiplas e, além do «treze» (que desde logo lhe valeu qualquer coisa como 1 685 432$20.) talvez ainda dez «dozes», nesse mesmo boletim... e mais cinco num outro! Ora cada «doze» teve a alta *cotação* de 40 129$30, pelo que o sr anónimo de Palmela juntou mais de 600 contos á fortuna que já conquistara ao acertar na «chave». No total, 2 287 371$70!

O outro «treze» veio de Moçambique, mas pertence a um lisboeta ali residente. Trata-se do sr. João Gabriel Gomes Ganito, que em tempos foi empregado na «Papelaria Fernandes». Jogou com apostas simples (10) e acertou em cheio na «chave», que o mesmo é dizer nos tais 1 685 432$20, importancia equivalente a metade do segundo prémio. Mas não se ficou por aqui o *inspirado* totobolista (que é casado e pai de dois filhos menores); ainda teve dois «dozes», isto é, 80 contos e picos.

Foram 84 as apostas que só falharam num vaticínio: 70 na Metrópole, 5 em Angola e 9 em Moçambique. Como já se disse, cada «doze» vai pagar-se bem: 40 129$30.

Enfim, um concurso *de empates* não conseguiu *empatar* toda a gente...



O boletim premiado (muito premiado...) do concorrente de Palmela que pediu o anonimato

PREPARAVA-SE PARA VENDER PEDRAS FALSAS POR 200 CONTOS

LUANDA, 6 — (A. N. I.) — Um indivíduo preparava-se para vender 98 pedrinhas sem valor, por duzentos contos, assegurando tratar-se de diamantes legítimos, quando a Polícia, alertada a tempo e horas, o surpreendeu, num apartamento de Luanda.

O autor da burla gorada é Jorge Ribeiro Fernandes, de 36 anos, casado, natural de Lisboa. Detido pelos agentes da autoridade no acto da «transacção», irá explicar agora não só este «negócio» como outras actividades a que se entregava.

Para o Sporting e o Benfica adversários da R. D. Alemã

AMESTERDÃO, 6 — Tanto o Sporting, na Taça dos Campeões, como o Benfica, na Taça dos Vencedores de Taças, defrontarão adversários da Republica Democrática Alemã, na segunda eliminatória das suas mais importantes competições do futebol europeu, entre clubes.

Assim, o Sporting terá como adversário o Carl Zeiss, de Iena, cabendo ao Benfica jogar com o Vorwarts, de Berlim.

Outro jogo importante da «Taça das Taças» é o que opõe os hungaros do Honved aos ingleses do Manchester City.

Na «Taça dos Campeões» destacam-se os jogos Cagliari-Atlético de Madrid e Borussia Moenchengladbach-Everton.

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente muito nublado ou encoberto, com excepção do Algarve onde estava pouco nublado; caía chuvisco no litoral do Norte; o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS — Máxima: Régua, 3°,5; mínima: Montalegre, 5°,5
TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS — Porto, 15°; Coimbra, 16°; Portalegre, 11°; Lisboa, 18°; Faro, 19°; Funchal, 22°.

TEMPERATURAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 20°, na água do mar, 16°,5

PREVISAO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHA:

Períodos de céu muito nublado, mais frequentes nas regiões do Norte e Centro; vento geralmente fraco; períodos de chuvisco ou chuva fraca nas regiões do Norte e Centro.

Amanhã
Nascer às 7 e 37
Ocaso às 19 e 12

Dia 6 Dia 14 Dia 22 Dia 30

MARES

PREIA-MAR: **Hoje** — 7 e 13 (3,4 m); 19 e 40 (3,5 m). **Dia 7** — 8 e 04 (3,5 m); 20 e 49 (3,3 m); **Dia 8** — 9 e 23 (3,4 m); 22 e 22 (3,2 m). BAIXA-MAR: **Hoje** — 6 e 45 (1,4 m); 13 e 2 (1,4 m); **Dia 7** — 1 e 30 (1,5 m); 14 e 20 (1,6 m); **Dia 8** — 2 e 37 (1,8 m); 15 e 30 (1,7 m).

PARA O SEU CABELO

Os Institutos Científicos Capilares «SAINT-ANTOINE DE PARIS» especializados no cuidado e conservação do cabelo, comunicam que em Lisboa se situam na Avenida da Republica, 2 7.º andar (junto ao Saldanha) com o telefone 56 02 72 encontrando-se aberto ao público todos os dias úteis das 10 30 às 12.30 e das 15 as 19 30 horas

Em 30 minutos de exame sem nenhum compromisso diremos se o nosso metodo pode ser eficaz no seu caso

Para consulta sobre os metodos a seguir podem os interessados apresentar-se nas horas acima mencionadas ou marcar por telefone

Os Institutos SAINT-ANTOINE DE PARIS estão montados de forma as senhoras e aos senhores clientes não perderem tempo

Para os clientes de fora de Lisboa podem preparar-se aplicações a fim de serem aplicadas nas suas casas

Cientificamente os processos dos Institutos SAINT ANTOINE DE PARIS são os mais avançados para resolver o problema do cabelo no ramo da COSMETOLOGIA

Em Portugal:
LISBOA — Av.ª da República, 2 — Tel 56 02 72
PORTO — Rua Sa da Bandeira, 819, 5.º Esq.º — Tel 3 68 10
Em Espanha.
MADRID — BARCELONA
SARAGOÇA — SEVILHA
MÊME METHODE A NEW YORK — LONDON — PARIS — BRUXELAS — MILAN

Doze mortos num naufrágio em Moçambique

BEIRA (Moçambique), 6 — (A. N. I.) — Já foram recolhidos 12 cadáveres, no litoral moçambicano, a sul da cidade da Beira, vítimas do naufrágio do «Barreiro», um pequeno barco que do porto da Beira se deslocava para Bafe e Barada de Sofala — duas modestas povoações pesqueiras da área de Nova Sofala. O barco afundou-se durante o trajecto, depois de encalhar e meter água.

Sabe-se que a bordo seguiam 53 pessoas, entre tripulantes e passageiros, sendo propósito destes ultimos passar o fim-de-semana nas suas terras, localizadas naquela área.

Desconhece-se ainda pormenores da tragédia que as autoridaes marítimas estão a investigar. Entretanto procuram-se, em oda a área do sinistro, as pesosas desaparecidas.

PORTUGUÊS DECAPITADO NUM DESASTRE EM FRANÇA

PARIS, 6 — (A. N. I.) — Um português carpinteiro da construção civil, seguia de automóvel para Carling, próximo de Nancy, e o seu carro foi esmagar-se contra um camião militar, que circulava em sentido contrário e voltou repentinamente á esquerda.

A parte superior do automóvel ficou completamente desfeita, do lado do condutor, António D'as Pinto, de 24 anos, solteiro, residente em Nancy, que morreu, quase decapitado.

A família do emigrante foi informada do desastre pelo consul de Portugal em Nancy, dr. João Ulbach Chaves.

motor
SAI SEXTA-FEIRA
UMA COMPLETA REPORTAGEM
DO IV RALLYE INTERNACIONAL TAP
EFECTUADA PELOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS
AVELÃS COELHO, AUGUSTO VILELA, ADRIANO CERQUEIRA E MARIA DO CÉU

morrison
As mulheres adoram despentear cabelos fortes, saudáveis...

...os homens usam

PANTENE
a arma universal contra a caspa e a queda do cabelo
O tónico capilar vitaminado mais vendido no mundo.
● Embalagem vermelha para cabelos normais
● Embalagem azul para cabelos brancos ou grisalhos
● Embalagem amarela para cabelos rebeldes

Exclusivo

HUSSEIN UM REI TREINADO PARA EXERCER UM PODER QUE LHE ESCAPA DAS MÃOS

O problema de saber porque é que o rei Hussein se arriscou a uma guerra civil que o pode levar a perder o trono, começa a esclarecer-se.

Hussein, segundo afirmam os árabes, foi levado ao desespero por sucessivos confrontos com os palestinianos que lhe estavam a minar lentamente o poder. A pressão exercida pelos acontecimentos levou-o ás fronteiras da depressão nervosa antes do início dos combates entre as suas forças e os guerrilheiros. Alguns libaneses que o visitaram recentemente dizem que ele revelava sintomas de esquizofrenia, doença que obrigou seu pai a recolher a uma casa de saúde turca para doentes mentais. Segundo informações fidedignas, o momento crucial foi aquele em que Hussein pediu ao tenente-general Mashour Haditha, comandante palestiniano das suas forças armadas, para levar a cabo uma operação armada contra as bases de guerrilheiros de Amã. Hussein foi informado por alguns conselheiros palacianos de que esta operação podia ser levada a cabo com uma perda de 300 vidas, ao contrário do que afirmou Haditha, para quem a operação custaria pelo menos 3000 vidas. Opondo-se ao projecto real, Haditha demitiu-se e foi substituído pelo marechal Hajes Majali, um beduíno com fama de «duro», que Hussein mantivera até então, em segundo plano. O desespero do rei compreende-se, já que os palestinianos se tinham apossado de Irbid, a segunda cidade do reino e que ou tinham neutralizado, ou controlavam activamente, os órgãos governativos do centro de Amã, da sede militar de Zarca e de outras partes do país. A situação tornou-se ainda mais desesperada depois dos assaltos aos aviões civis e do furor causado em todos os países pela declaração de que os guerrilheiros consideravam os passageiros destes aviões como reféns. Para um monarca que assistia ao declínio gradual do seu poder desde o início das actividades dos guerrilheiros em 1967, os incidentes acima descritos só podiam significar que se aproximava a hora do combate final, tanto mais que as crises se tornavam cada vez mais frequentes e menos solúveis — os guerrilheiros tinham adaptado a táctica de darem um passo atrás, para logo a seguir, darem dois passos em frente e o rei limitava-se a remendar situações, dia a dia mais reconhecidamente irremediáveis. Hussein porém, não estava só: os seus oficiais acusavam-no abertamente de não ser capaz de tomar uma decisão. Conta-se que um oficial pendurou um «soutien» no canhão dum tanque e afirmou a Hussein que o não tiraria enquanto ele e os seus camaradas de armas «se estivessem a portar como mulheres». Apesar disto, quando o exército começou a fraquejar, os guerrilheiros aproveitaram-se do facto para aumentar o seu prestígio junto do público, como aconteceu no caso de Irbid. A tomada desta cidade foi antecedida de um encontro violento de forças em Kaf El Asad no decorrer do qual morreram 27 camaradas que foram — segundo afirmam os palestinianos — brutalmente trucidados á baioneta pelas tropas jordanas.

Os palestinianos expuseram os corpos dos seus camaradas na mesquita de Irbid e percorreram a cidade em camiões munidos de altifalantes pedindo ao público para os ir ver. Pouco afecta á causa real, a população foi tão influenciada pelo espectáculo da mesquita que não ofereceu resistência aos palestinianos quando eles ocuparam a cidade — apenas a polícia e a Guarda Territorial resistiram e mesmo esses, a título simbólico.

Isto é, na opinião geral — mesmo na opinião dos partidários de Hussein — o que aconteceu nos dias que antecederam a actual crise do Médio Oriente e o que está acontecer, embora já numa escala mais vasta, desde que o rei deu carta branca aos seus beduínos. Na opinião geral, a decisão de permitir que o exército atacasse a população, foi um erro de que ainda é difícil avaliar as consequências mas que pode ter sido fatal.

As tropas reais destruíram á bomba edifícios que abrigavam atiradores, edifícios que eram propriedade de jordanos e de palestinianos que constituem quase dois terços da população do reino. Verificaram-se inúmeras mortes de inocentes tanto nas cidades como nos campos de refugiados, que foram bombardeados pela artilharia real — segundo Mohammed Keil, ministro de Informação do Governo egípcio, o número das vítimas eleva-se, já, a 10 000 — e se é evidente que os guerrilheiros também são responsáveis por parte destas mortes, é igualmente evidente que a causa duma Palestina árabe é sagrada e que, dum modo geral, ninguém no Médio Oriente os acusa pelo que está a acontecer.

Há sintomas de que Hussein já compreendeu e que talvez se tenha condenado a si mesmo. A sua primeira ordem de cessar fogo não deixa lugar a que o exército tivesse dúvidas a seu respeito, mas foi dada muito tarde — o mal foi feito no decorrer de cinco dias de lutas ferozes em quase todas as cidades importantes do Norte da Jordânia.

Há mesmo quem ponha a questão de saber se Hussein controla o seu exército ou não passa dum fantoche reduzido, pelo fogo dos guerrilheiros, a viver em estado de cerco no seu palácio. O desejo que o rei revela de ceder e de encontrar para os seus problemas uma saída que satisfaça os árabes, não é compartilhada pela maioria dos seus conselheiros, quase todos parentes seus e como ele, descendentes de Maomé. Por outro lado, parece ser tarde para que lhe seja possível apelar para palestinianos do «establishment», isto é, para os membros da comunidade de refugiados que se fixaram na Jordânia onde conseguiram reconstituir as suas vidas. Antes dos últimos acontecimentos, esta comunidade exercia uma forte influência na Jordânia, apesar de todos suspeitarem que em matéria de lealdade, eles estavam, sobretudo, vinculados á velha banca oriental, hoje dominada por jordanos da região entregue pela Inglaterra ao avô de Hussein, o emir Abdulah, depois da 1.ª Guerra Mundial.

A questão que hoje se debate nos círculos políticos é a do futuro. Que vai acontecer a seguir? Se a Jordânia sobreviver, ficará sob a dependência e o «contrôle» da Palestina e tudo leva a crer que Hussein acabará por perder o trono e a guerra, mesmo que vença a presente batalha que temos de considerar como simples estágio da luta que se está a travar. Se é certo que o chefe guerrilheiro Yasser Arafat não revela o menor desejo de dirigir o Governo mas apenas o de se apossar de bases para continuar a luta contra Israel, é igualmente certo que este ponto de vista não é partilhado por muitos dos seus camaradas de armas, como Jorge Habbash o chefe marxista, de tendência maoísta, da Frente Popular, para quem a causa da revolução é tão importante como a da libertação da Palestina das mãos sionistas e para quem a Jordânia é sobretudo, uma base revolucionária. Mesmo que os palestinianos do «establishment» venham a governar o Jordão, se os palestinianos conseguirem os seus intentos, é pouco natural que esse estado de coisas se mantenha. Tudo leva a crer que a possibilidade de sobrevivência dos palestinianos do «establishment» não são maiores do que os do rei Hussein.

JORDÂNIA

HISTÓRIA MOVIMENTADA DE UM PEQUENO PAÍS

«É difícil ser rei». Este título, dado a um livro referido em grande parte ao rei Hussein, sugere uma outra verificação: desde há cinquenta anos, desde quando a Jordânia apareceu pela primeira vez nos mapas, nunca foi fácil ser jordano.

Jordânia, ou antes, como no princípio, Transjordânia, território confiado por Londres em 1920 ao emir Abdullah, um dos mais ilustres representantes da família hachemita, estendia-se apenas, nessa época, até ao Jordão. A Cisjordânia fazia parte integrante da Palestina, sob mandato britânico. A sua delimitação não correspondia a nenhuma espécie de realidade histórica ou económica. Tratava-se, apenas, de compensar o emir...

Haviam-lhe prometido, durante a guerra, pela sua participação nos combates contra os turcos, o trono do Iraque. Seu irmão Faycal receberia o trono da Síria. Mas a França reclamava este último país que lhe fora atribuído pelos acordos Sykes-Picot de 1916 relativos à partilha do Império otomano. Londres teve de renunciar às suas pretensões sobre a Síria, destinada, no seu projecto, a tornar-se num dos elementos do seu grande império árabe: o Crescente Fértil. Deu-se o Iraque a Faycal e inventou-se para Abdullah um emirato da Transjordânia. Este, composto de territórios pràticamente desérticos, habitado sòmente por beduínos nómadas, tina. Cidadãos ou refugiados, os palestinianos têm dificuldade em se integrarem num Estado dominado pelas grandes tribos beduínas. A sua ambição, a sua disponibilidade e o seu activismo modificam inevitàvelmente as formas de vida política jordana. Várias constituições se sucederam (1946, 1951 e 1952). As eleições representam um papel importante e segue-se um certo jogo parlamentar, intervalado. Cada vez que o divórcio se acentua entre o Governo e as massas palestinianas, uma conjura, motins ou uma greve geral lembram ao rei os limites do seu poder.

«PORTA-AVIÕES DA INGLATERRA»

A 20 de Julho de 1951, o rei Abdullah é assassinado por um fanático palestiniano. Várias razões foram dadas para este acto: vingança de Hadj Amin Al Husseini, antigo grande mufti de Jerusalém; desejo de castigar o homem que projectara negociar com Israel; hostilidade ao projecto da «Grande Síria», de que o rei não desistira desde o seu afastamento do trono do Iraque.

A sucessão ao trono processou-se sem dificuldade, após a abdicação do rei Talal, ceira anual. Na realidade, só o Governo de Ryad cumpre a promessa.

Entregue a si própria, submetida à pressão dos Estados Unidos que querem obrigá-la a aprovar a «doutrina Eisenhower», a Jordânia vê-se, em breve, presa de perturbações internas. A 10 de Abril de 1957, o primeiro-ministro, Suleimão Nabulsi, favorável a uma aproximação com a U. R. S. S., demitiu-se. Ao fim de duas semanas de crise ministerial e de motins, no decurso dos quais o rei só conseguiu salvar o trono mercê do seu espírito de decisão, constituiu-se um Governo pró-ocidental sob a direcção de Ibraim Hashim. A Lei Marcial é proclamada, todos os partidos políticos suprimidos. Abandona-se o projecto de entabular relações diplomáticas com Moscovo. Em Maio, a Jordânia pede à Síria que chame as suas tropas estacionadas em território jordano e ligadas ao estado mais comum sírio-egipto-jordano. No mês de Setembro, como resposta à aproximação da Síria com a U. R. S. S., os Estados Unidos enviam por avião importantes fornecimentos de armas à Jordânia.

Para escapar ao isolamento, e como resposta à união do Egipto e da Síria no seio da RAU, o rei Hussein proclama, em 14 de Janeiro de 1958, com seu primo, o rei Faiçal do Iraque, a Federação Árabe que une os dois Estados hachemitas. provoca uma ruptura de facto com o Egipto.

Em 1962, os partidos políticos são restabelecidos. No ano seguinte rebentam motins que levam à dissolução da Câmara. O xerife Hussein Ben Nasser, tio-avô do rei, trata dos negócios correntes, e continua à frente do Governo depois das eleições.

O ano de 1964 assiste a uma aproximação sensível da Jordânia com os outros países árabes. Retomam-se as relações com o Egipto, que o rei visita por ocasião da Conferência Árabe do Cairo. Em Maio, solidária com outros nove países árabes, a Jordânia rompe com a Alemanha Federal para protestar contra o estabelecimento de relações diplomáticas com Israel.

OS EFEITOS DA GUERRA DOS SEIS DIAS

O agravamento da tensão com Israel, em 1967, faz esquecer os litígios. Hussein reconcilia-se, de maneira espectacular, com o presidente Nasser nas vésperas da Guerra dos Seis Dias. A participação da Jordânia nas hostilidades vale-lhe a perda de Jerusalém e de todo o território cisjordano. Vale-lhe o ter de fazer face ao

depende inteiramente do apoio financeiro de Londres. Fornecerá ao seu protector os valentes soldados da Legião Árabe, exército moderno durante muito tempo comandado pelo célebre «Alubb Pacha» que terá enorme acção durante a guerra dos seis dias.

NASCIMENTO DO REINO HACHEMITA

Em 1944 o emir Abdullah participa, no Cairo, na constituição da Liga Árabe, com o Egipto e o Iraque. Em 1946 toma o título de rei. A 15 de Março de 1948 assina com a Inglaterra um novo tratado de termos do qual as únicas restrições à soberania jordana respeitam, para o futuro, à utilização das forças armadas.

A seguir ao afrontamento com o recém-formado Estado de Israel, o afluxo de refugiados e a anexação provisória da Palestina árabe modificam completamente a configuração da Transjordânia que reforma, em Abril de 1948, ao Reino Hachemita da Jordânia. A 31 de Janeiro de 1949, a Jordânia entra na ONU. Suspeito de desejar tratar, em separado com Israel, o rei Abdullah proclama, a 24 de Abril de 1950, a anexação da Palestina árabe, após eleições gerais. Condenada pelos outros Estados árabes, esta operação é imediatamente aprovada pela Inglaterra.

A situação dos palestinianos no seio do novo Estado é ambígua. Permanece a tensão entre a Cisjordânia e a Transjordânia. Em 1939 a Legião Árabe participara, ao lado das tropas inglesas, na repressão do terrorismo árabe da Palesque sofria de perturbações mentais, em favor do seu filho Hussein, que tinha na altura 16 anos.

A Inglaterra procura fazer aderir o reino ao pacto de Bagdad, realizado a 26 de Fevereiro, com a Turquia, o Iraque, o Irão e o Paquistão. A sua insistência provoca, em Dezembro de 1955, uma crise política grave. Rebentam motins. Sucedem-se quatro Governos em menos de um mês. Dissolve-se o Parlamento a 20 de Dezembro. A oposição dos palestinianos, hostis ao pacto, e dos jovens oficiais jordanos desejosos de seguir o exemplo da revolução egípcia conduz finalmente o rei a renunciar à adesão ao pacto. Esta reviravolta de um Estado qualificado por alguns como «*o porta-aviões da Inglaterra*» constitui um sério fracasso da diplomacia britânica na Jordânia. Dois meses mais tarde, em Fevereiro de 1956, o rei confirma a alteração anunciada, pondo fim, por decreto, às funções de Alubb Pacha, comandante-chefe da Legião Árabe. A Inglaterra renuncia a reagir ao não suspender a ajuda financeira.

Nesse mesmo ano, o Estado jordano procura assumir uma posição intermediária no seio do mundo árabe. Acordos militares são assinados com a Síria, o Líbano, o Egipto e mais tarde com o Iraque.

As eleições que se realizaram a 21 de Outubro de 1956 fazem aparecer uma maioria hostil às potências ocidentais (dois terços dos lugares). A 27 de Novembro, a seguir à expedição do Suez, a Jordânia denuncia o tratado de 1948 com a Inglaterra e recusa o auxílio financeiro desta. Em Janeiro de 1957, na conferência do Cairo, o Egipto, a Síria e a Arábia Saudita decidem conceder-lhe ajuda finan-

Mas, a 14 de Julho, a revolução rebenta em Bagdad, onde Faiçal e o ditador Nuri Said são assassinados. Pára-quedistas ingleses chegam à Jordânia enquanto os «marines» americanos desembarcam no Líbano, assolado pela guerra civil. O primeiro-ministro, Ibraim Hashim, é morto pela multidão durante um motim a 22 de Julho. Vindas de todo o país, tribos beduínas acampam em Amã, a 11 de Agosto, para afirmar a sua fidelidade ao rei. Trinta pessoas acusadas de conjura militar são condenadas à morte. Os «boinas verdes» britânicos retirar-se-ão em Novembro, depois de o mundo árabe ter reconstituído provisòriamente a sua unidade na ONU. Graças a importantes medidas de segurança (exército e forças da ordem absorvem metade do orçamento em 1960/61) e a uma ajuda americana de 50 milhões de dólares por ano, um período de relativa estabilidade principia. A abertura do porto de Akaba melhora a situação económica. Em 1959 e 1960 o rei faz várias viagens pelo mundo. As relações diplomáticas com o Egipto, interrompidas desde 1957, são estabelecidas. O rei Hussein continua em desacordo com os outros países árabes quanto ao problema palestiniano. Hostil à constituição de um Governo da Palestina no exílio, procura fortalecer a anexação da Cisjordânia, concedendo a cidadania jordana a todos os refugiados que o desejarem.

O primeiro-ministro Hazza El Majali é assassinado a 29 de Agosto de 1960. Sucede-lhe Bahjat Tahlouni, sem perturbações. Assina-se um acordo comercial com os Estados Unidos em Fevereiro de 1961. Quando se dá o desmembramento da RAU, em Setembro, a Jordânia reconhece imediatamente o Estado sírio, o que

afluxo de duzentos mil refugiados suplementares e à pressão crescente das organizações palestinianas. De todos os beligerantes o reino hachemita é o que mais sofre.

Amputado de meios diplomáticos e económicos, o rei Hussein tem dificuldade em se fazer ouvir apesar dos seus esforços para se mostrar realista, é duramente atacado por Israel, por acções que ele não tem poder para impedir. A Jordânia, dividida no seu interior, tornou-se ao mesmo tempo um emirato do deserto e uma base de comandos. Nestas condições, a criação, em Abril de 1968, de uma frente nacional sob a égide do rei, agrupando todas as forças políticas — incluindo os comunistas outrora interditos; os baasistas, pró-sírios e pró-nasserianos —, não traz nenhuma solução. A «desvalorização» de facto do regime jordano faz destes acordos políticos uma moeda sem valor.

A anexação da Cisjordânia, a 24 de Abril de 1950, marcara o verdadeiro nascimento do reino hachemita; a sua perda, em Junho de 1967, faz pesar sobre ele uma ameaça mortal. Mais evoluídos, os cisjordanos ocuparam progressivamente os postos administrativos e mudaram radicalmente a fisionomia política da Jordânia: o nacionalismo jordano, que deu vida a esta criação artificial da diplomacia britânica, é inseparável da Jordânia «palestiniana». Privado deste território, o reino de Hussein não é mais do que uma vasta região à deriva, sem futuro político nem económico, desprovida de toda a possibilidade de manobra.

PIERRE MOREL

ORIENTE E OCIDENTE

ESTE LIVRO (1) foi escrito por um funcionário internacional. Concebido sob o signo da U. N. E. S. C. O., foi redigido sob o signo da compreensão e do diálogo entre os povos. George Fradier, que é europeu, dotado portanto de sentido das proporções e de pudor (o europeu é um americano com pudor), não é ingénuamente grandiloquente quanto aos objectivos da sua obra. «*Poderíamos responder com solenidade que assim se contribuíria para o advento de uma civilização pacífica, planetária, fraternal. Isso é possível, ao fim e ao cabo. Mas há com certeza algumas qualidades muito simples a adquirir, algumas virtudes pouco espalhadas: a modéstia, por exemplo, e a tolerância*». O texto de Fradier possui a virtude da modéstia. Foi escrito com essa serenidade humanista que os intelectuais burgueses dificilmente mantêm após a amarga vitória e a amarga derrota de 45, e que Camus cultivou com brilho. Ser humanista (e sê-lo serenamente mas sem ingenuidade) combater, como um enciclopedista o faria, pelos fracos e pelos oprimidos do século XX — eis um jogo difícil numa era em que a burguesia ultrapassou a contradição democracia/fascismo (interna ao seu poder de classe) através da tecnoburocratização autoritária do aparelho do Estado ex-parlamentar. Camus conseguiu-o, mas morreu (proféticamente) num desastre de viação no início dos anos 60...

Não é de espantar que este seu discípulo — Fradier fez, aliás, parte da equipa do «Combat» entre 1946 e 1949 — se refugie numa organização internacional cujo objectivo é o fomento da cooperação entre povos e culturas. Em contrapartida, a ideologia de Fradier serve *objectivamente* o cosmopolitismo internacional. Perante a U. N. E. S. C. O. como perante a O. N. U. todos os povos são iguais, todos têm os mesmos direitos, todos têm direito a um voto — os E. U. A. e a U. R. S. S. como a Guiné ou o Koweit. Vantagens de um tal igualitarismo: os humanistas exultam, e agressor e agredido ficam em plano de igualdade de tratamento... A justificação jurídica das intervenções norte-americanas (apoio aos Governos aliados locais) floresce neste campo.

★

Colocar Ocidente e Oriente num mesmo plano, tratá-los como parceiros em igualdade de circunstâncias, «esquecer» a estrutura da Comunidade Internacional em função da qual laços de dependência económica e política acorrentam os chamados «subdesenvolvidos» aos países industrializados, eis a tarefa de Fradier. O seu igualitarismo, os seus apelos ao diálogo entre os povos, à compreensão e ao entendimento esbarram na realidade do imperialismo em 1970, realidade que a ideologia de Fradier *não pode* apreender. *(Morrer jovem é morrer quando se deve,* disse Lopes Vieira a propósito de Florbela: a morte de Camus veio talvez no tempo devido, pois que poupou ao fundador do *Combat* e ao autor de *L'Homme revolté* e de *La Peste* os irremediáveis compromissos políticos que a viagem argelina a convite de De Gaulle já faziam prever).

Os *handicaps* próprios da ideologia de Fradier tornam-se evidentes na definição do binómio Ocidente-Oriente. «*Termos imprecisos*», comenta o Autor, que aponta cinco critérios comuns de distinção das duas noções: o da geografia, o das raças, o das línguas, o das religiões e o das formas sociais. G. F. considera-os insuficientes a todos, inclusivamente ao das «formas sociais»: «*se existe ainda um pequenissimo número* [de povos «orientais»] *(entre os mais fracos) cujo sistema de governo não corresponde às normas democráticas geralmente aceites, não há quase nenhum que não tenha sido tocado ou penetrado por uma revolução industrial, por vezes já antiga*».

Para Fradier, como para a U.N.E.S.C.O., para a F. A. O. e para a O. N. U., as diferenças entre Oriente e Ocidente, entre industrializados e «subdesenvolvidos» vêm a ser, afinal, meramente quantitativos «*De um modo geral, esta ideia não corresponde à realidade*» — escreve Charles Bettelheim. «*Esta ideia é falsa, porque os países ditos «subdesenvolvidos» estão numa situação radicalmente diferente da que podiam conhecer, há cinquenta, cem, duzentos ou trezentos anos, os países hoje industrializados. Mesmo admitindo que o rendimento nacional «per capita» de que esses países dispunham então não fosse mais elevado do que os dos actuais países «subdesenvolvidos», a sua situação quantitativa era outra. A economia dos países hoje industrializados não comportava nenhuma das características essenciais da economia dos países ditos «subdesenvolvido» (...) Esses países não eram econòmicamente dependentes. A estrutura da sua produção não comportava sectores hiperjrofiados ligados aos mercados estrangeiros e fortemente penetrados pelos capitais estrangeiros. Essas economias não se desenvolviam ou não estagnavam de acordo com a evolução do mercado mundial de tal ou tal matéria-prima ou produto bruto agrícola. Não suportavam a carga de pesadas obrigações exteriores «interesses, dividendos, «royalties» pagas a capitalistas estrangeiros, a sua indústria nascente não tinha que afrontar a concorrência das indústrias poderosas já estabelecidas e dominadas pelo mesmo grande capital que teria dominado as suas próprias riquezas naturais. Essas economias não dependiam, para a sua reprodução alargada, das importações de equipamentos do exterior. Se eram pouco industrializadas, essas economias não eram deformadas e desequilibradas, mas, pelo contrário, integradas e autocêntricas.*

Esta longa transcrição tem como objectivo pôr a claro em que termos uma «imprecisão» terminológica — «desenvolvidos» *versus* «subdesenvolvidos», Ocidente *versus* Oriente — recobre uma ideologia apta à conservação de uma sociedade internacional (e de sociedades nacionais), profundamente estruturada(s) em relações de dominação económica e política. Se, como o próprio Fradier admite, a geografia, a religião, a raça, a língua, as «formas sociais» não fundamentam um critério seguro de distinção das noções de Oriente e de Ocidente — é talvez porque essa distinção, «corrente» e «vulgar», é ideológica e não científica: escamoteia mais do que esclarece. Não é um meridiano que separa o Oriente do Ocidente, não é um atraso quantitativo que separa os «subdesenvolvidos» orientais dos «desenvolvidos» ocidentais. A estrutura da Comunidade Internacional é um todo incidível, com um pólo desenvolvido e um pólo subdesenvolvido; mantendo-se a actual organização do poder internacional e a actual divisão de trabalho e de funções a nível internacional, os subdesenvolvidos continuarão a desenvolver... o seu subdesenvolvimento — para o proveito e para a glória dos euro-americanos.

Se as noções de «desenvolvimento» e de «subdesenvolvimento» pouco ou nenhuma contribuição podem dar à análise científica da sociedade internacional do século XX, o mesmo acontece com as de Oriente e de Ocidente. Só são legítimas quando criticamente utilizadas, i. e., tendo em conta que o que está efectivamente em causa é uma relação dominante-dominado, um poder de classes e uma estrutura com parcelas incindíveis, e não dois mundos que, dialogando ou não, querendo ou não dialogar, *devem* dialogar. Mas esse uso crítico conduz à inutilidades e á denúncia da ubiquidade de uma tal terminologia. Se os «orientais» são os dominados, há orientais neste rico e próspero Ocidente. Em última análise, a minha perfeita é oriental; talvez seja essa a causa da sua face monglóide...

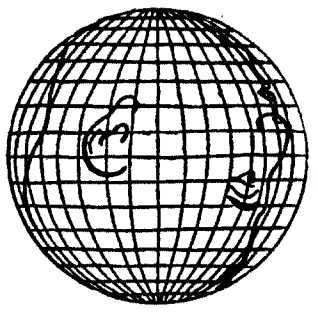
AMADEU LOPES SABINO

(4) «Oriente e Ocidente — Diálogo ou agressão», de Georges Fradier, Edições Dom Quixote, Lisboa 1970.

Exclusivo

Hussein, rei da Jordânia, é um minimonarca treinado em se equilibrar num trono instável. Depois de diversos atentados ele escapa à pressão dos «feddayins» através de um banho de sangue. Há quem diga que ele começa a dar sinais de esquizofrenia. O seu país e um pouco da sua história são igualmente focados neste suplemento.

(Páginas 1 e 2)



Amadeu Lopes Sabino agarrou num livro, leu-o, pensou e escreveu uma coisa que é um misto de crítica literária e comentário político.

(Leia-o aqui ao lado)

A Alemanha de hoje é um grande ponto de exclamação. É um país que se afigura cada vez mais. Entretanto, a inflação continua. E amanhã?

(Páginas 4 e 5)

A Ford voltou atrás e resolveu readmitir o «Taunus» na sua gama. Philip Toussaint experimentou-o e conta o que é o novo carro, em exclusivo.

(Página 6)

Para onde vai a Igreja neste tempo de rápida evolução? Ela própria se interroga, como podem ver pelo artigo que publicamos sob o título «Quo Vadis Roma?»

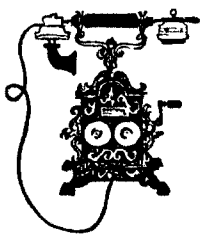
(Página 8)

Hugh Hefner criou o mais fabuloso império do Planeta: a Organização Playboy Claude Michel Cluny, o sociólogo («As rodas da fortuna») disseca o que é de facto, Playboy. Um mito?

(Página 7)

Do Brasil, Chianca de Garcia, uma vez mais, escreve para os seus fiéis leitores de Portugal, País que há tantos anos abandonou sem nunca o esquecer.

(Páginas 10 e 11)



DIÁRIO DE LISBOA, 6 DE OUTUBRO DE 1970

EXCLUSIVO. SUPLEMENTO SEMANAL DO Diário de Lisboa
COPYRIGHTS DE «LE MONDE», «WASHINGTON POST» e «LOS ANGELES TIMES» E PUNCH (ADS)

ALEMANHA DE ONTEM E DE HOJE...

BONN

A actividade política de Bonn caracteriza-se, actualmente, pela indecisão. Ainda ofegantes de terem corrido atrás da lebre do tratado de Moscovo, o Governo e a oposição parecem enfrentar sem prazer a regulamentação dos seus pormenores. Os partidos procuram encontrar um caminho e alguns enfrentam debilitantes dificuldades internas. O mal não poupa nenhum, embora todos sejam afectados de uma forma diferente. Sacudido pelas tentativas cisionistas da sua ala direita e pelo escoicear esquerdista dos seus «jovens turcos», o Partido Liberal (F. D. P.) prepara-se para o combate das próximas eleições parciais de Novembro em Hesse e na Baviera. As suas chances de reintegrar a Dieta de Munich parecem pequenas, já que o declínio provável do Partido N. P. D. (neo-nazi), podem, de preferência, beneficiar a União Social-Cristã, do sr. Strauss. Nestas circunstâncias, a sua possibilidade de conservar os lugares que actualmente ocupa no Parlamento de Wreshaden são muito reduzidas. A assinatura do Tratado de Moscovo contribuiu, certamente, para elevar o prestígio do F. D. P. e do seu sr. Scheel, seu chefe, a quem se deve, como ministro dos Negócios Estrangeiros, uma parte do êxito destas iniciativas diplomáticas, mas o tratado, por outro lado, também contribuiu para agravar as dissidências no seio do parido. Os que, à direita, se opõem à orientação do sr. Scheel encontram no êxito da «Ostpolitik», um estímulo para a sua aparição. A acção nacional liberal continua a desenvolver-se apesar do processo de exclusão iniciado no princípio do mês contra o seu principal animador, o sr. Siegfried Zaglmann. Este movimento é apoiado, actualmente, por cerca de dois mil membros do partido. Os quadros superiores do partido, porém, hesitam em tomar medidas definitivas sobre o assunto, receando enfraquecer o partido, nomeadamente na Renania-Westfalia, onde a aplicação de sanções excessivamente severas lhe faria perder a posição estatutária de grupo parlamentar na dieta regional.

A RADICALIZAÇÃO DOS JOVENS DEMOCRATAS

Estas dificuldades não são as únicas que a direcção do F. D. P. enfrenta. «Defende-te à direita e à esquerda» parece ser o lema de certos chefes liberais ligados pelo receio da radicalização dos jovens democratas que contestam o sistema. A semana passada, a Federação do Partido, no Baixo Saxe, declarou «incompatível» a integração no partido dos jovens democratas que dias antes tinham adoptado uma moção, declarando que ela devia «participar na luta de classes» e ajudar a «destruir a ditadura da burguesia». Já no ano passado, em Bremen, o F. D. P. tinha cortado as pontes com a sua organização de juventude, cuja audiência no conjunto da República Federal é relativamente importante, desde que, segundo os seus dirigentes, ela contaria à volta de 20 mil membros.

A União Democrata Cristã tem os seus próprios problemas. Os desenvolvimentos da crise do F. D. P. não a deixaram indiferente. Segundo o semanário «Der Spiegel», dois dos seus principais dirigentes, Barzel e Strauss, teriam tido, separadamente, encontros secretos com Zoglmann.

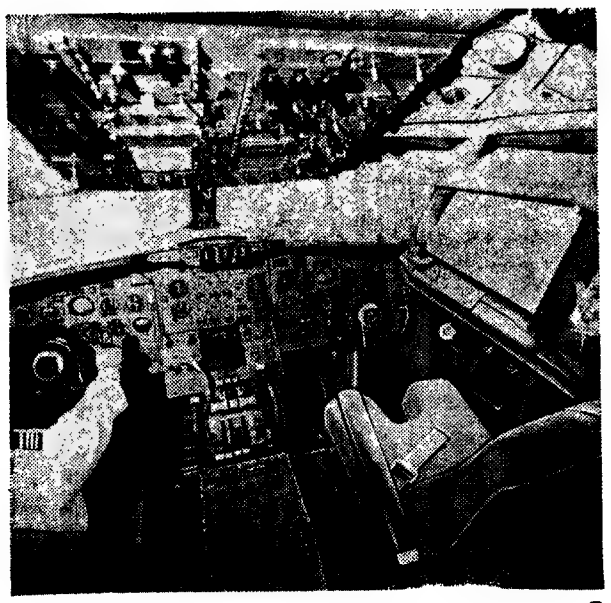
De qualquer maneira, a CDU prosseguiu na elaboração do seu programa. As organizações de base têm tempo, até 4 de Novembro, para formular os seus pareceres sobre as propostas que lhes foram submetidas. Restará quase um trimestre, em seguida, aos responsáveis, para porem em letra de forma o texto que será apresentado ao congresso do Partido, a realizar em Dusseldorf de 25 a 27 de Janeiro próximo. A favor deste trabalho obscuro, mas que pode ser rentável a longo prazo, alguns esperam colocar-se com vista ao futuro.

A CDU, com efeito, está mais à procura de um homem do que de um programa. Entre os principais dirigentes cristãos-democratas desenrola-se uma luta surda para herdar a cadeira do presidente da União, ocupada actualmente pelo ex-chanceler Kiesinger.

Nenhuma indicação séria mostra que este último se decida a ceder o seu lugar em Janeiro. Mas o mandato de que dispõe acaba no Outono de 1971, e muitos pensam que a substituição se fará nessa altura. O chefe do partido teria assim dois anos para preparar a sua formação para as eleições gerais de 1973. Da consulta parcial de Novembro, a CDU espera, sem qualquer duvida, um reforço das suas posições.

Acreditará a CDU verdadeiramente na

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!



...em lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio
para ter a sua certeza
e a certeza de encontrar
uma profissão moderna,
cheia de dinamismo,
responsável
e muitíssimo bem remunerada.

Oferecemos-lhe uma profissão estável
e prestigiada
e asseguramos-lhe uma formação
e um treino ao mais elevado nível.

Nós somos uma Companhia
em pleno crescimento e
permanentemente actualizada:
ampliamos e aperfeiçoamos
os nossos serviços,
entamos o número das nossas escalas
e a nossa frota,
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos,
frequência de um curso superior
(ou equivalente)
e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ.
Decida-se desde já:
responda a este anúncio,
dirigindo-se
à Divisão do Pessoal Navegante da TAP,
Edifício n.º 25 - 2.º andar
Aeroporto de Lisboa.
Inscrições permanentes. Cursos periódicos.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mu...

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

ALEMANHA DE AMANHÃ?

BONN

possibilidade de ressuscitar uma coligação ensombrada por uma derrota maciça? É preciso esperar-se, em todo o caso, que ela reforce a sua pressão para tentar agarrar a magra sorte que ela terá de derrubar o Governo antes do fim do ano

Das três grandes formações políticas, o partido social-democrata é onde aparentemente reina a maior serenidade. Esta impressão poderia no entanto ser enganadora. O aviso lançado pelo conselho director a todos os membros do SPD contra os perigos da cooperação com os comunistas é um acontecimento relativamente menor. Os militantes visados haviam retirado, antes deste aviso ter sido pronunciado, a sua participação «no congresso sobre a segurança europeia», condenada pela direcção Bem apoiada pelo aparelho, fortemente disciplinada, a formação social-democrata não está em transe de se deixar «contaminar» pelos comunistas.

Apesar de ser o principal partido da coligação governamental, o SPD tem menos motivos de satisfação A assinatura do tratado de Moscovo, durante o Verão, foi um incontestável êxito para Willy Brandt. As consequências económicas do acordo parecem promissoras, se bem que tivessem sido, sem dúvida, exageradas. Mas onde estão os efeitos felizes que devia ter o tratado sobre as relações de Bonn com Berlim Leste e Varsóvia?

O recomeço das conversações com a Polónia, em princípio previsto para fins de Setembro, foi atrasado de um mês. O próprio Scheel reconheceu, para explicar esse atraso, que «ainda existiam dificuldades». A principal diz respeito à linha Oder-Neisse. Os polacos tornaram público que a forma contida no tratado de Moscovo os não satisfazia. Quanto à República Democrática da Alemanha, um mês e meio depois do tratado Moscovo-Bonn, continua a guardar silêncio, prosseguindo numa «pausa de reflexão» entrecortada de críticas vigorosas na Imprensa contra a ideia de uma cooperação económica com Bonn.

De todo este caso, o chanceler Brandt deveria interrogar-se se afinal de contas ele não foi levado. Se, com efeito, toda a normalização com a Europa de Leste passava primeiro necessàriamente por Moscovo, a Polónia e a RDA encontram-se agora numa situação ideal para fazer subir as paradas.

A política de Brandt é um todo. Se ele a quer levar até ao fim e vencer numa empresa onde empenhou todo o seu prestígio, será obrigado a tomar em consideração as exigências dos seus interlocutores, nomeadamente polacos, e, numa certa medida, de os aceitar. Esta situação não deve ser deplorada no Kremlin. Os seus interesses políticos e económicos, de grande potência, ficaram reforçados na negociação. Porque razão a URSS se oporia à maior intransigência dos seus aliados? Perante um risco de bloqueio de conversações, ela poderia, certamente, a pedido de Bonn, fazer pressões amigáveis sobre Varsóvia e Berlim Leste. Isso não aconteceria sem perigo. Solicitando uma intervenção soviética, a República Federal reconheceria os limites da soberania dos países de Leste e acentuaria a posição de força da URSS.

Karl Schiler, que havia posto fim à recessão em 1966-67, parece hoje incapaz de moderar a expansão e de travar a tendência inflacionária. Os preços aumentaram 4,1 % num ano. Na previsão de próximas negociações salariais, que interessam a perto de 8 milhões de trabalhadores, os sindicatos anunciaram pedidos de aumento que atingem os 15 e os 18 por cento.

Os futuros aumentos de salários terão infalìvelmente o efeito de reforçar o processo inflacionista. Esse será o resultado do orçamento «record» para 1971, apresentado por Alex Moller, ministro das Finanças.

Tomando as suas funções quase há um ano, Willy Brandt recebeu já o cognome de «chanceler das reformas interiores». Adversários não lhe faltam para lhe chamar assim, carregados de ironia. É falso, portanto, pretender-se que o Governo não tenha ideias em questão de reformas.

Com efeito, o gabinete socialista-liberal parece favorecer os projectos que são, politicamente, os mais neutros e financeiramente os menos dispendiosos. Cada mudança de vírgula numa lei é pomposamente baptizada com o nome de reforma, o que não deixa as pessoas espantarem-se quando Wichnewski, secretário-geral do partido social democrata, anuncia que o Governo abordava em média três projectos de reforma por semana.

Esta fúria da reforma tem o fim de agitar o eleitor alemão. «Desde que ouçam falar de reforma, as pessoas esticam as orelhas», escrevia recentemente o semanário «Die Zeit». Mas um ministro fala de uma reforma, as pessoas ficam imediatamente à espera da próxima. Pode assim manter-se alerta a imprensa e a Oposição, que também não quer deixar-se ficar para trás. Com esta inflação de reformas, o cidadão médio fica desorientado. Ele vê tantas árvores que não distingue as florestas. Em vez de se manifestar com exclamações admirativas sobre o trabalho do Governo ele interroga-se atemorizado: «Mas será necessário modificar tudo?», acrescentava o «Die Zeit».

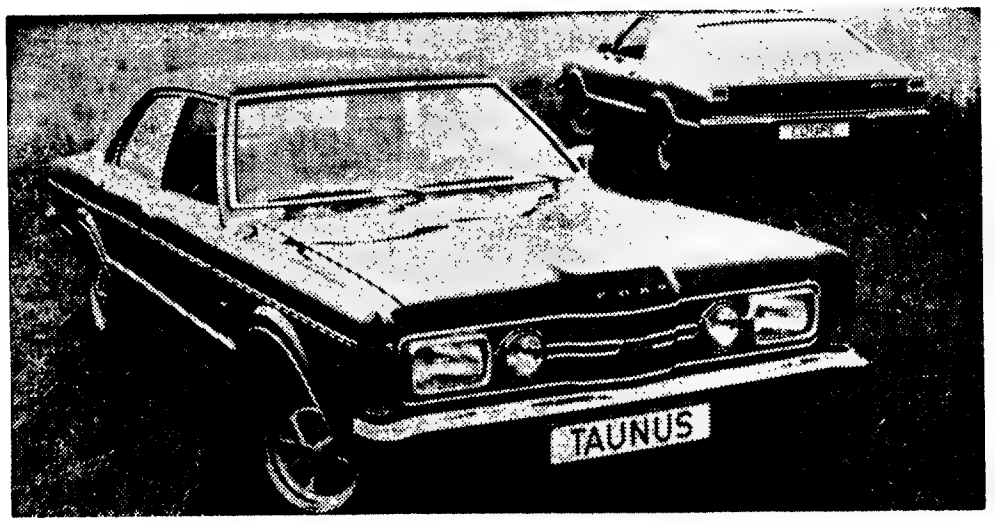
Um ano depois da mudança de Poder em Bonn, o Partido Liberal e a União Cristã Democrata estão sempre à procura do equilíbrio interno. O partido social-democrata, quanto a ele próprio, não encontrou ainda, por seu lado, um estilo de Governo.

Máquinas de Tricotar
MODELO DUPLA
Swiss Magic
SUPERAUTOMÁTICA
PRODUTO DA INDÚSTRIA SUIÇA DE ALTA PRECISÃO
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA - R. António Enes, 20-1.º - Tel. 535057
PORTO - Rua Formosa 172 - Telef. 26902
Pretendo receber publicidade e preços
Nome .....
Morada .....
Localidade .....

APRENDA
ALEMÃO
FRANCÊS
INGLÊS
PORTUGUÊS
CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE
● Ensino por métodos actuais
● Professores da nacionalidade altamente qualificados
● Instalações modernas
● Programa sócio-cultural
INSCRIÇÕES ABERTAS
LISBOA: Rua Marquês Sá da Bandeira, 16
Tels. 51496-534054-534062
BARREIRO: Avenida Alfredo da Silva, 57

TAUNUS REGRESSA À LINHA FORD

Philip Toussaint experimentou o novo modelo Ford. Ele relata aqui, em primeira mão, os resultados dos seus «tests».



O novo modelo

A Ford alemã renovou a sua gama inferior e decidiu ressuscitar ao mesmo tempo o nome Taunus. Os americanos tinham tentado fazer desaparecer esta designação que consideravam demasiadamente antiquada, a fim de a substituir por numeros. Parece que os alemães não simpatizaram com a ideia, pelo que se voltou á antiga denominação. Quanto ao mais, a Ford de Colónia abandona não só a tracção dianteira, mas também o motor V4, que não produziram os resultados que se esperavam. Em Colónia, pôde-se meditar no facto de que, no fim de contas, era preferível realizar com cuidado uma técnica experimentada de quo lançar-se em inovações mal acabadas.

Colónia criou, portanto, um novo motor quatro cilindros em linha, com uma árvore de dentes á cabeça comandada por correia dentada. Este motor é construído em três versões. A primeira é um 1294 cc com 59 ch DIN, a segunda um 1593 cc com 72 ch DIN e a terceira um 1593 cc com 88 ch DIN (para a versão GT). Encontra-se previsto um quarto motor que será montado na caixa destes novos carros; trata-se do V6 de 2000 cc com 90 ch DIN. Como acontece sempre com a Ford existe uma enorme possibilidade de opções relativamente aos equiparamentos L, XL, GT e GXL. Note-se, sobretudo, que, além dos quatro motores, há quatro carroçarias: um Sedan de duas portas, um Sedan de 4 portas, um Coupé de 2 portas e um Break de 5 portas.

STYLE LTD.

Os novos Taunus têm um aspecto macisso. A Ford aproveitou ao máximo o fenómeno do carro americano para a Europa e, na aparência, as novas berlindas Taunus, sobretudo o Coupé, dão uma impressão de luxo e comodidade incontestável. A Ford joga na Europa a cartada do automóvel de grandes dimensões, da grande e larga carroçaria á escala do nosso continente. Cartada que, nos Estados Unidos, já deu o que tinha a dar, como o prova o advento dos subcompactos. É evidente que uma certa clientela é seduzida por esta maneira ostensiva de apresentar um automóvel e não se pode censurar a Ford por se servir deste processo. Reconheçamos, aliás, que as linhas dos novos Taunus foram bem sucedidas com excepção do promontório colocado na guarnição do radiador para lhes dar um ar do grande Ford LTD. Questão de gosto.

No decurso da apresentação, conduzimos em especial o 1600 GT e o 2000 Coupé. As experiências começaram numa das pistas de ensaios muito acidentadas de Lemmel, tendo-se ficado logo impressionado com os progressos alcançados na aderência a um bom revestimento. É certo que a caixa é sujeita a grande tensão, mas a velocidade nas curvas é elevada e quando se atinge o limite não se nota qualquer reacção brutal.

As correcções são fàcilmente efectuadas. Seguidamente, nas estradas acidentadas das Ardenas, tivémos contudo de rever a nossa opinião. Neste caso, o eixo rígido é altamente incómodo e é necessário estar contínuamente atento ao seu comportamento. Notam-se, com efeito, as mesmas características do Capri. Num bom revestimento, tudo se passa bem, mas nas estradas más é preciso manter-se alerta. Todavia, Capri, no aspecto do conforto, isola muito melhor os seus ocupantes dos choques da estrada que os novos Taunus. Neste, os passageiros e o condutor ão submetidos a rude prova e mesmo os melhores assentos da gama (equipamento GXL) apenas parcialmente resolveu o problema das trepidações da suspensão. Está, em todo o caso, longe do conforto proporcionado pelas suspensões francesas que servem actualmente de exemplo nesta matéria.

Um aspecto muito positivo dos novos Taunus são os travões. Trata-se de um sistema misto de discos á frente, tambores atrás assistidos. É impossível encontrar-lhes um defeito, tanto sob o ponto de vista da resistência como sob o da potência. Além disso, a sua aplicação revela-se sempre muito razoável

A direcção é uma cremalheira que proporciona resultados válidos. A desmultiplicação não é exagerada e oferece ao mesmo tempo uma certa leveza que a torna agradável de manejar. A precisão é conveniente mas, em certos casos, tem-se uma pequena impressão de imprecisão. O diametro da «braquage» (9,6 metros) é muito válido para um carro destas dimensões.

MORDANT

E o grupo propulsor? Para a primeira centena de quilómetros, dispunhamos do V6 2000 cc. O automóvel revelou-se, então, francamente muito agradável quanto a mudanças e aceleração. Ao volante, experimentáva-se uma comodidade indiscutível eé possível atingir-se os 160 km/hora. Não é necessário mudar de velocidades pois, cada dificuldade, o motor lança-se de novo com muito boa vontade. Mas isso para nós não constituiu novidade, pois há muito que somos admiradores do motor V6 da Ford alemã.

O quatro cilindros com árvore de dentes á cabeça versão GT desenvolve quase tantos cavalos como o V6 dois litros mas não oferece a mesma flexibilidade e manifesta-se mais no aspecto sonoro. O carro responde fácilmente e tem-se prazer em trabalhar com a caixa, a qual, em ambos os modelos, se revelou muito bem sincronizada a agradável de manejar.

O aspecto interior varia, evidentemente, segundo o equipamento escolhido, mas o estilo euro-americano faz-se sentir em todos os casos. Está previsto para agradar á primeira vista, mas longe de possuir classe. Quanto aos acabamentos, não nos convenceu, apesar da desculpa da pré-série. Assim, no nosso automóvel, o ponto de fixação do cinto de segurança desprendeu-se, enquanto que o puxador de abertura da porta ficou na nossa mão. Neste ponto, temos interesse em experimentar em breve uma versão definitiva.

Os novos Taunus apresentam-se como euroamericanos típicos. A Ford levou a fórmula ainda um pouco mais longe, o que foi bem sucedido sob certos aspectos, mas não noutros. Para os que gostam de surpreender os vizinhos, avaliam um automóvel pelas suas dimensões e não são exigentes quanto ao conforto e acabamentos, os novos Taunus foram desenhados para eles. Além disso, é preciso não esquecer que eles possuem um bom motor, uma boa caixa e bons travões.

PHILIPPE TOUSSAINT

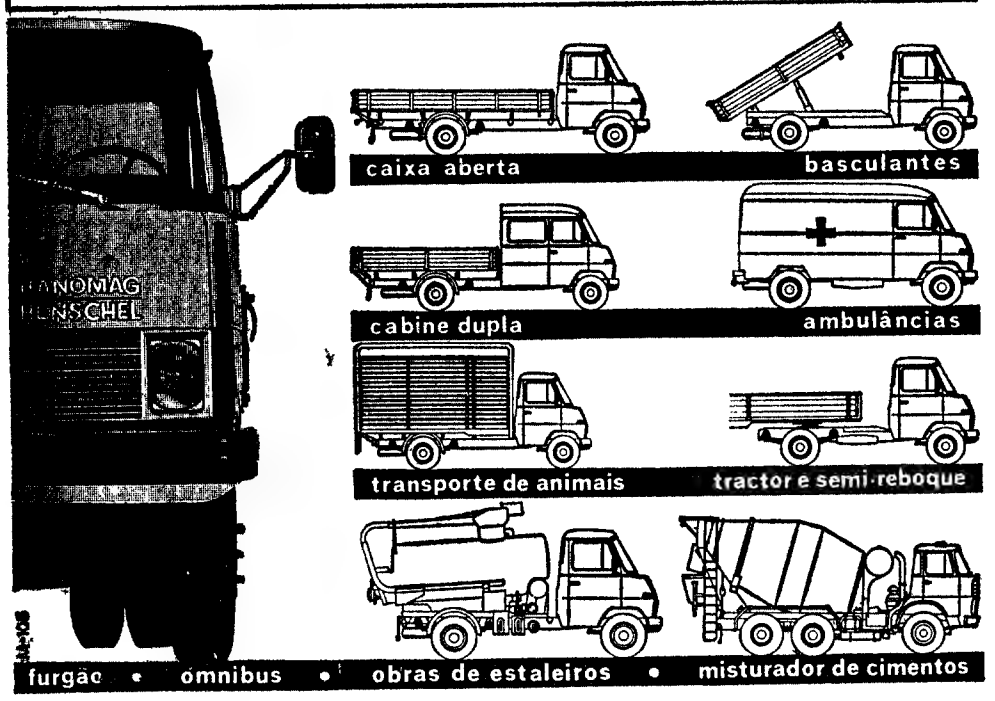
PÓPÓ CONCURSO
1 AUTOMÓVEL POR SEMANA!
MORRIS 1000

Para o sorteio do dia 14 de Outubro, no Porto, envie os seus postais até 9 de Outubro.

Para o sorteio do dia 21 de Outubro, em Lisboa, envie os seus postais até 16 de Outubro.

GRUNDIG — RÁDIOS TELEVISORES GRAVADORES E GIRA-DISCOS
Candy — MÁQ. DE LAVAR ROUPA MÁQ. DE LAVAR LOUÇA MÁQ. DE SECAR ROUPA
RING FAGOR — FRIGORÍFICOS E FOGÕES
VF Perpetuum-Ebner — GIRA-DISCOS AMPLIFICADORES
PROGRESS — ASPIRADORES ENCERADORAS MÁQ. DE COZINHA

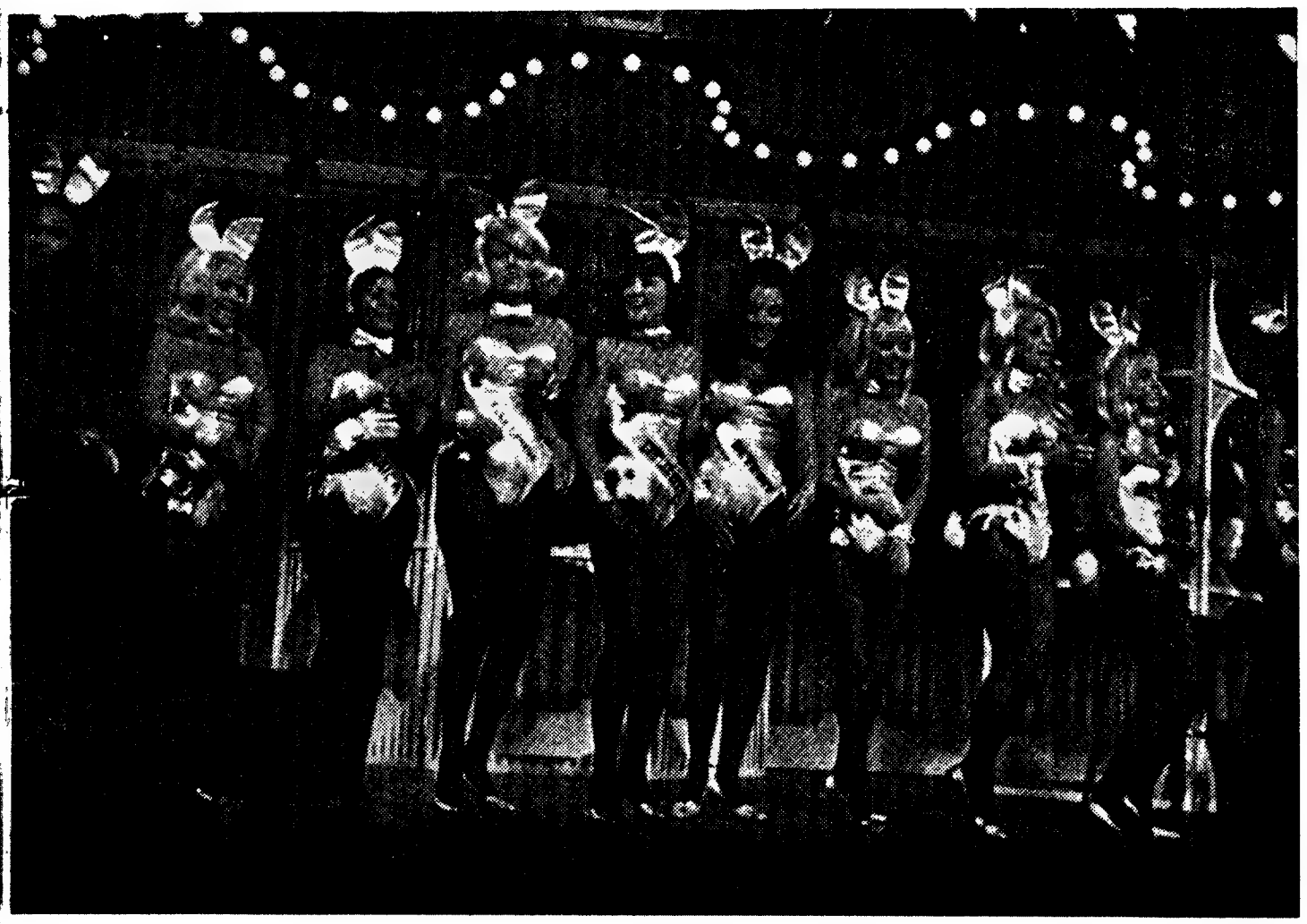
HANOMAG HENSCHEL
OFERECE-LHE VEÍCULOS DE CARGA DE QUALIDADE COMPROVADA!...



soluções económicas em transportes rápidos e rentáveis.
O COMPRADOR ATESTA A ROBUSTEZ, SEGURANÇA E CONFORTO. FACTOR COMUM A TODA A LINHA
HANOMAG HENSCHEL QUALIDADE E TÉCNICA EXPERIMENTADAS
REPRESENTANTES: IMPÉRIO DA BEIRA, AUTOMÓVEIS, S.A.R.L. • AV. GUERRA JUNQUEIRO, 24 C • TEL. 728081 • LISBOA-1
AGENTE NA ZONA NORTE: • A. M. DA ROCHA BRITO, LDA. • RUA SÁ DA BANDEIRA, 112 • PORTO

PLAYBOY —O MITO FÁCIL

«Cinco dólares por um império...» eis o título literário de uma tese de doutoramento em sociologia, que Jacques Mousseau defendeu brilhantemente. Analisando o fenómeno Playboy, cujo modesto primórdio no Outono de 1952, foi o aparecimento de um mensuário, que conta actualmente com 2 milhões de leitores e inspirou os famosos clubes Playboy, com cerca de 600 mil membros, Jacques Mousseau conclui que «Playboy se apresentou como o evangelho do prazer e como o evangelho do amor na sociedade da abundância». Efectivamente, Playboy cujas vendas atingiram, logo no primeiro ano 300 mil exemplares, abriu, com o seu advento, a era americana da coelhinha e da naná. O símbolo desta era é expresso pelas «bunnies» que decoram os clubes Playboy, símbolo em que se desforra toda uma geração frustrada de americanos endinheirados, entre os 20 e os 35 anos, filhos, de uma América entulhada de tabus, puritana, hipócrita, alimentada no ódio e medo visceral da sexualidade. Em combate frontal com a caducidade das leis americanas, que pretendem regulamentar a vida privada do indivíduo, Playboy, sob uma aparência licenciosa, defende firmemente a liberdade sexual. Hugh M. Hefner, fundador da revista e senhor do império Playboy avaliado em cerca de 100 milhões de dólares, tenta abalar a sociedade, derrubando os tabus e modificando as leis.



Elas são de todo o Mundo: Londres, Paris, Las Vegas, Estocolmo, Roma, etc. São as «Sunnies». Também pertencem ao Mundo, com as suas pernas altas e orelhinhas felpudas...

ESTRATÉGIA AMBIGUIDADE

Em suma, e citando Jacques Mousseau, era necessário que o mundo negro do sexo se tornasse cor-de-rosa. O que não é fácil, apesar das ilusões ingénuas do europeu, que ainda crê que os Estados-Unidos são um país sem preconceitos, em que o indivíduo é livre.

Segundo a óptica de Hefner, Playboy inserindo-se na linha de liberalização económica e do consumo, encaminhava-se para o que Vance Packard designou por Era da dissipação.

No fim da guerra da Coreia, os Estados Unidos entraram na fase de consumo a larga escala, como meio de defesa contra um retrocesso ameaçador. Assistiu-se assim a uma transformação rotativa do esquema delineado por Marcuse: «Com efeito reparamos que a civilização moderna perdeu as formas intocáveis de interdição vis-á-vis de Eros. Ela não se estrutura mais pela repressão. Pelo contrário, tudo leva a crer que o Eros será chamado a estruturar e a ditar a civilização».

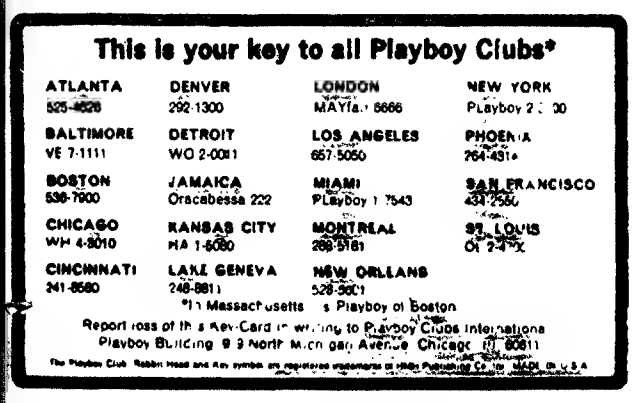
Numa ânsia de libertação dos preconceitos recalcados, surge nas colunas de magazine, o desabafo de uma jovem América que faz corar as velhas senhoras dedicadas aos «correios sentimentais».

Sem procurar sobrestimar a influência de Playboy, a verdade é que se nota um recuo nos horizontes preconceituosos das igrejas reformistas, que isolando-se da herança hipócrita que atribuem á influência cristã, aceitam benévolamente as intenções de Hefner ao salvaguardar, tácticamente, o Deus calvinista da esfera da sociedade da abundância.

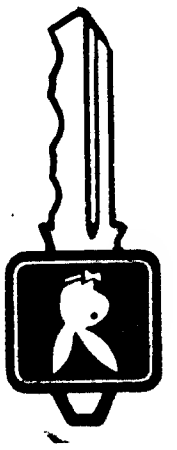
Tornado instituição de sucesso prodigioso, só possível na sociedade americana, criticando o facto (verdadeiro) de uma América sexualmente doente e desactualizada, até que ponto, no entanto, põe em causa o terreno em que se move? A terapêutica de habituação sexual nunca foi remédio revitalizador, a ambiguidade nunca destruiu tabus nem abalou sistemas. Num momento em que a mulher hasteia a bandeira da emancipação, «elevá-la» ao nível de atracção, é talvez libertá-la da imagem de virago virtuosa, mas não é reconhecer-lhe, de modo nenhum, o direito da igualdade. Também com a inserção, nas suas capas, de «bunnies» negras, Playboy não arrisca qualquer comprometimento no movimento racial.

Ambíguo, prudente, fruto de uma época que tenta modificar numa reacção, que em última análise, não contesta coisa nenhuma nem provoca grandes oscilações, Playboy coloca a felicidade, o patentear das frustrações recalcadas ao alcance do dólar. Numa palavra, Playboy ou a liberdade sexual e o prazer de viver ao alcance dos detentores do poder de compra, ou ainda a felicidade sexual como bem de consumo na sociedade da abundância...

(adaptado de um ensaio de Claude-Michel Cheny)



Hugh Hefner, o multimilionário que fez do Playboy um mito. Fácil?!



CRESCE, CRESCE CONSIGO

Dia a dia, a árvore da vida não pára de crescer.
Amanhã, as suas necessidades e posses serão maiores.
Garanta-lhes um crescimento constante;
não limite essa evolução a um seguro de vida estático.

seguro BASE — Acompanha passo-a-passo todas as situações do seu amanhã, permitindo-lhe criar para si próprio, um PLANO DE PREVIDÊNCIA individual.

seguro BASE — Representa efectivamente, uma base para o seu futuro; e além disso, poderá mudá-lo sempre que a vida mudar.

seguro BASE — Permite-lhe desde já:
- proteger-se a si próprio na velhice.
- criar o capital necessário para pagamento de bens que compre ou de empréstimos que contraia.
- garantir a educação de seus filhos.
- garantir a estabilidade económica dos seus familiares.

seguro BASE

Na base do seu futuro
UM NOVO SEGURO DE VIDA DE
A MUNDIAL

QUO VADIS ROMA?

BRUXELAS &

«Cristão, quem és tu? Em quem e em quê acreditas? Qual é a essência da mensagem evangélica? Qual é o teu credo?» Eis algumas perguntas que a teologia não pode iludir, perguntas cada vez mais embaraçosas à medida que se cava o fosso intelectual e psicológico entre o revestimento tradicional da fé e o homem do nosso tempo.

Para obter respostas a estas e outras questões se reuniu o «Congresso Internacional de Teologia», em Bruxelas, sob o signo *«A Teologia morreu. Viva a Teologia!»* Na presidência, o padre Schillebeeckz. Duzentos participantes no Concílio. Centenas de jornalistas. Mais de setecentos observadores vindos de todas as partes do mundo, ávidos de assistir ao debate sobre o futuro da Igreja. Ao lado disto, uma organização deficientíssima, a provocar o descontentamento de observadores e jornalistas. No final, uma autocrítica rigorosa, pedidos de desculpa, esclarecimentos.

Uma certeza: a teologia puramente especulativa nada tem a dizer ao homem contemporâneo. No entanto, todos sabem que uma religião privada de pensadores corre o risco de mergulhar no arbitrário, na esclerose, no pseudomisticismo, na superstição. A renovação do *Vaticano II* só foi possível graças à contribuição de uma falange de teólogos. Se não deu mais frutos foi, numa certa medida, porque a hierarquia, amedrontada pela amplitude das reformas, tem a tendência para se entrincheirar em posições da retaguarda que não satisfazem nem conservadores nem progressistas. Para estes, o medo é mau conselheiro e a salvação só pode vir na audácia e na imaginação.

LIBERDADE PARA A TEOLOGIA

A Teologia precisa de liberdade para desenvolver a «sua função essencial de crítica à Igreja e à Sociedade». Afirmou o Padre Schillebeeckz: «É próprio da Teologia perturbar a falsa quietude do «establishement». Para isso, é indispensável que a teologia se «desclericalize». Com efeito, se uma das razões pelas quais os laicos se desinteressam da vida e das estruturas da Igreja provém do facto de que nunca participaram no seu governo (como notou Antoine Van Den Bogaard, presidente da fundação *Concílio*) não é menos verdadeiro que, como disse o padre Jossua, dominicano francês do Saulchoir, «diante das tarefas teológicas do nosso tempo os «clercs» como tais são infecundos, o que não causa admiração porque, numa larga medida, cada qual tem a teologia de que precisa.» «Eis porque o orador desejou que uma oportunidade de maturidade teológica autêntica seja dada aos laicos portadores de riquezas que lhes são próprias.»

Walter Kasper, teólogo alemão, afirmou que «a fé, perdido o contacto com a realidade, chegou a uma situação extremamente precária.» O Padre Schillebeeckz: «A fé não pode compreender-se sem passar, ela própria, pela psicologia e pela sociologia. Estas ciências representam um papel insubstituível na formulação da fé. A Teologia não pode ignorar, por exemplo, as interpretações legítimas da psicanálise ou a teoria crítica da sociedade». E o padre Chenu: «Não há teologia sem antropologia».

A IGREJA AMANHÃ

O Congresso debruçou-se largamente sobre o tema *«A Presença da Igreja na Sociedade de amanhã»*. A exposição principal coube ao padre João Baptista Metz, da Alemanha, membro do Comité da Direcção de *Concílium*. Falaram ainda Antoine Vergote, psicólogo e sociólogo belga, e Gregory Baum, teólogo e ecumenista do Canadá

Para o Padre Baum «a maneira de apresentar o Evangelho é muitas vezes uma subtil defesa do sistema eclesiástico, do poder pessoal e dos privilégios sociais. A tarefa da Igreja não consiste sòmente em descobrir a forma que o demoníaco, actualmente, pode tomar, mas, também em detectar na cultura e na sociedade as obras maravilhosas do Espírito. A Igreja tem necessidade de dialogar com a cultura ambiente para formular o seu testemunho de fidelidade a Jesus Cristo».

NOVAS ABERTURAS

A nota mais audaciosa do *Concílium* foi, sem dúvida a tomada de posição relativa à sexualidade. Para o Padre Vergote «a moral cristã afasta da Igreja inúmeros homens que estariam aptos a tornarem-se cristãos e o desejariam. Duvidamos ter mais confiança no poder do bem que comande a humanidade em pesquisa e não nos apresentarmos como os detentores sectários de um saber ético antecipadamente garantido.

O Congresso de Bruxelas formula a convicção de que os crentes de 1970 serão sensíveis às palavras do Padre Raymond E. Brown (Estados Unidos) que declarou: «o cristianismo não é monolítico; o pluralismo é um valor que não devemos desprezar. Na nossa época, damo-nos conta de que as fórmulas do credo têm os seus limites. O credo não é verdadeiramente a mensagem fundamental: ele reflecte sòmente as formas tomadas pela mensagem em função dos perigos e dos problemas do passado».

E o Padre Karl Rahmer (da Alemanha): «Acabe-se com a repetição monótona das fórmulas antigas, porque esta monotonia provaria que se não leva em linha de conta esta verdade histórica: o auditor transforma-se. A mensagem deve tomar em consideração a situação concreta do seu auditor. Não se pode ensinar o catecismo da mesma maneira ao chinês, ao congolês, ao islandês, ao esquimó, ao camponês dos Andes e ao operário citadino. Se todos os missionários de outrora tivessem compreendido isso melhor, a evangelização da Ásia, por exemplo, não teria tão massivamente fracassado.»

MONOLITISMO, NÃO

É ainda cedo para avaliar, em toda a sua extensão os, efeitos do Congresso Internacional de Teologia, organizado no âmbito do pluralismo, ou seja, no sentimento de que a realidade, sendo inesgotável, pode ser apreendida nos seus variados aspectos por pensadores diferentes cujas conclusões ficam sujeitas à prova do real que se encarregará de eliminar o que é falso. Os congressistas do *Concílium* não tiveram a ambição de dar uma formulação extensiva da mensagem cristã, o que representa uma tarefa colossal. Limitaram-se a pôr algumas questões para meditação dos auditores do nosso tempo. Através das intervenções apresentadas ficámos com uma ideia nítida dos esforços empreendidos por aqueles que, no seio da Igreja, empregam toda a lucidez para a transformar numa Igreja do nosso tempo, em observância da Mensagem: manter a esperança e o amor, trabalhar pela humanização da sociedade, pela supressão do sofrimento e da opressão dos indivíduos.

MASHA MLADOVA

Por: JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS

Em virtude de deficiências técnicas terem tornado ilegível a crónica «Masha Mládova», inserida no primeiro número deste suplemento, voltamos hoje a publicar — a pedido de muitos leitores — aquela correspondência de Nova York, do nosso estimado colaborador José Rodrigues Miguéis. Ao autor, bem como aos leitores, as nossas desculpas.

Masha Mládova, rapazes, só vendo: judia (russa) mesmo boa. Vinte, vinte e um anos, sobre o alto, flexível, delgada de cintura e artelhos, e tudo o que se chama curva bem no seu lugar. Bonita, bonita que se diga não era: havia mesmo quem a achasse feia. Que isto de beleza!... Um pouco sardenta, sim, como é frequente na raça. Era a expressão que a tornava irresistível: um fogo nos olhos pardos, cor de avelã meia verde. Não que fossem grandes, rasgados ou pestanudos: quando ela se exaltava ou zangava, o que era frequente, tornavam-se esféricos, salientes, comiam-lhe o rosto com um fulgor interno, de brasas. (Talvez um toque de hipertiroidismo!) A boca sobre o grosso, vermelha sem pintura, desdenhosa mas secretamente sensual, que ela mordia às vezes até sangrar, custava a gente desfitá-la. Um toque de buço. O cabelo, uma juba densa, negra e luzente, sacudida ao vento ou na discussão, sobretudo quando ela tinha dificuldade em achar as palavras numa lingua estrangeira, e se enfurecia mais, e corava, arrebatada!

Era a andar que ela fascinava: «arrentava», camilianamente falando. Um andar de cobra em pé, se tal fosse possível, parecia ela que pousava um pé adiante do outro, e o seu corpo todo ondeava, coleava, parecia levantar voo a cada instante!... Era música, era dança, era um repto e uma promessa. Irradiava mistério e sensualidade. E então duma pureza intransigente e feroz. Esther ou Judith inabordável, Vestal com algo de Amazona e de Terpsícore... E tesa! Não se lhe podia dizer uma galanteria que ela não corasse de raiva. Um dia atrevi-me a elogiar-lhe discretamente os gastrocnémios, e se não me desguio a tempo, ela ferrava-me um estalo! Ainda fiquei a gostar mais dela: bravia, o meu género. O pudor é o mais provocador de todos os coquetismos!

Ouvia-a falar num meeting, sem entender patavina — em yiddish! Para mais, a voz um pouco velada, sacudida, com pausas entre os jactos de eloquência áspera. Medíocre oradora. Mas o suéter vermelho-fogo, quente e felpudo, cingia-lhe o busto como uma cota de malha fina, incendiando-a mais: Bellona enfurecida! Com as mãos compridas e delgadas, de dedos fuselados, mal cuidadas, arredava num gesto irritado a trunfa teimosa, sempre a cair-lhe para a testa, a fogueira dos olhos. Vi nela a própria matéria de que faz a eternidade e pureza do Povo Eleito. Fecunda à vista desarmada, bíblica, abraónica, capaz de concretizar a promessa do Senhor: *«Veni foras, suspice caelum, numera stellas si potes: sic erit semen tuum!»* (Até me arripio todo...)

Tal era a Masha, pena tenho eu de a não poder pintar melhor. Admira-se agora de que os homens andassem atrás dela como moscas? Mas tinham-lhe medo... «Com mulheres assim», disse eu uma noite ao Simão-Cracoviano, por cima da espuma das cervejas, nunca se vos acaba a raça. Que abismo, que vórtice! Abençoada ela seja!» E invejei o judeuzinho ruivo, pequeno, ortodoxo e subtil, que algum dia lhe havia de provar as primícias selvagens.

Era no inverno, e ela andava de botas altas, envernizadas, apertadas nos canos, que lhe davam às pernas um relevo alucinante. Apertava-nos desdenhosamente as pontas dos dedos, nunca mais do que isso, não se lhe fosse pegar a nossa gentilidade. Via-se logo que não apreciava os *goyim!* (Acha talvez que isto não tem importância? As Sagradas Escrituras têm pano para mangas...) Estudava Química Industrial: reprovada várias vezes, encolhia os ombros. As amigas já me tinham dito que ela era uma pianista de talento, e eu, mesmo dando um certo desconto, acreditei. Tinha estudado piano com uma professora vienense, judia búlgara (gente complicada!) ex-aluna do grande Leshetizky, que foi mestre de Paderéwki, já pode imaginar. Diziam elas que foi ele quem revolucionou a técnica pianística dos Russos. Eu já tinha notado que os Vronsky, por exemplo, tocavam (a dois pianos) com os dedos alongados, aparentemente flácidos, como se acariciassem o teclado e arrancassem os fortes e os pianíssimos por magia ou sugestão... Todo o esforço no pulso, e o som resulta líquido e homogénico. Assim tocava a Masha! Fiquei varado: que diabo fazia ela aqui, na Química! Devia estar na Salle Pleyel, no Palais des Beaux Arts, ou no Carnegie Hall! As suas mãos corriam o teclado como duas asas. Pedi-lhe Chopin, um Nocturno, uma Sonata de Beethoven, e ela tocou tudo: olhava-me de lado, irónica e desdenhosa. No fim, Bela Bartok. Tudo de cor, maravilhosamente, sem um erro — até onde eu posso avaliar! Tinha a capacidade de se integrar na obra, de se lhe abandonar por completo, um médium. Quando a cabeça lhe descaía para o piano, o cabelo em cascata a esconder-lhe a cara, as mãos brandamente poisadas a suster um acorde prolongado (usava muito o abafador), ela própria era a Música. Amá-la num momento assim teria sido como ter nos braços um ser incorpóreo, imaterial, uma chama, o som, a vibração da luz! O meu desejo dela tornou-se tão imperioso, que tive de fazer força para não gritar ou chorar de desespero ou sentimento do impossível.

Naquela manhã de chuvinha dormente e tépida encontrei-a no claustro da Escola, e indaguei a respeito da amiga com quem ela vivia: não as vira juntas por algum tempo. (Eu até chegara a suspeitar...) Estava a férias, na terra. O meu coração pulou. «Venha então almoçar comigo», supliquei. Ela aceitou. Conversámos duas horas. De noite nem dormi a pensar nela: a sua imagem fosforescia-me na insónia.

No dia seguinte fui procurá-la, faltei ao meu curso, ela ao de Química Industrial. Deitámos até ao Bosque, deserto e calado debaixo da chuvinha propiciatória, de mãos dadas: A certa altura, nem a rir nem a brincar, com a boca seca, passei-lhe o braço pela cintura, ela não resistiu. Foi como se uma faísca tivesse saltado entre nós. A ocasião faz o amor, como faz o ladrão... Fomos até minha casa, ela tocou piano, e no fim... Jesus-Senhor! Fiz um *pied-de-nez* ao Simão-Cracoviano.

Foram duas semanas de lua-de-mel e melodia. A casa encheu-se de um aroma impregante de feminidade, sem perfumes nem disfarces. Um dia meteu-se a ler ou reler *Guerra e Paz*, ou o *Oblómov*, de Gontcharov, e durante quatro ou cinco dias não falou, não comeu, não amou: viveu de pão com queijo e chá, que eu lhe servia. Desgrenhada, sem banho, sem sequer lavar a cara, ninguém a podia arrancar ao divã. Tudo o que ela faz é com paixão! Talvez isto o choque: no fim levantou-se, sorriu-me com o ar trocista que lhe era peculiar, e disse:

— E então, mussiú, passou-lhe a febre? Não quer mais nada? Eu tenho de voltar para a Química Industrial. Au revoir!

Estendeu-me dois dedos moles e foi-se embora. Como se nada se tivesse passado! Ficámos amigos, eu desesperado. Mas nada havia a fazer. Palavra de honra, não acabo (nem começo) de entender estas judias russas!

Calou-se.

— E depois?

— Depois...

Olhou-me lamentoso, quase em lágrimas, e tornou:

— Era bom se fosse verdade, não era? Esta minha fantasia... Foi ao vê-la outro dia, num magazine de Israel: de uniforme de campanha, com a metralhadora a tiracolo... Engenheira-química e pianista. A Masha! — J. R. M.

A CORRUPÇÃO DA LUTA ANTI CORRUPÇÃO

SAIGÃO

Por: GEORGE MCARTHUR

SAIGÃO — O edifício, no centro de Saigão — baixo, atarracado, estilo colonial, — dificilmente faz lembrar a Scotland Yard ou o F. B. I.

Em muitas janelas falta um vidro, ou dois, e os velhos tectos mostram buracos no estuque. Nas salas das traseiras muitos dos «dossiers» cobertos de pó não foram utilizados em 20 anos. Muitos dos relatórios são escritos á mão.

Isto é o quartel-general de que os sul-vietnamitas chamam «o inspectorado» — a organização reestruturada segundo a nova Constituição de 1967 para combater a corrupção.

A atmosfera de desmazelo neste sujo e velho edifício indica claramente que a batalha se move no sentido de uma paragem. Ainda, a batalha está a ser valorizada, diz o inspector-geral Ngo Xuan Tach, um sorridente burocrata de óculos encavalitados na ponta do nariz há 40 anos.

Coincidentemente, ele está ligado ao presidente Nguyen Van Thieu pelo casamento.

Tach, que veio para o inspectorado há sete anos — quando era um simples burocrata sem poder — insistir que as suas relações com Thieu não têm nada que ver com o seu emprego.

«As minhas relações com o presidente Thieu são excelentes» diz ele sorrindo «apesar de algumas decisões suas com as quais não concordo».

Com efeito, esta é apenas uma parte das dificuldades do inspectorado. O seu trabalho pesado é tal que pouco pode ser decidido sem se olhar a muitos outros múltiplos factores.

Cada dia o inspectorado recebe cerca de 100 cartas queixando-se de prepotências governamentais das mais diversas espécies.

Isso, acentua Tach, sobe a cerca de três mil queixas mensais. Muitas destas são anónimas ou dizem respeito a assuntos significativos. Isso ainda fornece mais pistas e participações que todos os meses o inspectorado pode investigar.

«Temos 35 inspectores. São muito poucos» diz Tach «mas vamos arranjar mais 15 para o mês que vem».

Os investigadores são formados pela Faculdade de Direito, a maior parte nas casas dos 20 e dos 30. São apoiados por cerca de 200 funcionários e assistentes no quartel-general. Tudo isto, em contrapartida, é presidido pelo actual inspectorado — 18 membros dos quais seis são indicados pelo próprio Thieu, seis pelo Supremo Tribunal e seis pelo Senado.

Este corpo é empossado pela Constituição para investigar a corrupção em qualquer estrutura governamental. Contudo não tem poder executivo para reforçar as iniciativas e uma decisão semelhante passa pelo presidente.

Com efeito, Thieu exerce um poder de veto sobre decisões do inspectorado. Em particular o presidente opôs-se já a determinadas investigações sobre actividades de militares.

Apesar do inspectorado ter tido alguns êxitos ao conseguir que alguns funcionários menores ou oficiais subalternos fossem reprimidos, transferidos ou interditos, tem falhado inúmeras vezes em conseguir sentenças contra individualidades da estrutura governamental ou de altos níveis militares.

O caso mais embaraçoso foi o da promoção de coronel a brigadeiro de Nguyen Van Toan, apesar da recomendação e informações do inspectorado segundo as quais ele devia retirar-se. Sabe-se que ele fez uma pequena fortuna usando camiões do Exército para transportar especiarias de áreas da província de Quam Nang, sob o «contrôle» do Vietcong.

Sem muito espírito de humor, Tach desmente que o caso de Toan tenha sido «sabotado» por Thieu. Ele diz que o presidente apenas pediu mais informação que está a ser agora reunida.

Tach admite, contudo, que está efectivamente a investigar as actividades dos generais desde que o inspectorado é a única organização que especificamente estuda os casos de corrupção.

Outro caso embaraçante para o inspectorado é o escândalo que rebentou num hospital militar onde um major morreu e um jovem médico acusado de o ter morto foi abatido a tiro pela polícia militar. As autoridades dizem que o médico, que tinha armado os seus doentes, provocou um motim de quatro dias, suicidando-se depois. Mas a bala que o matou entrou pela maca. Jornalistas que investigaram, encontraram escandalosas pistas de corrupção no hospital. O major morto roubava nas rações e vendia arroz. Outros estavam envolvidos no desvio de medicamentos e de géneros. Um capitão participou destes casos ao inspectorado.

Actualmente há querelas entre pessoas cultas em Saigão — dentro e fora do Governo e peritos ocidentais — acerca da extensão e importância da corrupção e sobre o que se pode fazer para a evitar. Não se discute, por unanimidade, se ela é geralmente praticada.

À medida que a inflação cresce, a corrupção aumenta. Funcionários subalternos e polícias bem como pessoas com salários fixos quase todos são vulneráveis. Um cego pode conseguir uma carta de condução por mil piastras (cerca de 75 escudos).

Tais coisas sempre sucederam na Ásia (e também noutros lugares). Quando o suborno não é exagerado, ele é bem recebido pelas duas partes. Pelo menos, é uma forma de fazer com que as coisas andem para a frente.

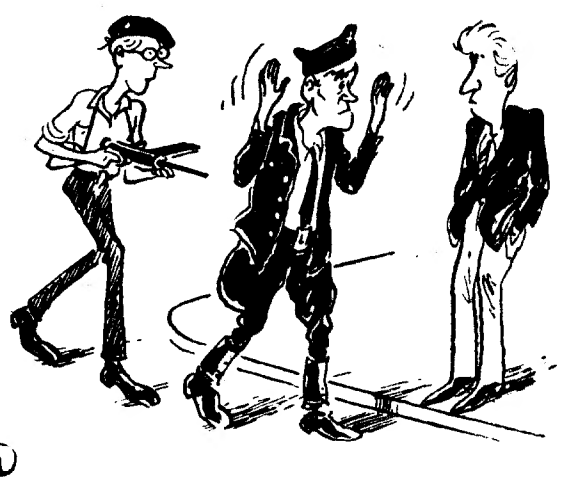
Ao alto nível, a corrupção é mais elevada, também. Principalmente por causa do influxo de dólares americanos que vêm excitar os sempre imaginativos vietnamitas.

Um pouco de «jeito» é aceite por quase toda a gente. As pessoas sabem que o dinheiro fica na comunidade. Mas não admitem que um funcionário atire o dinheiro para qualquer outro lugar.

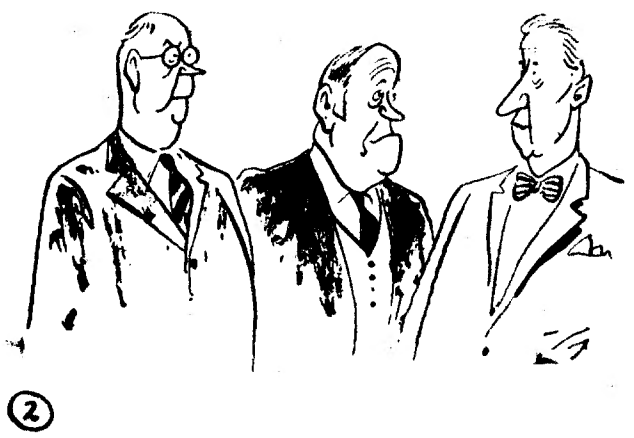
Em teoria, esse é o ponto para que alguns cidadãos irados escrevam aos inspectorado e soprem o apito. Em teoria, faz-se alguma coisa. Pelo menos, o povo vietnamita é protegido da corrupção em teoria.

PUNCH

QUE ACONTECEU AOS COMBATENTES DA 2.ª GUERRA MUNDIAL



1945 — Três «europeus» que dificilmente se podem considerar como vivendo em harmonia...



1970 — Os mesmos três combatentes enfrentam agora lado a lado, o aumento de peso, os impostos e os problemas de estacionamento

1945 — O sargento Smith e o sargento Schmidt no decorrer da última batalha

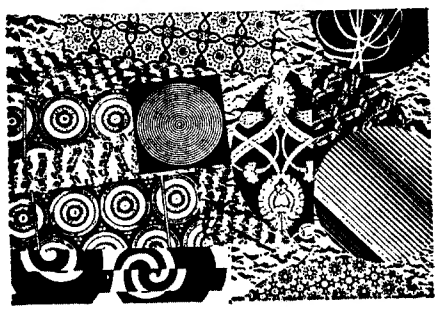
1945 — O soldado Mitsubashi «saindo» de Singapura a caminho de Tóquio

1970 — O sr. Mitsubashi saindo de Tóquio a caminho de Singapura

1945 — Kostas Chladakis à saida de Dachau

AINDA A EXPO 70 ESSE NEGÓCIO NIPÓNICO

OSAKA



Segundo os organizadores da Exposição Universal de Osaka, todos os «records» de exposições universais ou internacionais, mesmo os de Montréal, foram batidos: em seis meses o número de visitantes atingiu sessenta e quatro milhões. E, facto sem precedente nos anais das exposições, está longe de acabar em «deficit», terminou com um lucro considerável, calculado provisóriamente no equivalente a cerca de 150 milhões de francos actuais.

O pavilhão nacional mais frequentado foi o da União Soviética, pelo qual passaram mais de vinte e cinco milhões de visitantes e o dos Estados Unidos com menor número. Outro dos «records» da Exposição foi o da disciplina e paciência, de que deu provas a multidão quotidiana. Enquanto que a superfície da Exposição podia tèc-[illegible]amente receber um máximo 450 mil pessoas, registou-se, num só dia, mais de 800 mil.

A Exposição decorreu, no entanto, sem nenhum acidente nem nenhuma das peripécias temíveis preditas pelos pessimistas, tais como engarrafamentos monstros, pânico de multidões, atentados contra os altos dignatários estrangeiros ou manifestações violentas de estudantes revolucionários.

A IMAGEM DO ÊXITO

Fazendo-se o hospedeiro de setenta e sete países do Mundo, organizando a vitrina de todas as novidades do nosso tempo, levando os melhores arquitectos e artistas vindos de todo o Mundo a concorrer para a sua construção e os seus espectáculos, a Exposição mostrou ao Mundo um Japão, que se quer hoje entre o pelotão frontal das nações modernas.

Efectivamente, por muito internacional que tenha sido, a Exposição foi antes de tudo um negócio nipónico, feito para os japoneses. Enquanto que em Montreal, 48% dos visitantes foram estrangeiros, em Osaka, sendo dada a dispersão e afastamento geográfico do Japão, a proporção foi de menos de 3%. Calcula-se um milhão e setecentos mil visitantes de além-mar, dos quais a metade era americana. A multidão era quase inteiramente japonesa. Como resultado da curiosidade intensa deste povo, e também do seu gregarismo, que faz com que se o vizinho lá vai, é preciso que cada um vá igualmente, todo o Japão se concentrou em Osaka. Trezentos e cinquenta mil viajantes por dia tomaram o super-express entre Tokyo e Osaka, durante todo o mês de Agosto, mantendo a linha quotidianamente cento e dez comboios em cada sentido.

Os espectadores da «Expo» vinham do arrozal, da montanha, ou de milhares de cidades de pescadores e de marinheiros. Cheiravam ainda a palha e a água do mar. Diante da décor do ano 2000, rústicos e grosseiros, sentiam-se ainda sobrecarregados pelo passado e pelas tradições, mas também, num contraste tipicamente japonês, traziam a tiracolo as invenções do mundo moderno: camaras, transistores, gira-discos e outras recordações.

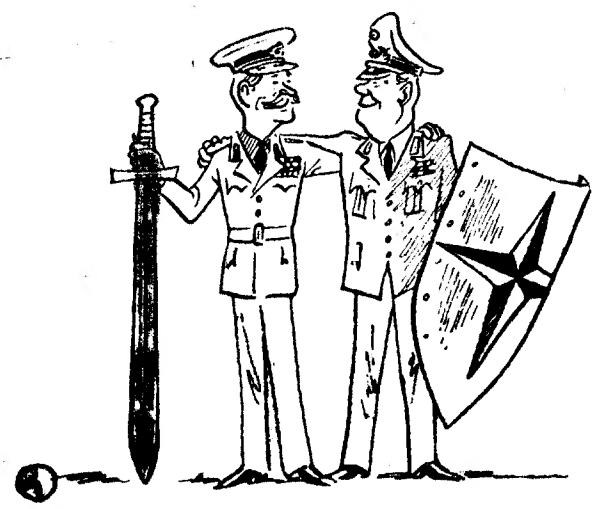
Pode-se no entanto perguntar se a Exposição não terá contribuído de modo considerável, para o desenraizar deste povo, pela técnica que está em vias de desordenar o arquipélago, de demolir as suas paisagens e de anular a sua antiga civilização rural. Não terminou ela sem que a ouvissem, respondendo ao coro por vezes irritante dos louvores de autosatisfação, das críticas e reflexões carregadas de inquietação? A oposição da esquerda jogou bem, censurando-lhe ter desviado a atenção dos verdaderos problemas políticos e sociais. E não é por acaso que a actualidade recente teve como principal assunto, depois da Exposição, a poluição, isto é, todos os envenenamentos e males que traz consigo, esta civilização urbana e mecanizada de que a «Expo» dava o reflexo.

Não continha ela também a imagem delirante e mais contestável do capitalismo industrial japonês, no seu contraste muitas vezes chocante entre a formidável potência da técnica, do dinheiro e dos comerciantes, e de milhões de pequenos de destinos estreitos, tomados na multidão robotizada e submissa? Ouvimos num comboio, dois camponeses que diziam: «se é este o Mundo de amanhã, eu prefiro muito mais o antigo».

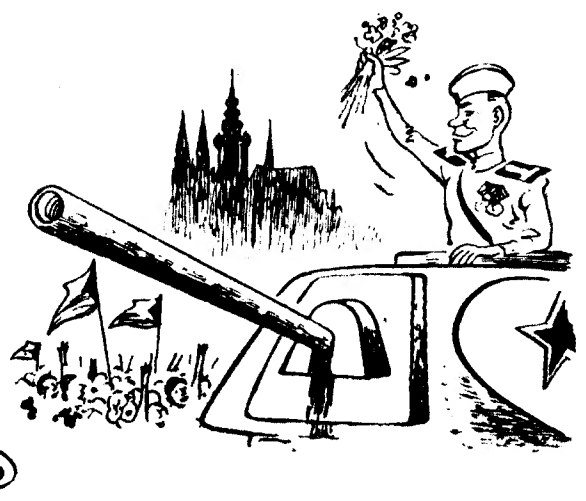
Agora, é preciso demolir tudo. Os japoneses perguntam então se a «Expo» não foi uma monstruosa inutilidade. Seria necessário lançar tantos bilhões pela janela para a publicidade de setenta nações e o prestígio do novo Japão, quando haveria tanto a fazer pelo Japão ou por qualquer outra causa com somas tão fabulosas? Uma das lições de Osaka é, sem dúvida, que a fórmula actual das exposições universais fez o seu tempo. A próxima exposição não poderá verdadeiramente ser chamada internacional, senão abolindo a concorrência dos nacionalismos e a corrida aos «records», para consagrar os seus bilhões a uma empresa de cooperação sem etiquetas nacionais.

ROBERT GUILLAIN

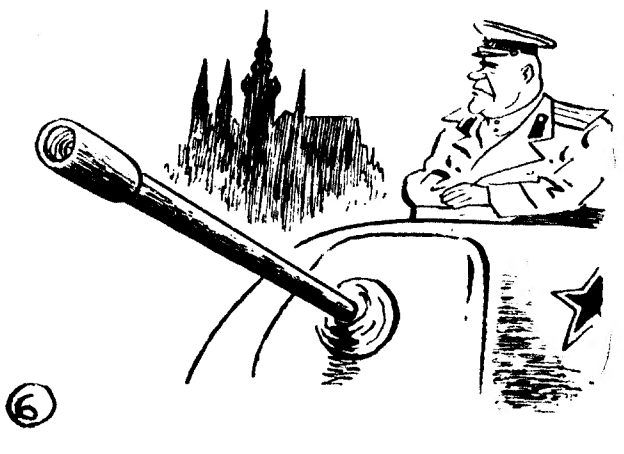
FRITZ BEHRENDT DO PUNCH COMENTA À SUA MANEIRA OS ÚLTIMOS 25 ANOS...



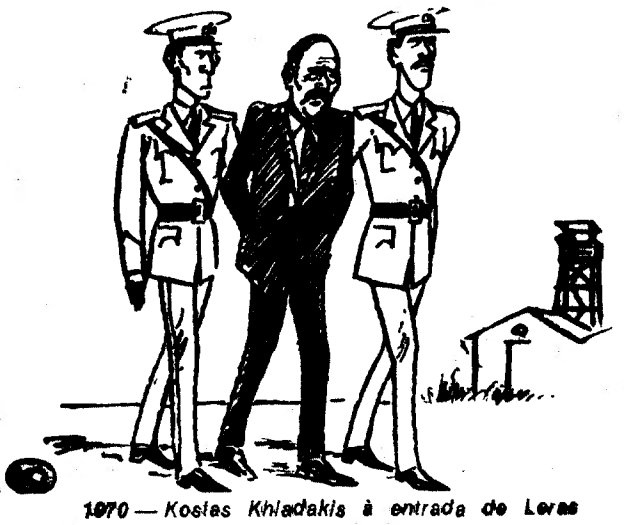
1970 — Os mesmos, lado a lado, na NATO, celebrando o novo adiamento da nova «guerra que vai pôr termo a todas as guerras»...



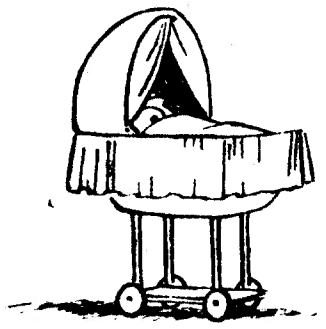
1945 — Ivan Petrov liberta os checos



1970 — Ivan Petrov relibertar os mesmos



1970 — Kostas Khiadakis à entrada de Leras



Pedro nasceu em 1945 — Tudo isto, para ele, é «apenas» história antiga

Com o cartão
RAIL EUROP JUNIOR
os jovens com menos de 21 anos terão a redução de 25 %.

nas suas viagens internacionais
entre PORTUGAL-BÉLGICA-ESPANHA-FRANÇA
HOLANDA-ITÁLIA-LUXEMBURGO E SUÍÇA
Informe-se nas estações e nas Agências de Viagens
CP - Departamento Comercial - Publicidade

Relógio de Senhora

AUTOMÁTICO
CALENDÁRIO
INCABLOC

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUISSA

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057
SERVIÇO
estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

RIO DE JANEIRO

O JOGO DA VERDADE

Por CHIANCA DE GARCIA

HÁ vários anos que, de teimoso, nestas *Cartas do Brasil* insisto em convencer os portugueses de que não devem esquecer-se de que lhes cumpre defender, de todas as formas, aquilo que é, de facto, *o nosso maior património: — a língua portuguesa.* E não só o idioma, mas também a cultura. E defendê-la, principalmente, neste grande Brasil, onde vivo e que dia-a-dia se encaminha para, no mundo de amanhã, ter uma excepcional importância.

As repúblicas da América Latina, na sua maioria, mantêm viva não só a língua, como a cultura espanhola. Aqui mesmo, nestas colunas, tenho mencionado o facto. Portugal, porém, não criou no Brasil nada que se pareça com o hábil *Instituto de Cultura Hispânica*, que sabe maravilhosamente tecer a sua teia.

Tudo isto já disse e repeti mil vezes, eu sei, perdoem. Por teimosia, repito. Sem justas consequências, se exceptuarmos, é certos, as corajosas tentativas de Maria de Lourdes Belchior, quando aqui esteve uns breves anos. No entanto, esta semana tive a alegria de encontrar nos jornais a transrição de um trecho da carta que o prof. Marcello Caetano dirigiu a Austregésilo de Ataíde, agradecendo a sua eleição para sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras. Diz o nosso Presidente do Conselho:

«Tomo-a como imperioso incentivo para fazer quanto em minhas forças caiba no sentido de incrementar cada vez mais as relações culturais entre os dois países irmãos, aos quais incumbe a missão espinhosa de cuidar de um valiosíssimo património comum — o da língua Portuguesa»

Muito bem, Sr. Presidente. Mas o interesse maior tem de ser de Portugal. A ele é que compete criar uma força divulgadora da nossa cultura que é, no fundo, a base essencial da *Língua Portuguesa.*

Ora, e isto vem a propósito, aqui têm vocês o único texto que encontrei na imprensa, e saiu na revista «VEJA», acerca da recente publicação de um romance de Fernando Namora, e de que era editada, no Brasil, a sua primeira obra:

O Trigo e o Joio — Um bom romance contemporâneo do português Fernando Namora: a luta de um pequeno proprietário e sua família para resgatar a hipoteca de suas terras, as relações de trabalho entre os ricos agricultores e seus empregados na colheita do trigo. O neo-realismo revisitado numa narrativa impressionante, com lusitanismos que os brasileiros aproximarão do ridículo.

Seria isto possível, em Portugal, com um livro, por exemplo, de Jorge Amado?

O VOO DA FANTASIA

Escrito o que fica acima, resolvi viajar. Decidi-me por Londres, que sempre foi uma das minhas tentações. Passaporte em dia. Viagem de avião cedida, generosamente, não, não foi pela TAP. Mala aviada. Abraços no aeroporto. Poltrona confortável. Aperto o cinto. E encontro-me nas primeiras páginas do livro de Carlos Pinhão, intitulado *Londres sem Tamisa* (no Brasil é Tâmisa). Só depois, no ar, é que compreendi que viajava enganado. Carlos Pinhão não me ia levar a Londres. Levava-me apenas, e alegremente, para Lisboa. Não há Londres no livro. Há Lisboa. Há o espírito, a graça, a chalaça, o vocabulário, a anedota, tudo na melhor maneira alfacinha. Londres não existe. O negócio é Lisboa. O lisboeta pode estar na China, na Dinamarca, em Ceilão, no Rio de Janeiro, mas na verdade está sempre na Lisboa Amada. Tudo que os outros fazem, mas nós não fazemos, é ridículo. O lisboeta julga, mede, avalia em termos universais de Lisboa. E é nisso que o livro de Carlos Pinhão vale como uma sátira. Ou como uma história cómica em quadradinhos. De facto, ele, o autor, não está em Londres, está nos estadios assistindo a jogos de futebol. Quem ele coloca no livro é aquele lisboeta do quotidiano a quem cai como uma luva olhar desdenhosamente o que se passa no mundo dos outros. Então quando volta à Pátria, logo os caras da sua batota oferecem um lauto almoço:

— Ó pá, conta prà gente coisas dessa velha Londres...

Aí Carlos Pinhão não desilude ninguém. É infernal, desenhando a sua galeria de grotescos. Fala, conta, ri, gesticula, representa, e todos riem, ri Lisboa, e eu, com vocês rio também, e bato palmas, e falo, relembrando gírias esquecidas há muito. Ó, calão lisboeta!

TÁXI, POR FAVOR!

Mas já que estava em Lisboa resolvi dar um pulo ao Conde Barão.

— Ao Conde Barão, porquê?

Não só, leitor, porque o Conde Barão faz parte da minha infância, mas porque desejava abraçar um amigo. E lá fui. Êta rua dos meus tempos idos. Cá estou de novo. Sim, andei por aqui em jovem. Olha a velha Bica! — disse para mim, sorrindo. Ergui os olhos, nas janelas lá estavam as mesmas cortininhas transparentes de então. Mas ninguém, lá de cima, espiava mais a rua. Quem morará agora aqui? E meti pelo beco. Fui andando. Dirigia-me ao Boqueirão do Duro, n.º 59. Rangeu a porta. Entrei. Tudo aquilo me pareceu como já era nas aguarelas de Alberto de Sousa. Trepei a escada. Subi quatro andares. Toquei. Veio uma garota de lindos olhos:

— É aqui que mora o André Vaga?

— Quem. Não, não é aqui...

— Espera, meu bem, eu queria falar com o Mário Bravo!...

— É engano, senhor.

— Mas eu estou procurando o António Pinho...

— Ah! António da Conceição de Pinho? Esse é o meu pai. Mas ele não está...

— Puxa!

— O senhor é brasileiro? perguntou risonha.

— Não, sou seu patrício. Mas na verdade venho do Rio de Janeiro. Ele demora?

— Ah, não sabemos. Quer deixar algum recado?

— Quero. Diga-lhe que me ouviu dizer esta quadra:

«Ó minha terra de outrora
Nestes meus olhos de agora:
Nem por voltar te conheço.
Nem por lembrar me pareço.»

— Está bem, senhor.

— Não conheceu estes versos?

— Acho que não...

— Pois são do seu pai. Boa tarde, meu bem...

— Não quer deixar o seu nome?

— Não, ele adivinha

— E vim embora sem ter entrado na sala, ali tão perto, e que eu imaginei forrada de estantes cheias de livros, e onde António da Conceição de Pinho, usando os seus vários pseudónimos, incansàvelmente trabalha em obras culturais e didácticas.

A CÍNICA ANEDOTA

Já de volta, de noite, tendo na mão esquerda aquele copo de *whisky* que faz parte da publicidade de todas as empresas de viagens aéreas, vim, durante longo tempo, contemplando a Lua. Uma Lua gorda, zanzando no céu e que eu queria imaginar bem perto de mim. No espaço era ela, e eu. Cadê o teu prestígio, ó Lua? quis indagar como se ela me pudesse responder. Então lembrei-me de uma história que lera a bordo:

O presidente Nixon, preocupado em libertar a América do perigo de alguns milhares de bombas de gases venenosos que até hoje não tivera oportunidade de usar, resolveu, com raiva, afundá-los no oceano.

— Mas, Presidente, disse um dos seus assessores, mesmo no mar pode dar increnca. O melhor é mandá-las jogar na Lua.

— Estou nessa, sorriu Nixon.

— Lógico, Presidente, já que despojamos a Lua de todo o seu mistério o melhor é utilizá-la como lata do lixo dos *States.*

Esta anedota de humor — negrissimo, lembrou-me o desvario de um jovem pernambucano, pintor cemiterial, como ele se diz, e que há dias procurava, em Copacabana, uma sala para expor os seus trabalhos.

— Sabe, minha arte precisa de ambiente. Lúgubre, funebre, guiados apenas por velas de cera em cruz. Sou um pintor de cadáveres. Debruço-me sobre caixões, túmulos, jazigos, vala comum, procurando desvendar a decomposição gradativa dos corpos. E isso só posso mostrar num ambiente sinistro. Para que o mundo compreenda que estamos sendo escravizados pelos mortos. Para que o mundo se liberte dos mortos...

— Como?

— Fácil, fácil. Qualquer morto nos lembra o passado. O que é preciso é destruir o passado. Inventar um mundo só de vivos...

— Mas como?

— Aí é que está. Fazendo da Lua o cemitério de tudo que existiu no Mundo. O cemitério de todos os mortos. Arte, teatro, pintura, romances...

PORQUE NÃO DEIXAM A LUA EM PAZ?

Então voltei de novo os olhos para a Lua. Já não era a mesma de há pouco. Nem gorda, nem pálida, nem zanzando no espaço. Agora ia recuando, congestionada, o rosto explodindo num rubor de indignação. E julguei ver-lhe a boca desdentada, o nariz feito cebola, e os olhos chorando lágrimas de crocodilo. Mas antes de mergulhar na linha do horizonte ainda gritou para mim num linguafar do *underground* de Ipanema:

— A humanidade, pô, que tremenda chanfra! Isso ou: que curtição barata! — ambas elas sendo isto apenas: — que cambada!

Era a Lua fazendo o jogo da verdade.

O JOGO DA VERDADE

Porque, neste jogo, muito se tem falado últimamente. Exige-se o jogo da verdade na alta política do mundo. O jogo da verdade entre a guerra e a paz. O jogo da verdade entre a riqueza e a miséria. O jogo da verdade entre todas as raças. O jogo da verdade nas religiões...

Mas como? Onde é que a verdade se confessa? Onde se esconde? A verdade não será um eterno calcanhar de Aquiles?

E com isto voltei os olhos para o livro intitulado *As palavras dos outros* que me era entregue pelo excelente e bravo Baptista Bastos, mosqueteiro vibrante do jornalismo lisboeta. Sim, aqui está um livro que faz, no duro, o jogo da verdade.

Jogo que consiste em pôr à mostra o ado podre do ser humano. Nisso Baptista Bastos vence como campeão, usando apenas meia dúzia de perguntas. A verdade *do give a money*, na Alfama, a mentira clara da falsa vidente, o coração iludido do Chico Burro, a eterna incerteza da cantadeira, a verdade orgulhosa dos privilegiados, a rivalidade surda entre avó e neta, no artesanato do barro, o mundo perdido deste e daquele, o amargo envelhecer dos ídolos, a verdade intocável nos sonhos da infância, enfim, um jogo que magôa, que entristece, que faz sorrir, e que mais hoje, mais amanhã, é a verdade de todos nós. Mas não posso esquecer o jogo admirável da Aventura, como no caso exemplar do traficante que vem morrer junto ao mar algarvio onde nasceu.

Set. de 70, Copacabana

LIVROS E AUTORES

Muitos outros livros queriam, á força, entrar nesta carta de hoje. Não foi possível. Ficam para outras colheitas, como dizia Mestre Eugénio de Castro. No entanto quero lamentar ter saído errado, nestas colunas, o nome do belo livro do poeta (de Coimbra, creio) Alberto Pimenta. Aí vai o título, certo, mas que na verdade desafia a boa vontade de todos que têm de escrevê-lo. Chama-se mesmo: O LABIRINTO DONTE.